

Contos de Grimm

Volume 1

IRMÃOS GRIMM

A Bela Adormecida E OUTRAS HISTÓRIAS





Irmãos Grimm

Contos de Grimm – Volume I

A Bela Adormecida
e outras histórias

Tradução de ZAIDA MALDONADO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Os Irmãos Grimm e seus Contos

E.G.

Os irmãos Grimm, que nos legaram os contos hoje conhecidos como “Os Contos dos Irmãos Grimm”, eram sisudos eruditos que dedicaram boa parte de suas vidas à pesquisa.

Jacob nasceu em 1785 e Wilhelm, um ano depois. O pai deles, um advogado, faleceu quando eram ainda crianças, mas a mãe decidiu que os dois seguiriam os passos do pai – o que fizeram com o auxílio financeiro de uma tia. Nasceram em Hanau, Hesse, e frequentaram a universidade em Kassel, onde ambos formaram-se com sucesso em Direito. Não possuíam recursos para se estabelecerem como advogados e precisavam sustentar a mãe, então aceitaram o que lhes foi oferecido. Jacob tornou-se assistente de um famoso especialista em lei romana, o Professor Savigny, que lhe ensinou a pesquisa e plantou em sua mente tal amor por esta. Jacob tornou-se um dos grandes homens de seu tempo – não em matérias de lei, mas em filologia, o estudo da linguagem. Ambos irmãos eram fascinados por este estudo e seus interesses eram tão abrangentes e profundos que o Professor William P. Ker descreveu a filologia como sendo, para eles, o estudo não apenas das palavras, mas da História, da Alemanha, da Idade Média, das Letras Clássicas e da Raça Humana.

Logo Jacob e Wilhelm conseguiram ocupações que lhes permitiram dedicarem-se a seus interesses pessoais, dando início a um tratado sobre a língua germânica. Desenvolveram uma teoria que ficou universalmente conhecida como a Lei dos Grimm. Em todos os seus estudos foram pioneiros, começando do zero, sem nada, em absoluto, em que se apoiarem: nem estudos anteriores de outros, nem dicionários ou guias de raízes e derivações das palavras. Sob certo aspecto, Jacob foi melhor

estudioso, Wilhelm, melhor escritor, mas trabalhavam juntos em tal colaboração que é quase impossível distinguir suas contribuições. Por dez anos dedicaram-se à Gramática Germânica; depois enfronharam-se na mitologia de sua gente com o mesmo afincio, determinados em estabelecer algo comparável aos mitos nórdicos e eslavos, já bastante divulgados. Foi esta tarefa que concedeu ao mundo os contos de fadas, coletados como parte da evidência necessária desse trabalho mais amplo.

Estes contos passavam oralmente das mães aos filhos, ninguém sabia há quantas gerações, sem jamais haverem tido as formas de suas histórias fixadas pela escrita. Assim, uma família de, digamos, lenhadores ou carvoeiros que vivesse há séculos nas densas florestas poderia relatá-las de modo bem diferente de uma outra família que houvesse sempre vivido em regiões de céu aberto ou nas fazendas dos vales.

Jacob e Wilhelm ouviram com frequência esses contos na infância, mas agora os examinavam com outros olhos, olhos críticos, e com a esperança de que iluminassem a história, as crenças e os costumes da longa sucessão de camponeses alemães que haviam concedido a essas histórias suas formas finais. Os irmãos valorizavam as histórias por seu material folclórico, sendo portanto essencial que fossem obtidas tantas versões de cada história quantas possíveis, e que cada uma fosse registrada com absoluta fidelidade ao relato feito pelos camponeses em suas choupanas. “Não acrescentamos nada de nosso”, declararam quando da publicação dos contos, “não embelezamos nenhum de seus eventos ou traços característicos. Cada história é recontada substancialmente como a recebemos, embora precisássemos de alguma habilidade para distinguirmos suas versões”. Os Grimm encarregaram algumas pessoas de confiança de irem às cozinhas buscar com as mulheres mais idosas as histórias. Estes assistentes ouviam a mesma história vezes sem conta até as terem em todas as suas riquezas de dialetos e detalhes. Então os irmãos trabalhavam nos relatos com a precisão e o método característicos de seu povo, tomando uma frase aqui, uma palavra ali, como testemunhos de lendas e mitos esquecidos. Para eles, os gnomos, as fadas, os gigantes, os duendes das minas e os duendes amigos dos homens eram parte de um passado esquecido. A bacia de leite posta junto às brasas da lareira à noite pelas donas de casa para agradar aos duendes amigos indicava, aos olhos desses filólogos, um elo direto com os sacrifícios oferecidos antigamente

aos deuses nos altares. Os irmãos aprenderam que um gigante podia, aparentemente, ser tão velho quanto as montanhas, embora um anão já fosse um adulto aos três anos de idade, e um velhote, aos sete.

Descobriram que algumas crianças saudáveis eram substituídas em seus berços pelas crias das fadas para que estas últimas melhorassem os seus físicos franzinos, e que os buracos dos nós das madeiras eram portas pelas quais os duendes e as fadas adentravam às habitações humanas junto com os raios de sol.

Os Grimm demonstravam através de suas personalidades a meticulosidade e a solenidade típicas dos germânicos: pouco senso de humor e uma certa tendência para o romântico – que levou Jacob a admitir que, mesmo em idade bem avançada, a mera palavra “misterioso” continuava a entusiasmá-lo. Na juventude, ao menos, ele também demonstrara verdadeiro prazer pelas coisas simples do campo. Os irmãos dedicaram sua Gramática a Savigny, e Jacob escreveu que o verdadeiro poeta “é como um homem que se sente imensamente feliz onde quer que esteja, se lhe for permitido apreciar as folhas e a relva, observar o sol se levantar e se pôr. O falso poeta viaja ao estrangeiro e anseia por se exaltar com as montanhas da Suíça, os céus e os mares da Itália. Ele vai a estes lugares, mas permanece insatisfeito. Não é tão feliz quanto o homem que fica em casa e vê a macieira florescer na primavera e escuta os passarinhos cantarem em seus galhos”.

O primeiro volume de *Kindermärchen* foi publicado em 1812, o segundo em 1815, o ano da batalha de Waterloo. É estranho imaginar esses dois irmãos obstinadamente prosseguindo com suas pesquisas sobre o folclore germânico durante os conturbados anos das guerras napoleônicas, que tão diretamente afetaram o seu solo nativo – Napoleão havia incorporado Hesse e Kassel ao novo Reino de Westfália. Talvez seja ainda mais estranho que a tradução dos contos tenha chegado à Inglaterra tão rápido – apenas oito anos depois.

Na Inglaterra, os contos de fadas haviam tido a este tempo suas existências praticamente eliminadas pela sisudez inglesa. Eram classificados de injuriosas tolices, capazes de perturbar as crianças; e uma época de contos moralizantes e fatos de interesse em formatos digeríveis tivera início. É provável que a própria seriedade com a qual os irmãos Grimm haviam coletado os contos tenha ajudado a torná-los mais

aceitáveis na Inglaterra, abrindo assim mais uma vez os portões das terras das fadas às crianças inglesas.

Sir Walter Scott procedera da mesma forma ao esquadrinhar as fronteiras em busca das baladas coletadas e preservadas em seu *Border Minstrelsy*. Ele compreendeu o que os irmãos Grimm procuravam, e recomendou a edição inglesa dos contos a todos os lares.

Logo que completaram a Teoria da Mitologia Germânica – o que levou treze anos –, os irmãos embarcaram na gigantesca tarefa de produzir um Dicionário da Língua Alemã, mas ambos faleceram antes de terminá-lo. Próximo ao fim de sua vida, Jacob por vezes levantava as mãos, os dedos estendidos, dizendo tristemente: “Tenho um livro pronto a sair da ponta de cada um dos meus dez dedos – mas não sou livre”.

Quando tinha uns trinta anos, Jacob exercera um posto na Universidade de Göttingen e fora um dos sete professores que assinaram um protesto contra a interferência do rei de Hanover (aquela personalidade duvidosa, Ernesto, o Duque de Cumberland) em suas liberdades acadêmicas. Foi despedido da Universidade e banido do reino. Parecia um desastre, pois como poderia trabalhar sem o acesso a uma biblioteca erudita? Retornou a Kassel e labutou como pôde mas, felizmente, após três anos, o Rei da Prússia lhe ofereceu um cargo na Universidade de Berlim, onde daria continuidade ao seu trabalho.

Um outro filólogo famoso, Vigfusson, legou-nos uma vívida descrição de Jacob Grimm aos setenta e quatro anos, quando vivia em um apartamento na Linkstrasse, em Berlim. Não era muito alto, mas tinha um porte ereto, sua cabeça grande inclinava-se levemente, como se em pensamento. Tinha o rosto barbeado e carregava um semblante sério que pouco se alterava. Seus cabelos eram volumosos, lisos e prateados. Ler e escrever haviam cansado seus olhos, mas não usava óculos; ainda assim era capaz de encontrar o exato livro procurado e até mesmo de abri-lo na exata linha desejada. Era ordeiro em suas vestimentas e não fumava. A sala onde trabalhava, limpa e arejada; as paredes, cobertas de livros e, como única mobília, uma mesa maciça ao centro, e um banco ou sofá sem recosto ou apoio para a cabeça. Enormes volumes in-fólio se espalhavam por toda parte, alguns recostados nos pés da mesa. Jacob não demonstrava sinal de orgulho ou de vaidade, não desejava falar de si mesmo, apenas do trabalho de outros homens.

Conta-se que Hans Christian Andersen (uma personalidade bastante diversa, sempre guiado pelo coração e pela imaginação, por demais sensível, por demais terno e desejoso de felicidade) certa vez partiu alegremente de Copenhague para visitar estes (na sua concepção) seus irmãos artistas. Encontrou o apartamento e indagou por eles. Perguntaram-lhe qual irmão Grimm gostaria de ver. – “O... o que escreve os contos de fadas” – gaguejou, começando a desejar nunca ter vindo. Foi levado a Wilhelm. Inclinaram-se, cumprimentando-se. O “comprido” Andersen olhou de cima de sua desajeitada altura para o grave e circunspecto Grimm.

Wilhelm repetiu o nome de Andersen sacudindo a cabeça negativamente. Nunca ouvira falar em Hans Christian Andersen. Andersen tentou explicar. Escrevia contos de fadas. Suas obras haviam sido incluídas junto com a dos irmãos em um volume traduzido... Wilhelm ainda balançava a cabeça. Não, de modo algum; nada sabia de Andersen e de seus contos. Talvez Jacob pudesse ajudar, não? Mas Andersen, magoado, com lágrimas nos olhos, já se retirava.

O texto que usamos foi o de Edgar Taylor, que fez a primeira tradução desses contos; publicada em dois volumes em 1823-1836.

João Sortudo

João serviu a seu amo durante sete anos e por fim lhe disse:

– Senhor, já servi o bastante, gostaria de voltar para casa e rever minha mãe. Por isso, me dê o meu pagamento.

E o amo falou:

– Foste um bom e fiel empregado, João, terás, portanto, uma bela recompensa.

Deu-lhe, então, uma moeda de prata quase tão grande quanto a sua cabeça. João tirou o lenço do bolso, colocou nele a moeda de prata, jogou o lenço com a moeda por sobre os ombros, e partiu na direção de casa. Caminhando lentamente, arrastando um pé depois do outro, avistou um homem que trotava alegre em um estupendo cavalo. – “Ah!” – exclamou João para si mesmo –, “que coisa boa é cavalgar! Lá vai ele, como se estivesse em casa sentado em sua poltrona. Não tropeça em pedras, poupa a sola dos sapatos, e segue o seu caminho, sem esforço”. O cavaleiro, isso ouvindo, retrucou:

– Mas, então, João, por que segues a pé?

– Ora – explicou o rapaz –, tenho de carregar este peso. Embora seja prata pura, é tão pesada que nem consigo manter a cabeça erguida, e os meus ombros doem tremendamente.

– O que me diz de trocarmos? – propôs o cavaleiro. – Te dou meu cavalo, e tu me dás a moeda.

– De boa vontade – assentiu João. – Mas de uma coisa te alerto, será uma tarefa cansativa carregá-la por aí.

O cavaleiro saltou do cavalo, tomou da moeda, ajudou João a montar e entregou-lhe as rédeas dizendo:

– Quando quiseres correr, estala bem forte os lábios e grita “Jip”.

João ficou feliz da vida ao montar no cavalo, e partiu contente. Depois de um tempo achou que gostaria de ir um pouco mais rápido, então, estalou os lábios e gritou: – “Jip!”. Lá se foi o cavalo a todo galope, e, antes mesmo de João se dar conta, fora atirado ao chão e jazia estendido em uma vala da estrada. E seu cavalo? Este teria fugido se um pastor que vinha puxando por uma vaca não o tivesse segurado. João logo recobrou-se e se pôs de novo de pé. Estava terrivelmente vexado e declarou ao pastor:

– Cavalgar não é nenhuma piada quando um homem tem uma montaria como esta, que tropeça e o arremessa longe para partir-lhe o pescoço. Mas fui arremessado pela primeira e última vez. Gosto muito mais da sua vaca: pode-se caminhar à vontade atrás dela, e ainda, como troco, nos dá leite, manteiga e queijo. O que eu não faria para ter uma vaca como a tua!

– Pois bem – disse o pastor –, se gostas tanto assim dela, posso trocar minha vaca por teu cavalo.

– Feito! – declarou João, satisfeito, enquanto o pastor montava no cavalo e se ia a galope.

João prosseguiu o seu caminho tranquilamente, puxando sua vaca, pensando em sua sorte e na bela troca que fizera. – “Se tiver uma só fatia de pão (e com certeza terei uma), poderei, quando quiser, comer o pão com minha manteiga e meu queijo; e quando tiver sede poderei ordenhar minha vaca e beber o seu leite. O que mais eu poderia desejar?” Chegando a uma estalagem, João parou, comeu todo o seu pão e usou o seu último trocado na compra de uma caneca de cerveja. Depois partiu, puxando sua vaca, em direção ao vilarejo onde morava sua mãe. Mas o calor foi apertando perto do meio-dia, até que João se deparou com um enorme brejo que levaria mais de hora para ser atravessado. Sentia tanto calor e sua boca estava tão seca que sua língua parecia querer grudar no céu da boca. – “Tenho a cura para isso” – pensou. – “Chegou a hora de ordenhar minha vaca e matar minha sede”. Assim, João amarrou a vaca em um toco de árvore e aprontou o seu boné de couro para receber o leite. Mas nem um pingou conseguiu.

Enquanto tentava a sorte de maneira bem desajeitada, o animal inquieto lascou-lhe um pontapé na cabeça que o derrubou, e lá ficou ele estendido, por um bom tempo, sem sentidos. Por sorte um açougueiro passava por ali empurrando um porco em um carrinho de mão.

– O que houve contigo? – perguntou o açougueiro, ajudando o rapaz a levantar-se.

João relatou o acontecido, e o açougueiro ofereceu-lhe uma garrafa, dizendo:

– Bebe um pouco e te refresca. Mas vai logo sabendo que tua vaca nunca dará leite nenhum, é um animal já velho e agora só presta para o matadouro.

– Ai, ai – lamentou-se João –, quem haveria de pensar? Mas se eu matá-la, para o que há de me servir? Detesto carne de vaca, não é macia o bastante. Se fosse um porco, sim, serviria para alguma coisa, ao menos poderia virar linguiça.

– Bem – declarou o açougueiro –, para te agradar, faço a troca; te dou o porco pela vaca.

– Que os céus te abençoem essa gentileza! – exclamou João entregando a vaca ao açougueiro, enquanto tirava o porco do carrinho de mão e partia com ele pela estrada puxando-o por uma corda amarrada em sua pata.

E lá se foi, e tudo agora parecia ir bem. Tivera uns infortúnios, é verdade, mas agora fora recompensado pelos seus contratempos. A próxima pessoa que encontrou foi um camponês carregando um belo ganso branco debaixo do braço. O camponês parou o rapaz, perguntando-lhe as horas, e João falou-lhe de sua sorte e de quantos bons negócios fizera. O camponês, por sua vez, lhe confiou que levava o ganso a um batizado.

– Sente só como é pesado – mostrou –, e tem apenas oito semanas! Eu o venho tratando tão bem que quem o assar e comer vai se deliciar com sua carne e ainda retirar bastante gordura dele.

– É verdade – concordou João, pesando o animal em seus braços –, mas o meu porco não fica atrás.

Nisso, o rosto do camponês ficou sério e ele sacudiu duvidoso a cabeça.

– Cuidado, amigo – alertou. – Este teu porco pode te meter em uma enrascada. No vilarejo do qual acabo de vir, roubaram um porco do chiqueiro da fazenda. Fiquei muito amedrontado quando te vi, pensando que fosses o ladrão. Te verás em um belo aperto se te apanham com este porco. No mínimo acabas atirado no bebedor dos cavalos.

O pobre João ficou terrivelmente assustado.

– Bom homem – implorou –, me livra deste apuro. Conheces essa região melhor do que eu, leva meu porco e me dá o teu ganso.

– Deveria ganhar algo por este favor – declarou o camponês –, contudo, já que estás em apuros, farei o que me pedes.

Pegou a corda do porco e lá se foi por uma estrada lateral, enquanto João seguia para casa livre de preocupações. – “No fim das contas” – pensou –, “fui eu quem me dei bem na troca. Terei um assado de primeira, a gordura me sustentará por uns seis meses, e ainda sobrarão estas lindas penas que porei no meu travesseiro e dormirei, com certeza, bem tranquilo, sem me agitar. Minha mãe ficará contente!”

Ao chegar no último vilarejo, avistou um amolador de tesouras com sua roda de afiar, trabalhando e cantando:

Por morros e vales, alegre vou eu,
Levando boa vida; o mundo é meu.
Quem, assim folgazão como eu?

João fitou o homem por um tempo e por fim comentou:

– Deves estar bem de vida, senhor amolador, pareces tão contente com o teu ofício.

– Sim – o outro respondeu. – A minha é uma profissão de ouro. Um bom amolador, quando põe a mão no bolso, sempre encontra dinheiro. Mas, onde foi que compraste este belo ganso?

– Não o comprei. Troquei-o por um porco.

– E onde arrumaste o porco?

– Troquei-o por uma vaca.

– E a vaca?

– Troquei-a por um cavalo.

– E o cavalo?

– Troquei-o por uma moeda de prata do tamanho da minha cabeça.

– E a moeda?

– Ah, por esta dei duro durante sete longos anos!

– Tens te saído muito bem no mundo até agora – observou o amolador.
– Se pelo menos pudesses encontrar dinheiro sempre que botasses a mão no bolso, estarias garantido.

– É verdade, mas como conseguiria isso?

– Deves torna-te amolador, como eu – o outro aconselhou. – Precisas apenas de uma pedra de amolar, o resto acontece por si mesmo. Tenho aqui uma com pouco uso. Não pediria mais do que o valor do teu ganso por ela. Queres comprá-la?

– E ainda perguntas? – exclamou João. – Eu seria o homem mais feliz do mundo se tivesse dinheiro sempre que pusesse minha mão no bolso. O que mais poderia desejar? Toma lá o ganso!

– Mas cuidado – alertou o amolador, entregando-lhe uma pedra áspera e comum que estava a seu lado no chão –, esta é uma pedra especial, se lidares bem com ela, farás um prego enferrujado ficar tão afiado como uma faca.

João pegou a pedra e seguiu com o coração leve e feliz, os olhos brilhando de alegria, pensando consigo mesmo: – “Devo ter nascido com muita sorte, tudo o que preciso ou desejo me acontece”.

A este ponto, começava a sentir-se cansado, pois já viajava desde o nascer do dia. Também sentia fome, e havia gasto sua última moeda por conta de sua alegria com a vaca. Por fim, não mais conseguia ir adiante e a pedra o cansava terrivelmente. Arrastou-se até a beira de um lago para beber um pouco d’água e descansar. Colocou a pedra cuidadosamente no chão a seu lado, mas ao abaixar-se para beber, nela esbarrou, e lá se foi a pedra rolando para dentro do lago. Por um tempo, João ficou olhando a pedra afundar nas águas claras e profundas, depois, pulou de alegria e logo caiu novamente de joelhos agradecendo aos céus com lágrimas nos olhos a bondade de livrá-lo de sua única dificuldade: a feia e pesada pedra. – “Como sou feliz!” – exclamou. – “Nenhum mortal jamais teve tanta sorte como eu.” Então, levantou-se com o coração leve e contente e seguiu, livre de todos os seus problemas, para a casa de sua mãe.

Os Músicos Viajantes

Era uma vez um honesto fazendeiro que tinha um jumento que lhe servira fielmente por muitos anos, mas que agora envelhecia e a cada dia dava menos e menos conta de seu trabalho. O dono, portanto, aborrecia-se por ter de mantê-lo, e começava a pensar em dar-lhe um fim. Mas o jumento, farejando o perigo, sumiu-se sorrateiramente e partiu para a cidade, pensando: – “Lá, poderei tornar-me músico”.

Depois de viajar um tempo, avistou um cão deitado à beira da estrada, arfando muito, como se estivesse cansado.

– O que te faz ofegar tanto assim, amigo? – perguntou o jumento.

– Ai de mim! – lamentou-se o cão –, o meu dono ia me dar cabo porque estou velho e fraco e não lhe sou mais útil nas caçadas. Por isso, fugi, mas não sei o que farei para ganhar o meu sustento.

– Escuta aqui – falou o jumento –, eu estou indo para a cidade grande, vou tornar-me músico. Quem sabe vens comigo e tentas também a sorte?

O cão concordou e juntos se foram. Não haviam ido longe quando viram uma gata bem no meio da estrada com uma expressão lastimável.

– Com licença, minha senhora – disse o jumento –, o que está havendo? Pareces bem desanimada!

– Eu? – choramingou a gata. – Ora, como pode alguém parecer animado quando está em perigo? Porque estou envelhecendo e prefiro deitar-me ao pé da lareira a correr pela casa atrás de ratos, minha dona me agarrou pelo cangote e estava prestes a me afogar. Embora tenha conseguido escapular dela, não sei como farei para viver.

– Não seja por isso – sugeriu o jumento. – Venha conosco para a cidade grande. Cantas bem à noite, de certo, e lá poderás fazer fortuna como cantora.

A gata agradou-se da ideia e uniu-se ao grupo.

Logo depois, ao passarem por uma fazenda, avistaram um galo empoleirado em uma cerca gritando a plenos pulmões.

– Bravo! – aplaudiu o jumento. – Que belo barulho fazes! Mas, diga-me, por que tudo isso?

– Bem – explicou o galo –, estava dizendo que devemos ter um belo dia para lavar roupas, mas minha dona e a cozinheira nem sequer reconhecem os meus méritos, ao invés, ameaçam cortar-me o pescoço amanhã e me transformar em canja para as visitas de domingo!

– Céus! Espero que não! – simpatizou o jumento. – Venha conosco, mestre Cantagalo. Será, ao menos, melhor do que ficar por aqui esperando cortarem-te a cabeça! E depois, quem sabe? Se atentarmos à afinação, poderemos até nos apresentar em concerto. Venha conosco, então!

– De muito bom grado – aquiesceu o galo.

E os quatro seguiram juntos alegremente.

Não podiam, no entanto, chegar à cidade grande em um só dia, portanto, quando anoiteceu, embrenharam-se na floresta para dormir. O jumento e o cão deitaram-se ao pé de uma enorme árvore. A gata subiu árvore acima até os galhos. E o galo, pensando que quanto mais alto estivesse mais seguro estaria, voou para o topo mais alto da árvore, encarapitou-se e, como era seu costume, antes de adormecer, olhou para todos os lados conferindo se tudo ia bem. Ao fazê-lo, vislumbrou ao longe algo claro e brilhante e, chamando por seus companheiros, anunciou:

– Deve haver uma casa não muito longe daqui, pois vejo uma luz.

– Sendo assim – decidiu o jumento –, devemos transferir nosso acampamento, pois estas não são lá grandes acomodações!

– Além disso – acrescentou o cão –, eu não dispensaria uma ou outra lasca de osso, ou até mesmo um bocado de carne.

Assim, caminharam juntos em direção do local onde Cantagalo espreitara a tal luz que, conforme dela se aproximavam, maior e mais clara ficava, até que por fim chegaram à casa na qual vivia uma quadrilha de bandidos.

O jumento, sendo o mais alto do grupo, marchou até a janela e espiou para dentro.

– Então, Burrico – indagou Cantagalo –, o que vê?

– O que vejo? – replicou o jumento. – Ora, vejo uma mesa posta com toda sorte de iguarias, e ladrões sentados à sua volta festejando.

– Seria um alojamento bem nobre para nós – observou o galo.

– Sim – afirmou o jumento –, se pudéssemos entrar.

E os quatro confabularam sobre o que fazer para afastar os bandidos, até que idealizaram um plano. O jumento se pôs de pé sobre as patas traseiras, com as dianteiras apoiadas na janela. O cão montou em suas costas, a gata empoleirou-se nos ombros do cão, e o galo na cabeça da gata. Com todos assim preparados, um sinal foi dado e começaram a música. O jumento zurrava, o cão ladrava, a gata miava e o galo cantava; e todos pularam ao mesmo tempo pela janela, e rolaram sala a dentro, em meio aos cacos de vidro da janela quebrada, fazendo uma barulhada infernal! Os bandidos, a quem o concerto de abertura já assustara o bastante, não duvidaram de que algum horrendo monstro lhes caía em cima, e fugiram com quantas pernas tinham.

A costa uma vez livre, nossos viajantes acomodaram-se em torno da mesa e despacharam o que sobrara dos bandidos com tal fúria que pareciam temer não encontrar comida no próximo mês. Logo que acabaram, apagaram as luzes e cada qual buscou um local de descanso que fosse do seu agrado. O jumento deitou-se sobre um monte de palha no quintal. O cão se esticou sobre um tapete atrás da porta. A gata enroscou-se junto à lareira, ante as brasas mornas. E o galo empoleirou-se numa trave no topo da casa. E, como estavam os quatro bastante cansados da viagem, logo adormeceram.

Porém, por volta da meia-noite, quando os bandidos viram, de longe, que as luzes estavam apagadas e que tudo parecia calmo, começaram a achar que tinham se apressado em demasia em fugir, e um deles, mais valente do que os outros, foi averiguar o que se passava. Encontrando tudo quieto, entrou na cozinha e tateou até encontrar um fósforo para acender uma vela. Então, avistando os olhos reluzentes e ardentes da gata, confundiu-os com carvões em brasa, e aproximou deles o fósforo para acendê-lo. Mas a gata, não achando a menor graça naquilo, saltou-lhe ao rosto, cuspiendo e arranhando. Isso assustou o bandido tremendamente, e lá se foi ele à toda pela porta dos fundos. Contudo, ao passar por esta, o cão pulou sobre ele e mordeu-lhe a perna e, enquanto o pobre homem corria pelo quintal, o jumento deu-lhe um coice e o galo, que acordara com todo

o barulho, cantou bem alto. Depois disso o bandido correu o mais que pôde até os seus companheiros, relatando ao chefe como “uma horrenda bruxa se apossara da casa, e cuspira nele e arranhara seu rosto com suas longas unhas curvas; como um homem com uma faca nas mãos se escondera atrás da porta e o esfaqueara na perna; como um monstro preto de guarda no quintal dera-lhe uma bordoadada na cabeça com um taco; e como um diabo encarapitado no telhado gritara: “Joguem o malandro para mim!”.

Depois disso, os ladrões nunca mais ousaram voltar para a casa. E os músicos se agradaram tanto de suas instalações, que lá fizeram morada; e lá estão, posso apostar, até hoje.

O Pássaro Dourado

Um certo rei tinha um maravilhoso jardim, e neste jardim havia uma árvore que dava maçãs douradas. As maçãs eram sempre contadas, e perto da época de amadurecerem notou-se que toda noite uma delas sumia. O rei ficou furioso com isso e ordenou que o seu jardineiro montasse guarda por toda a noite debaixo da árvore. O jardineiro pôs o seu filho mais velho de prontidão, mas, por volta de meia-noite, este adormeceu e, de manhã, mais uma maçã se fora. Então, o segundo filho foi posto de guarda e, à meia-noite, ele também adormeceu, e pela manhã outra maçã havia ido. Aí o terceiro filho se ofereceu para montar guarda, mas o jardineiro de início não queria permitir, temendo que algo lhe acontecesse. Tanto o filho insistiu, que o jardineiro acabou por consentir, e o jovem deitou-se debaixo da árvore para vigiá-la. Quando o relógio bateu meia-noite, ele ouviu um farfalhar e, olhando para cima, avistou um pássaro de puro ouro. Quando este já fispava uma das maçãs em seu bico, o rapaz pulou de pé e o alvejou com uma seta. Mas a seta não fez mal algum ao pássaro; tão só desprendeceu do seu rabo uma pena dourada enquanto o pássaro sumia-se ao longe. Pela manhã, a pena de ouro foi levada ao rei e ao conselho, que a examinaram admirados. Todos concordaram que a pena valia mais do que toda a riqueza do reino, ainda assim o rei declarou:

– Uma pena não me basta, quero o pássaro inteiro.

Com isso, o filho mais velho do jardineiro partiu pensando encontrar com facilidade o pássaro dourado; e quando já havia caminhado um trecho, chegou à entrada de um bosque onde encontrava-se uma raposa. O rapaz imediatamente pegou seu arco e flecha para nela atirar, mas a raposa lhe pediu:

– Não atires, posso te dar um bom conselho. Sei a que vens, sei que procuras o pássaro dourado. Chegarás a um vilarejo de noitinha, e lá encontrarás duas hospedarias, uma em frente à outra. Uma terá aparência bem agradável e bonita; não entra nesta, passa a noite na outra, embora te pareça bem pobre e feia.

Mas o filho do jardineiro pensou com os seus botões: – “O que sabe uma raposa sobre isso?”. E nela mirou; todavia, errou o alvo, e a raposa, com o seu rabo bem erguido, fugiu bosque adentro. O rapaz prosseguiu em seu caminho e de noitinha alcançou o vilarejo onde ficavam as duas hospedarias. Em uma delas havia música, dança e festejos, já a outra lhe pareceu bastante suja e pobre. – “Eu teria de ser muito tolo” – riu-se o rapaz –, “se me hospedasse naquela estalagem dilapidada e triste ao invés de nesta outra encantadora”. Então, dirigiu-se para a hospedaria elegante, e lá comeu e bebeu à vontade, esquecendo do pássaro dourado e de seu país.

O tempo foi passando e, como o filho mais velho do jardineiro não voltasse e não se ouvisse notícias dele, o segundo filho partiu, e tudo se repetiu com ele como acontecera com o irmão. Encontrou a raposa, que lhe deu o mesmo bom conselho, mas ao parar em frente às hospedarias, seu irmão mais velho estava na janela de uma delas festejando e o convidou a entrar. Não resistindo à tentação, entrou, e assim como o seu irmão, esqueceu-se do pássaro dourado e de seu país.

Novamente o tempo passou, e o filho mais moço também manifestou desejo de sair pelo mundo em busca do pássaro dourado. Seu pai, porém, não lhe deu ouvidos por um bom tempo, pois amava muito este filho e temia que algum infortúnio também a ele sucedesse, impedindo-o de retornar. Mas, por fim, teve de concordar que o filho partisse, pois este não queria em casa sossegar. Ao se aproximar do bosque, o rapaz deparou-se com a raposa e recebeu o mesmo bom conselho. Agradecido, não atentou contra a vida da raposa, como haviam feito os seus irmãos, por isso a raposa lhe ofereceu:

– Senta em minha cauda e viajarás mais rápido.

Ele acomodou-se no rabo da raposa, que partiu correndo; e lá se foram os dois em tamanha disparada por todo o caminho que os seus cabelos voavam e em seus ouvidos o vento assobiava.

No vilarejo, o filho mais moço seguiu o conselho da raposa; sequer olhando ao redor, dirigiu-se para a velha estalagem e lá descansou,

despreocupado, por toda noite. Pela manhã, a raposa retornou, encontrando-o pronto a reiniciar sua viagem, e foi logo dizendo:

– Siga reto até um castelo na frente do qual encontrarás toda uma tropa de soldados roncando, profundamente adormecidos. Ignora-os; percorre o castelo até a sala, onde verás o pássaro dourado em uma gaiola de madeira, tendo ao lado uma bela gaiola de ouro. Mas não tentes tirar o pássaro da gaiola mais simples para colocá-lo na mais bela, ou te arrependerás.

A raposa ergueu novamente sua cauda, o jovem nela sentou-se, e lá se foram em crescente disparada por todo o caminho, até os seus cabelos voarem e o vento zumbir em seus ouvidos.

Na frente do castelo tudo era como a raposa descrevera. Sendo assim, o filho mais novo do jardineiro pôde entrar no castelo e o percorrer até encontrar a sala onde estava o pássaro dourado preso na gaiola de madeira. Vendo ao lado a gaiola de ouro e as três maçãs douradas roubadas, o rapaz pensou: – “Seria bastante esquisito levar este pássaro numa gaiola indigna”. Abriu, portanto, a gaiola de madeira e transferiu o pássaro para a gaiola de ouro. Mas então o pássaro soltou um guincho tão alto, que todos os soldados acordaram, prendendo o rapaz e o levando perante o rei. Na manhã seguinte, a corte reuniu-se para julgá-lo e, depois de ouvido o caso, ele foi condenado à morte, a não ser que trouxesse ao rei o cavalo dourado, veloz como o vento. Se fosse bem-sucedido, receberia o pássaro dourado em recompensa.

O rapaz partiu suspirando, em grande desespero, quando de súbito sua velha amiga raposa surgiu:

– Viste o que te aconteceu por não me ouvires? Ainda assim, te ensinarei como encontrar o cavalo dourado, se desta vez me obedeceres. Deves seguir em frente até chegar a um castelo onde encontrarás o cavalo em uma cocheira. A seu lado verás o cavaliário roncando, profundamente adormecido. Em silêncio, tira o cavalo da cocheira, mas assegura-te de levar também a velha sela de couro, e não a de ouro.

O rapaz acomodou-se no rabo da raposa e lá se foram por todo caminho em disparada, os cabelos voando, os ouvidos zumbindo com o vento.

Tudo correu bem e ele encontrou o cavalo e o cavaliário que roncava com as mãos sobre a sela de ouro. Mas, ao ver tão belo cavalo, o rapaz

julgou ser uma pena colocar sobre ele uma velha sela de couro. – “Vou encilhá-lo com a de ouro” – decidiu-se. – “É a que ele merece”. Porém, ao tocar na sela, acordou o cavaleiro, que deu tamanho grito que de pronto vieram os guardas e levaram o rapaz prisioneiro. Pela manhã, foi de novo conduzido frente a corte para ser julgado, e de novo recebeu uma sentença de morte. Ficou, no entanto, decidido que se ele conseguisse trazer para eles uma certa bela princesa, poderia viver e ainda receberia o cavalo e o pássaro em recompensa.

Lá ia o rapaz, mais uma vez, bastante desanimado, quando a velha raposa apareceu:

– Por que não me ouviste? Se tivesses me ouvido, terias levado o cavalo e o pássaro. Ainda assim, mais uma vez te aconselharei. Segue em frente e de tardinha chegarás a um castelo. À meia-noite, a princesa vai se banhar. Aproxima-te dela e a beija, e ela logo concordará em ir contigo. Mas, cuidado, não permitas que ela se despeça dos pais.

Então a raposa esticou a cauda, o rapaz nela se acomodou, e lá se foram os dois em disparada por todo o caminho até voarem os seus cabelos e assobiarem os seus ouvidos.

Ao chegar no castelo, tudo era como a raposa previra, e à meia-noite o jovem avistou a princesa dirigindo-se ao banho, beijou-a e ela concordou em partir com ele, mas implorou-lhe entre lágrimas para antes despedir-se do pai. De início o rapaz não permitiu, mas ela chorou mais e mais, e jogou-se a seus pés, até que, por fim, o rapaz consentiu. Contudo, no instante que entraram no castelo do pai, os guardas acordaram e o rapaz se viu mais uma vez prisioneiro.

Foi então levado perante o rei, que declarou:

– Não terás minha filha, a não ser que no prazo de oito dias consigas escavar e retirar todo este morro que tapa a vista da minha janela.

Ora, o morro era tão grande que nem todo mundo junto conseguiria acabar com ele. E, depois do rapaz trabalhar por sete dias e ter retirado bem pouca terra do morro, a raposa apareceu e lhe disse:

– Deita-te e dorme. Trabalharei em teu lugar.

De manhã, o rapaz acordou e o morro havia desaparecido, e ele foi contente até o rei anunciar que o morro não mais existia e que portanto a princesa era sua.

Assim, o rei se viu obrigado a manter a palavra, e lá se foi o rapaz com a princesa. A raposa de novo apareceu e lhe disse:

– Ficaremos com todos os três: a princesa, o cavalo e o pássaro.

– Ah! – suspirou o jovem. – Isto seria bom demais, mas como?

– Se me ouvires – retrucou a raposa –, será feito. Ao chegar ao rei, e ele te perguntar pela princesa, deves dizer: – “Aqui está!”. Ele ficará contente e você montará no cavalo que lhe trarão e estenderá a mão para despedir-se de todos. Deixa a princesa por último. Ao apertar a mão dela, puxa-a para cima do cavalo, mete as esporas nele e galopa para longe o mais rápido que puderes.

Tudo correu bem, então a raposa disse:

– Ao chegar ao castelo onde está o pássaro, ficarei com a princesa junto à porta, enquanto levas o cavalo até o rei. Quando ele vir que é o cavalo certo, mandará trazer o pássaro, mas deves permanecer montado no cavalo e dizer que queres examinar se é mesmo o verdadeiro pássaro dourado. Quando o tiveres em tuas mãos, galopa para longe.

Isso também ocorreu como a raposa dissera: levaram o pássaro, a princesa e cavalgaram até o bosque. Então a raposa rogou ao rapaz:

– Por favor, me mata e corta minha cabeça e minhas patas.

Mas o jovem recusou-se. E a raposa lhe disse:

– Ainda assim, te darei um bom conselho. Tenha cuidado com duas coisas: não salves ninguém da força, e não te sentes à beira de nenhum rio.

E lá se foi a raposa. E o jovem ficou matutando consigo mesmo: – “Não será tão difícil assim seguir este conselho”.

Partiu, então, a cavalo com a princesa, até que chegou ao vilarejo onde os seus irmãos haviam ficado. Mas lá encontrou muito barulho e confusão, e quando perguntou a causa de tudo, lhe disseram:

– Dois homens serão enforcados.

Ao se aproximar, reconheceu nos dois homens os seus irmãos, que haviam se tornado ladrões, e indagou:

– Não podem ser salvos de modo algum?

Mas as pessoas lhe disseram que não, a não ser que alguém pagasse para libertá-los. O rapaz nem pensou no assunto, pagou o que lhe pediram, seus irmãos foram soltos e partiram com ele para casa.

Mas, ao chegarem ao bosque onde antes haviam avistado a raposa, o dia estava tão fresco e agradável, que os dois irmãos propuseram:

– Vamos nos sentar perto daquele rio e descansar um pouco, comer e beber.

E ele assentiu, esquecendo-se do conselho da raposa, e sentou-se à beira do rio sem nada suspeitar. Então os dois irmãos vieram por trás e o empurraram ribanceira abaixo, tomaram a princesa, o cavalo e o pássaro, e partiram para casa indo até seu rei e senhor, a quem afirmaram:

– Tudo isto conquistamos com nossos esforços.

Então houve muita festança; porém, o cavalo recusava-se a comer, o pássaro a cantar, e a princesa, só fazia chorar.

Enquanto isso, o filho mais moço do jardineiro se encontrava no fundo do leito do rio onde caíra. Por sorte, o leito estava praticamente seco, mas ele quase partira os ossos e a ribanceira era tão íngreme que o rapaz não conseguia encontrar um meio de escalá-la para sair de onde estava. Então, mais uma vez apareceu a raposa, e ralhou com ele por não obedecer aos seus conselhos.

– Ainda assim, não posso abandoná-lo aqui – ela disse. – Segura a minha cauda e agarra-te bem.

E a raposa puxou o rapaz para fora do rio, avisando-lhe quando chegaram ao topo:

– Seus irmãos estarão de olhos bem abertos. Caso te encontrem no reino, irão te matar.

Por isso, o rapaz disfarçou-se de pobre para entrar na corte do rei; e mal havia passado pela porta, o cavalo começou a comer, o pássaro começou a cantar, e a princesa parou de chorar. O rapaz dirigiu-se ao rei a, quem contou todas as vigarices de seus irmãos, que logo foram aprisionados e punidos. Então o rapaz casou-se com a princesa e herdou o reino com a morte do rei.

Muito tempo depois, caminhando um dia pelo bosque, a raposa de novo apareceu e de novo pediu-lhe com lágrimas nos olhos que a matasse, cortando fora suas patas e cabeça. Desta vez o rapaz aquiesceu, e no mesmo instante a raposa transformou-se em um homem: o irmão da princesa, que se perdera muitos e muitos anos atrás.

O Pescador e sua Mulher

Era uma vez um pescador que vivia com sua mulher em uma gruta próxima da praia. Este pescador costumava passar os dias a pescar e, num desses dias, enquanto estava sentado na beira da praia com sua vara de pesca admirando as águas reluzentes e atento à sua linha, de súbito, esta foi arrastada para bem fundo no mar. Ao puxá-la de volta, o pescador encontrou um enorme peixe preso a ela. E o peixe lhe pediu:

– Por favor, deixa-me viver. Não sou um peixe de verdade. Sou um príncipe encantado. Recoloca-me na água e deixa-me ir.

– Nossa! – disse o pescador. – Não preciso de tantas explicações. Nada quero com um peixe que fala. Podes nadar para bem longe quando quiseres.

Sendo assim, colocou o peixe de volta no mar e o peixe nadou direto às profundezas, deixando um rastro de sangue marcando o seu percurso.

Quando o pescador voltou para a sua mulher na gruta onde moravam, contou-lhe como havia pescado um enorme peixe, como este lhe dissera ser um príncipe encantado e que, ao ouvi-lo, o havia devolvido de volta ao mar.

– Não pediste nada a ele? – admirou-se a mulher.

– Não – respondeu –, o que haveria de pedir-lhe?

– Ora – ela resmungou –, vivemos tão mal acomodados nesta gruta malcheirosa. Volta e diz ao peixe que desejamos uma casinha de campo.

O pescador não gostou muito da ideia, mas foi até a praia, aproximou-se do mar, que estava amarelo e verde, e de pé, junto das águas, pediu:

– Ó, homem do mar,
Venha me escutar.

Minha mulher, Alice,
Uma grande chatice,
Me obriga a solicitar!

Então o peixe veio nadando até ele e perguntou:

– Muito bem, o que ela deseja?

– Ai – explicou o pescador –, minha mulher acha que eu deveria ter pedido algo antes de soltá-lo. Ela não quer continuar vivendo em nossa gruta e te pede uma casinha de campo.

– Volta – ordenou o peixe –, tua mulher já te aguarda na casinha de campo.

Então o homem voltou e encontrou sua mulher parada à porta da casa.

– Entra, entra – falou a mulher. – Não é bem melhor do que uma gruta?

A casa tinha uma saleta, e um quarto, e uma cozinha. E atrás da casa havia um pequeno jardim com todo o tipo de flores e frutas, e um quintal cheio de patos e galinhas.

– Puxa! – exclamou o pescador. – Como viveremos felizes!

– Ao menos tentaremos – emendou a mulher.

Tudo correu bem por uma ou duas semanas, e então a Senhora Alice se queixou:

– Marido, não temos espaço suficiente nesta casinha, o quintal e o jardim são por demais pequenos. Gostaria de viver em um castelo todo de pedra, por isso vai procurar o peixe e pede-lhe um castelo.

– Mulher – objetou o pescador –, eu não quero ter de procurá-lo novamente, pois talvez ele se zangue. Devíamos nos contentar com nossa casinha.

– Bobagem! – retrucou a mulher. – Nos dará tudo de bom grado. Vai e pede.

O pescador foi, mas sentia o coração pesar e, ao chegar na beira da praia, o mar pareceu-lhe azulado e tristonho, embora bastante calmo. Ele se aproximou e pediu:

– Ó, homem do mar,
Venha me escutar.

Minha mulher, Alice,
Uma grande chatice,
Me obriga a solicitar!

– Pois bem, o que ela quer agora? – indagou o peixe.

– Ai – gemeu o homem –, quer morar em um castelo todinho feito de pedra.

– Volta – ordenou o peixe –, ela já te espera à porta.

Então lá se foi o pescador e encontrou sua mulher de pé em frente a um magnífico castelo.

– Viste? – exultou a mulher. – Não é grandioso?

E, com isto, juntos entraram no castelo, onde encontraram muitos serviçais e várias salas ricamente mobiliadas com mesas e cadeiras douradas. Atrás do castelo, um jardim e um extenso bosque repleto de ovelhas, e cabras, e lebres e veados. E, no quintal, estábulos e cocheiras.

– Bem – declarou o homem –, agora viveremos satisfeitos e felizes neste belo castelo pelo resto de nossas vidas.

– Talvez sim – foi o comentário da mulher –, mas, antes de decidirmos, devemos pensar bem no assunto durante uma boa noite de sono.

Os dois foram, portanto, dormir.

Na manhã seguinte, quando a Senhora Alice acordou, era já dia claro, e ela deu uma cotovelada no marido, dizendo:

– Levanta, homem, te mexe, pois vamos reinar sobre todas as terras.

– Mulher, mulher – ponderou o homem –, por que haveríamos de querer reinar? Eu não serei rei.

– Pois serei eu, então – declarou a mulher.

– Pensa bem, mulher – ponderou ainda o homem –, como podes ser rei? O peixe não poderá fazer-te rei.

– Marido – disse ela –, nem mais uma palavra, vai pedir. Eu hei de ser rei!

Então lá foi o homem, bastante desolado só de pensar que sua mulher desejava ser rei. O mar estava cinza-escuro e coberto de espuma, quando ele pediu:

– Ó, homem do mar,
Venha me escutar.
Minha mulher, Alice,
Uma grande chatice,
Me obriga a solicitar!

– Bom, então, e agora, o que ela deseja? – indagou o peixe.

– Ai de mim – choramingou o homem –, deseja ser rei.

– Retorna – ordenou o peixe. – Ela já é rei.

O homem então voltou para casa. E ao se aproximar de seu palácio avistou uma tropa de soldados e ouviu o rufar de tambores e o soar de trombetas. E quando entrou no palácio, avistou sua mulher sentada em um imponente trono de ouro e diamantes com uma coroa adornando sua cabeça. A cada lado dela, seis lindas donzelas, cada uma mais alta do que a outra.

– Então, mulher – constatou o pescador –, és rei.

– Sim – confirmou. – Sou.

E, após haver olhado para ela um bom tempo, o marido declarou:

– Minha mulher, que coisa boa é ser rei! Agora nunca mais teremos o que desejar.

– Não sei se isto será possível – foi a resposta. – Nunca, é tempo demais. Sou rei, é verdade, mas começo a cansar-me, e creio que gostaria de ser imperador.

– Ai, mulher! Por que desejarias ser imperador? – espantou-se o pescador.

– Marido – ela exigiu –, vai até o peixe. Declaro que serei imperador.

– Ah, mulher! – argumentou o pescador. – O peixe não pode tornar-te imperador, e eu não quero pedir-lhe tal coisa.

– Eu sou rei – disse Alice. – E tu és meu escravo, vai imediatamente!

Então o pescador se viu obrigado a ir, mas foi resmungando ao longo do caminho: – “Isso não vai acabar bem, é pedir demais; o peixe se cansará e vamos nos arrepender do que fizemos”.

Logo ele chegou à praia, e o mar estava negro e turvo, e um poderoso redemoinho girava sobre as águas, mas ele se aproximou e pediu:

– Ó, homem do mar,
Venha me escutar.
Minha mulher, Alice,
Uma grande chatice,
Me obriga a solicitar!

– O que ela deseja agora? – indagou o peixe.
– Ai – gemeu o pescador –, deseja ser imperador.
– Volta! – ordenou o peixe. – Ela já é imperador.

Então o homem voltou para casa e, ao se aproximar, avistou sua mulher em um majestoso trono talhado em puro ouro, com uma enorme coroa de uns bons dois palmos de altura em sua cabeça, e de cada lado, os guardas e serviçais, em fila, cada um menor do que o outro, do mais alto gigante ao menorzinho dos anões, não muito maior do que o meu dedo mindinho. E, à sua frente encontravam-se príncipes, e duques, e condes; e o pescador foi até ela e perguntou:

– Mulher, és imperador?

– Sim – respondeu –, sou.

– Ah! – admirou-se o homem contemplando-a. – Que boa coisa é ser imperador!

– Marido – ela disse –, por que nos determos em ser imperador; desejo ser papa a seguir.

– Ah! Mulher, mulher! – suplicou – Como podes ser papa? A cristandade admite apenas um papa por vez.

– Marido – declarou a mulher –, serei papa hoje mesmo.

– Mas – argumentou o marido –, o peixe não poderá tornar-te papa.

– Quanta tolice! Se pôde me tornar imperador, poderá tornar-me papa; vai e pede.

O pescador, então, foi. Mas quando chegou à praia, o vento rugia, e o mar subia e descia como água fervente, e os navios dançavam perigosamente sobre as ondas; bem no centro do céu, ainda havia um ponto azul, mas na direção sul tudo estava vermelho, como se uma terrível tempestade estivesse por vir. O pescador ficou tremendamente assustado, e tanto tremia, que os seus joelhos batiam um no outro. Não obstante,

caminhou até a beira da praia, pedindo:

– Ó, homem do mar,
Venha me escutar.
Minha mulher, Alice,
Uma grande chatice,
Me obriga a solicitar!

– O que ela quer agora? – indagou o peixe.
– Ai – suspirou o pescador –, minha mulher quer ser papa.
– Volta para casa – ordenou o peixe. – Ela já é papa.

Então o pescador retornou para a sua casa e encontrou sua mulher sentada em um trono de dois quilômetros de altura, com três coroas por sobre a cabeça, e à sua volta toda a pompa e a glória da Igreja. Em cada um de seus dois lados duas fileiras de tochas de todos os tamanhos queimavam, a maior tão grande quanto a maior e mais alta torre do mundo, e a menor tão pequena quanto a mais simples das velas.

– Mulher – perguntou o pescador boquiaberto frente toda esta grandiosidade –, és papa?

– Sim, sou.

– Pois, mulher – disse o homem –, é uma grande coisa ser papa; e agora debes estar contente, pois não podes ser nada de maior importância.

– Pensarei no assunto – retrucou a mulher.

Foram dormir, mas a Senhora Alice não conseguiu pegar no sono durante toda a noite de tanto pensar no que seria a seguir. Por fim a manhã surgiu, e com ela o sol.

– Ai – lamentou-se, olhando o sol pela janela –, não posso impedi-lo de nascer.

E com isso ficou muito zangada e acordou o marido, ordenando:

– Marido, vai até o peixe e diz que desejo ser dona do sol e da lua.

O pescador, ainda meio tonto de sono, só de pensar naquilo se assustou e caiu da cama.

– Nossa, minha mulher! – espantou-se – Não te contentas em ser papa?

– Não! Estou muito inquieta e não suporto ver o sol nascer sem a minha autorização. Vai ao peixe imediatamente.

Então o homem se foi, tremendo de medo, e, ao descer em direção à praia, uma violenta tempestade se desencadeou, com as árvores e as pedras sacudindo-se, e tudo ficou preto, e os relâmpagos e os trovões brincavam nos céus, e, no mar, ondas negras do tamanho de montanhas com coroas de espuma. Então, o pescador pediu:

– Ó, homem do mar,
Venha me escutar.
Minha mulher, Alice,
Uma grande chatice,
Me obriga a solicitar!

– O que ela quer agora? – indagou o peixe.
– Ai – gaguejou –, quer ser dona do sol e da lua.
– Retorna à tua gruta! – ordenou o peixe.
E na gruta vivem os dois, até hoje.

O Canário e o Urso

Em um belo dia de verão, ao caminharem pela floresta, o lobo e o urso ouviram um canto admirável de pássaro.

– Irmão – quis saber o urso –, que tipo de pássaro será este de canto tão doce?

– Este – esclareceu o lobo –, é Sua Majestade, o rei dos pássaros; devemos ter o cuidado de demonstrar todo o nosso respeito para com este rei.

(Na verdade – devo informar –, o tal pássaro não passava de um canário.)

– Se é assim – disse o urso –, gostaria de conhecer o palácio real. Venha comigo visitá-lo.

– Calma, amigo – explicou o lobo –, não o podemos visitar neste momento, devemos esperar o retorno da rainha.

Logo depois, a rainha voltou trazendo alimento em seu bico, e junto com o rei passaram a alimentar os seus filhotes.

– Agora, vamos – disse o urso. E já se aprontava para seguir os pássaros e ver o que havia para ver.

– Alto lá, mestre Castanho – interrompeu o lobo –, devemos aguardar até que Suas Majestades partam novamente.

Marcaram, então, o local onde avistaram o ninho, e se foram. Mas o urso, muitíssimo ansioso por conhecer o palácio real, logo retornou e, espiando dentro do ninho, viu cinco ou seis passarinhos aconchegados bem ao fundo.

– Que tolice do lobo! – exclamou o Castanho. – Isso não é um palácio real coisa nenhuma. Nunca vi lugar tão imundo em toda a minha vida. E estas não são crianças reais, não passam de diabretes ilegítimos!

Ao ouvirem o comentário do urso, os canarinhos ficaram enfurecidos e gritaram em conjunto:

– Não somos ilegítimos, urso estúpido! Nosso pai e nossa mãe são pessoas boas e honestas; pagarás, com certeza, por tua insolência!

Essa resposta assustou bastante o lobo e o urso, que correram a esconder-se em suas tocas. Mas os canarinhos ainda choravam e gritavam, zangados, e quando seus pais retornaram com mais comida, todos recusaram-se a comer, declarando:

– Em nada tocaremos, nem na menorzinha perna de inseto, mesmo se tivermos de morrer de fome, até que o patife do Castanho seja punido por nos chamar de diabretes ilegítimos.

– Calma, meus queridos – sossegou-os o rei. – Garanto que ele terá o que merece.

O canário, então, se postou ante a toca do urso e, com grande barulho, anunciou:

– Urso Castanho! Insultaste descaradamente nossos filhos legítimos. Por isso, doravante, declaramos guerra cruel e sangrenta contra ti e os teus; guerra que não findará até que recebas o castigo que bem mereces.

Frente a esta ameaça, o urso convocou o boi, o jumento, o veado e todos os animais que andam sobre a terra para juntos planejarem suas defesas. E o canário, igualmente, alistou a seu lado todos animais que circulam pelo ar, dos maiores aos menores pássaros, e também um grande exército de vespas, mosquitos, abelhas, moscas e outros insetos.

Ao se aproximar o dia marcado para o início do combate, o canário enviou seus espiões para descobrirem quem seria o comandante-chefe das forças inimigas; e o mosquito, de longe o mais esperto dos espiões, voou daqui para ali por toda a floresta onde se reunia a tropa inimiga, acabando por se instalar debaixo de uma folha de árvore, próxima à qual os animais estavam distribuindo as ordens de batalha. O urso se posicionara bem junto da árvore onde o mosquito se escondera, de forma que este pôde ouvir claramente quando ele chamou o raposo e lhe disse:

– Raposo, como o mais esperto dos animais, serás nosso general e irás chefiar a batalha. Mas antes devemos estabelecer um sinal para compreendermos tuas ordens.

– Pois bem, tenho um rabo belo e bem cheio que se assemelha a uma plumagem vermelha, me concedendo um ar guerreiro. Muita atenção:

quando eu levantar o meu rabo é porque estamos dominando e nada resta a não ser nos atirmos sobre o inimigo com todas as nossas forças. Se, ao contrário, eu abaixar o meu rabo, o dia estará perdido e deveremos fugir o mais rápido possível.

Com isto, o mosquito voou até o canário e relatou o que ouvira.

Chegou, por fim, o dia da batalha, e logo à primeira luz da manhã – atenção! – o exército de animais correu para fora da floresta com tamanha barulheira que a terra estremeceu. E Sua Majestade, o canário, com sua tropa, voou em formação guerreira, asas rufando, esvoaçando, batendo contra o ar – um som bem assustador de se ouvir. E assim, ambos exércitos alinharam-se no campo de batalha. Então o canário ordenou à tropa de vespas que formavam a primeira fileira de ataque que voassem direto para o Capitão Raposo, se postassem sobre o seu rabo e o picassem com toda valentia. As vespas cumpriram a ordem de imediato, e quando o Raposo sentiu a primeira picada, pulou de lado sacudindo uma das patas, mas ainda manteve com imensa bravura o rabo erguido. Na segunda picada, se viu forçado a baixar o rabo por um breve instante. Mas quando a terceira vespa ferrou-lhe a cauda, não mais resistiu, enfiou o rabo entre as pernas e se escafedeu o mais rápido que pôde. Ao presenciarem esta cena de deserção de seu comandante, os animais julgaram estar tudo perdido, e dispersaram-se para todos os lados na maior consternação, deixando para trás os pássaros como vencedores no campo de batalha.

E assim o rei e a rainha voaram em triunfo de volta a seus filhotes, confortando-os:

– Pronto, filhinhos, podeis beber, e comer, e festejar, pois nós vencemos!

Mas os passarinhos ainda insistiram:

– Nada comeremos até que o Castanho tenha humildemente nos pedido perdão por nos haver chamado de diabretes ilegítimos.

Portanto, o rei voou até a cova do urso e ordenou:

– Tu, urso vilão, aparece já em minha morada e humildemente solicita o perdão de meus filhos por tê-los insultado, pois se não o fizeres, terás todos os ossos do teu corpo miserável partidos em pedacinhos.

Assim, bastante contrariado, o urso arrastou-se de quatro para fora de sua cova e obedeceu ao rei. E só depois disto os passarinhos sentaram-se juntos em círculo e comeram e beberam e festejaram até a meia-noite.

As Doze Princesas Dançarinas

Havia um rei com doze lindas filhas. Elas dormiam em doze camas dispostas em um mesmo quarto, e quando iam deitar-se, a porta era fechada e trancada. Contudo, a cada manhã os seus sapatos estavam bem gastos, como se elas com eles tivessem passado a noite a dançar. Mas ninguém conseguia imaginar como isso podia ser, ou aonde as princesas poderiam ter ido.

Então o rei mandou anunciar por todo o reino que se alguém desvendasse o segredo de onde as princesas dançavam durante toda a noite, poderia escolher a que mais lhe agradasse como esposa e seria o herdeiro do trono. Mas, quem quer que o tentasse e não conseguisse após três dias e três noites, seria executado.

Logo um filho de rei se ofereceu. Foi bem recebido e, à noitinha, levado para o quarto ao lado do das princesas. Lá, ele deveria permanecer de guarda para descobrir aonde as princesas iam dançar. E, para que nada se passasse longe de sua visão, a porta do quarto delas foi deixada aberta. Mas o príncipe logo adormeceu e, quando acordou pela manhã, descobriu que as princesas haviam dançado toda a noite, porque os seus sapatos estavam cheios de furos. O mesmo se passou nas duas noites seguintes, sendo assim, o rei ordenou que cortassem a sua cabeça. Depois deste príncipe, outros se ofereceram, mas todos tiveram a mesma sorte e perderam suas vidas da mesma maneira.

Porém, aconteceu de um velho soldado que fora ferido em batalha e não mais podia lutar, passar pelo país onde reinava este rei. E, ao cruzar uma floresta, encontrou uma velha mulher que lhe perguntou aonde ia.

– Nem eu mesmo sei aonde vou, ou o que devo fazer – respondeu o soldado, desanimado. – Mas bem que gostaria de poder descobrir onde

dançam as princesas para que possa um dia ser rei.

– Bem – comentou a velha –, isso não é uma tarefa tão difícil. Simplesmente, recusa o vinho que uma das princesas te levará de noitinha, e logo que ela se for, finge dormir profundamente.

Deu então ao soldado uma capa, acrescentando:

– Assim que a vestires, ficarás invisível e poderás seguir as princesas por onde elas forem.

Ouvindo estes bons conselhos, o soldado decidiu tentar a sorte. Foi então até o rei e prontificou-se a executar a tarefa.

Foi bem recebido como os outros haviam sido, e o rei ordenou que lhe dessem vestimentas finas. Com a chegada da noite, foi levado a seu quarto. Quando ia deitar-se, a princesa mais velha lhe trouxe uma taça com vinho, mas o soldado derramou o vinho disfarçadamente, sem experimentar uma só gota. Depois, deitou-se em sua cama e, em pouco tempo, começou a roncar bem alto como se estivesse profundamente adormecido. Quando as doze princesas escutaram o ronco, riram-se a valer, e a mais velha falou:

– Este também poderia ter sido mais esperto, em vez de perder a vida desta maneira!

Então, as doze levantaram-se e, abrindo as gavetas e caixas, retiraram delas as suas mais finas vestimentas, vestiram-se admirando-se ao espelho, e saltitaram ansiosas por começar a dançar. Mas a mais nova disse:

– Não sei por que, mas enquanto estais todas felizes me sinto bastante inquieta. Tenho certeza de que algo de ruim nos acontecerá.

– Que boba – comentou a mais velha. – Estás sempre com medo. Já esqueceste quantos filhos de reis nos vigiaram em vão? E este soldado, mesmo sem o narcótico que pus no vinho, aposto que teria dormido profundamente.

Quando estavam todas prontas, deram uma espiada no soldado. Mas este ainda roncava e não mexeu sequer umas das mãos ou um dos pés. As princesas julgaram-se portanto a salvo, e a mais velha foi até a sua cama e bateu palmas. Então, a cama afundou no chão e um alçapão se abriu. O soldado observou-as descendo pelo alçapão, uma depois da outra, com a mais velha liderando o caminho. Certo de que não tinha muito tempo a perder, ele pulou da cama, vestiu a capa que a velha lhe dera e foi atrás

delas. Mas, descendo as escadas, pisou na cauda do vestido da princesa mais moça, e ela logo alertou às irmãs:

– Nem tudo está bem. Alguém segurou o meu vestido.

– Ah, que criatura mais boba! – exclamou a mais velha. – Deve ter sido apenas um prego na parede.

E, assim, continuaram descendo até chegarem a um pequeno e agradável bosque onde as folhas eram de prata e reluziam lindamente. Sentindo vontade de levar uma lembrança de tão lindo lugar, o soldado quebrou uma pontinha de um galho de árvore, o que, porém, fez um ruído bem alto. A princesa mais nova alertou as irmãs mais uma vez:

– Estou certa de que algo está errado. Não ouvistes esse ruído? Isso nunca antes aconteceu.

Mas a mais velha declarou:

– São os nossos príncipes que gritam de alegria com a nossa aproximação.

Chegaram então a um outro pequeno bosque, onde todas as folhas eram de ouro, e depois a ainda um terceiro, onde as folhas brilhavam como diamantes. E o soldado partiu um pequeno galho em cada, e a cada vez um ruído bem forte se ouviu, fazendo a princesa mais nova estremecer de medo. Mas a mais velha ainda insistia serem apenas os príncipes dando brados de alegria. E assim foram indo até alcançarem um enorme lago em cuja margem havia doze barquinhos onde sentavam-se doze belos príncipes à espera das princesas.

Cada princesa sentou-se em um dos barcos, e o soldado entrou no barco da princesa mais nova. Ao remarem pelo lago, o príncipe que estava no barco com a princesa mais nova e o soldado confessou:

– Não sei explicar por que, mas embora reme com todas minhas forças, não deslizamos tão fácil e rapidamente como de costume, e eu me sinto bastante cansado. O barco hoje parece muito mais pesado.

– Deve ser por causa do tempo que está tão quente – disse a princesa.
– Também eu estou sentindo muito calor.

Na outra margem do lago ficava um belo castelo todo iluminado, de onde vinha a alegre música de trompas e trombetas. Lá, todos desembarcaram, entraram no castelo, e cada príncipe dançou com a sua princesa. O soldado, todo este tempo invisível, com elas dançou também, e quando qualquer uma das princesas tinha uma taça de vinho posta a seu

lado, o soldado a bebia inteirinha, de modo que quando a princesa aproximava a taça dos lábios, a encontrava vazia. Isto também assustou tremendamente a princesa mais jovem, mas a mais velha ordenou que se calasse. Dançaram e dançaram até as três da manhã, quando já os seus sapatos estavam gastos, obrigando-as então a retornarem para casa. Os príncipes remaram novamente os barquinhos, levando as princesas através do lago (mas, desta vez, o soldado foi no barco da princesa mais velha). E, ao alcançarem a outra margem, as princesas despediram-se com a promessa de voltar novamente na noite seguinte.

Quando chegaram nas escadas, o soldado adiantou-se e foi correndo deitar-se em sua cama. Assim, ao subirem lentamente as escadas, tão cansadas as doze irmãs estavam, que ouviram os seus roncos vindo de cima e pensaram: – “Tudo está bem”. Depois, tiraram e guardaram as suas roupas de festa e os sapatos e foram dormir. Pela manhã, o soldado nada disse sobre o acontecido, pois desejava participar mais um pouco daquela estranha aventura, e assim o fez, na segunda e na terceira noites. E tudo aconteceu como antes: as princesas dançaram até os seus sapatos despedaçarem e depois retornaram para casa. Contudo, na terceira noite, o soldado surrupiou uma das taças douradas como lembrança de onde estivera.

Ao chegar o momento de declarar o segredo das princesas, o soldado foi levado perante o rei com os três galhos e a taça, enquanto as doze irmãs ouviam escondidas por trás da porta o que ele diria. E quando o rei lhe perguntou:

– Aonde vão minhas doze filhas dançar todas as noites?

Ele respondeu:

– Dançam com doze príncipes em um castelo debaixo da terra.

E então contou ao rei tudo o que acontecera, e mostrou-lhe os três galhos e a taça de ouro que trouxera com ele. E o rei chamou pelas princesas e perguntou-lhes se o que o soldado dizia era verdade. Vendo que haviam sido descobertas e que nada poderiam negar, as princesas confessaram toda a verdade. O rei perguntou ao soldado qual das filhas desejava escolher por esposa e ele respondeu:

– Já não sou muito jovem. Escolho a mais velha.

E os dois se casaram naquele mesmo dia, e o soldado foi declarado o herdeiro do trono.

A Bela Adormecida

Certa vez, havia um rei e uma rainha que não tinham filhos, desventura que muito lamentavam. Mas, um dia, ao passear pela margem de um rio, a rainha avistou a cabeça de um peixe saindo da água e o ouviu dizer:

– Teu desejo será realizado, e logo terás uma filha.

O que o peixinho previra cedo aconteceu, e a rainha teve uma menininha tão linda que o rei não conseguia parar de olhá-la, tamanha a sua alegria, e decidiu celebrar o nascimento com uma grande festança. Sendo assim, convidou não só os seus parentes, amigos e vizinhos, mas também as fadas, para que fossem gentis e boas com a sua filhinha. Eram, contudo, treze fadas naquele reino, mas o rei só possuía doze pratos de ouro para servi-las, de forma que foi forçado a não convidar uma das fadas. As outras compareceram, e ao final da festa todas presentearam a princesinha com suas melhores dádivas: uma concedeu-lhe virtude, outra, beleza, outra, ainda, riquezas, e assim por diante, até que a princesinha tinha tudo que havia de melhor no mundo. Quando a décima primeira fada havia concedido a sua dádiva, a décima terceira fada, que não fora convidada e portanto estava furiosa, apareceu, determinada a vingar-se da ofensa. Então, declarou em voz alta:

– Ao completar quinze anos, a filha do rei irá ferir-se no fuso de uma roca e cairá morta.

Então a décima segunda fada, que ainda não concedera a sua dádiva, pisou à frente, declarando que tal desejo maligno deveria realizar-se, mas que ela poderia suavizá-lo, e que a filha do rei não morreria, mas apenas dormiria durante cem anos.

Porém, o rei esperava salvar a sua querida filha desta ameaça nefasta e ordenou que todas as rocas do reino fossem compradas e destruídas. Entrementes, todas as dádivas das fadas se cumpriram, pois a princesa era tão bela e bem-comportada e amável e sábia que todos que a conheciam a amavam. Mas aconteceu de, bem no dia do seu aniversário de quinze anos, o rei e a rainha estarem fora, e ela, sozinha no palácio. Perambulando e examinando todos os seus aposentos e cômodos, chegou por fim a uma velha torre onde uma escadaria estreita levava a uma pequena porta. Na porta estava uma chave de ouro. Ao girar a chave a porta de pronto se abriu e a menina avistou uma velhinha fiando, muito ocupada.

– Ora, avozinha – perguntou a princesa – o que fazes?

– Estou fiando – respondeu a velhinha, balançando a cabeça.

– Como é bonito o movimento desta roda! – a menina exclamou, e tomou da roca para fiar. Porém, mal encostou a mão no fuso, a profecia se cumpriu, e ela foi dar sem vida ao chão.

Mas não estava morta, apenas caíra em um sono profundo; e o rei e a rainha, que haviam acabado de chegar, e toda a corte igualmente mergulharam no mesmo sono profundo. Os cavalos adormeceram nos estábulos, os cães no pátio, os pombos no telhado das casas e as moscas nas paredes. Até o fogo na lareira deixou de esquentar e adormeceu, e a carne que cozinhava aquietou-se, e a cozinheira que naquele momento puxava pelo cabelo o ajudante de cozinha para dar-lhe um bom tapa nas orelhas por algo errado que este fizera, soltou-o, e ambos caíram no sono. E assim tudo aquietou-se e dormiu profundamente.

Uma densa cerca de espinhos logo cresceu ao redor do palácio, e a cada ano tornava-se mais alta e mais espessa, até que por fim todo o palácio foi tomado e escondido, de modo que nem mesmo os telhados das torres ou as chaminés podiam ser vistos. Mas por todas as terras se falava da bela menina adormecida, Botão de Rosa (pois era esse o nome da filha do rei), e de tempos em tempos apareciam filhos de reis que tentavam penetrar por entre os espessos espinhos e chegar ao palácio. Isto, jamais conseguiram, pois os arbustos de espinhos agarravam-nos como se tivessem mãos e dedos, e lá eles ficavam presos, morrendo miseravelmente.

Após muitos anos, o filho de um rei chegou àquelas terras, e um homem velho contou-lhe a história dos arbustos de espinho, e de como

escondiam um lindo palácio, no qual uma bela princesa chamada Botão de Rosa dormia profundamente com toda a sua corte. Relatou-lhe, também, como ouvira de seu avô que muitos príncipes haviam tentado penetrar por entre os arbustos, mas acabaram neles ficando presos e morreram. Então o jovem príncipe afirmou:

– Nada disso me assustará. Eu verei Botão de Rosa!

O velhote tentou dissuadi-lo, mas ele insistiu em ir.

Ora, naquele exato dia completavam-se cem anos desde o encantamento, e quando o príncipe se aproximou dos arbustos de espinhos, nada encontrou a não ser belas moitas floridas entre as quais passou facilmente, mas que depois fecharam-se por trás dele tão firmemente quanto antes. O príncipe alcançou o castelo, e no pátio estavam os cães dormindo, e os cavalos nos estábulos, e nos telhados os pombos profundamente adormecidos com suas cabeças enfiadas embaixo das asas. Quando entrou no palácio, as moscas dormiam nas paredes e a cozinheira na cozinha ainda tinha a sua mão levantada como se fosse dar um tapa no ajudante, e a aia, dormindo, continuava sentada com uma ave negra ao colo pronta para depená-la.

O príncipe foi adentrando mais e mais o palácio e tudo estava tão quieto que podia ouvir sua própria respiração, até que chegou à velha torre e abriu a porta do pequeno quarto no qual estava Botão de Rosa. E lá a encontrou, profundamente adormecida, tão linda que ele não conseguia tirar dela os olhos, e, curvando-se, beijou-a. Mas no instante em que a beijou, a menina despertou, abrindo os olhos, e sorriu para ele. Então os dois saíram do quarto juntos, e logo o rei e a rainha também acordaram e também toda a corte, entreolhando-se todos, admirados. E os cavalos levantaram-se e sacudiram-se, e os cães pularam de pé e latiram, e os pombos tiraram a cabeça de sob as asas, olharam ao redor e voaram para os campos. As moscas nas paredes zumbiram para fora, o fogo na cozinha avivou e cozinhou o jantar, a carne começou a girar novamente no espeto, a cozinheira deu um tapa na orelha do ajudante e ele gritou de dor, e a aia recomeçou a depenar a ave no seu colo. Depois disto, foi celebrado o casamento do príncipe com Botão de Rosa, e juntos, os dois viveram felizes para sempre.

O Pequeno Polegar

Estava uma vez um pobre lenhador aquecendo-se junto ao fogo em sua choupana com sua mulher que fiava a seu lado.

– Como é triste – suspirou – estarmos os dois assim sozinhos, sem crianças brincando à nossa volta e nos distraindo, ao passo que os nossos amigos estão felizes e contentes por terem filhos!

– O que dizes é verdade – concordou a mulher, também suspirando e girando o torno de fiar. – Como eu seria feliz se tivesse ao menos um filho! E mesmo se ele fosse bem pequenino, não muito maior do que o meu polegar, eu seria bem feliz e o amaria profundamente.

Ora, aconteceu deste desejo da mulher se realizar justo como o desejara, porque, algum tempo depois, teve um filho bem forte e saudável, mas não muito maior do que o seu polegar. Então o casal pensou:

– Tudo bem, não podemos negar que o nosso desejo se realizou; e ainda que ele seja tão pequenino, nós o amamos profundamente.

E o chamaram de Pequeno Polegar.

Alimentaram-no bem, mas ele não cresceu, permanecendo do tamanho que tinha ao nascer. Mesmo assim, os seus olhos eram argutos e brilhantes, e logo demonstrou ser um garotinho bem esperto, sempre bem ciente do que fazia. Um dia, o lenhador, preparando-se para ir à floresta cortar lenha, falou:

– Como gostaria de ter alguém que levasse o carrinho de lenha para mim, pois estou com muita pressa.

– Ó, papai – ofereceu o Pequeno Polegar –, eu cuido disso, o carrinho estará na floresta quando precisares dele.

Então o lenhador riu-se, dizendo:

– Como o farás? Nem mesmo alcanças os arreios!

– Não te preocupa com isso, pai – disse o Pequeno Polegar. – Se minha mãe aparelhar o cavalo, subirei até a orelha dele e lhe direi para onde ir.

– Bem – resolveu o pai –, vamos tentar desta vez.

Quando chegou a hora, a mãe atrelou o carrinho de lenha ao cavalo e colocou o Pequeno Polegar na orelha deste. E lá sentado, o rapazinho conduzia o animal para onde queria, gritando-lhe: – “Vá em frente!” – ou: – “Pare!”. E assim seguiu o cavalo como se o próprio lenhador o estivesse conduzindo pela floresta. Mas aconteceu de dois estranhos aparecerem justo quando o cavalo ia um pouco rápido demais e o Pequeno Polegar lhe ordenava: – “Devagar! Devagar!”.

– Que coisa mais estranha! – comentou um deles. – Vejo uma carroça, ouço a voz de alguém que a guia, mas não vejo ninguém.

– É mesmo estranho – concordou o outro. – Vamos seguir a carroça para vermos para onde vai.

E lá se foram pela floresta até chegarem ao lugar onde se encontrava o lenhador. Então, o Pequeno Polegar, avistando o seu pai, gritou-lhe:

– Viste, pai, aqui estou com o carrinho, são e salvo! Agora, ajuda-me a descer.

E o pai segurou o cavalo com uma das mãos, com a outra tirou o filho da orelha do cavalo, e o colocou sobre um monte de palha. E lá ficou ele, feliz da vida, como podes imaginar. Todo este tempo os dois estranhos observavam de longe e sequer sabiam o que pensar de tão espantados. Por fim, um puxou o outro de lado dizendo:

– Este moleque pode nos tornar ricos se o exibirmos de cidade em cidade. Temos de comprá-lo.

Foram, portanto, até o lenhador e perguntaram-lhe quanto queria pelo rapazinho.

– Ele estará melhor conosco do que contigo – argumentaram.

– Não o venderei de modo algum – foi a resposta do lenhador. – É carne de minha carne e sangue de meu sangue, vale mais do que toda a prata e todo ouro do mundo.

Mas o Pequeno Polegar, ao ouvir a proposta dos homens, escalou o paletó do pai, se postou em seu ombro e sussurrou-lhe:

– Aceita o dinheiro, pai, deixa que me levem. Logo retornarei para ti.

Com isto o pai finalmente concordou em vender seu Pequeno Polegar aos homens por um bom bocado de ouro.

– Onde preferes sentar-te? – perguntou um dos homens.

– Ah! Coloca-me na aba do teu chapéu, me servirá como uma bela varanda panorâmica. Enquanto viajamos, poderei caminhar e apreciar a paisagem.

Assim, os homens fizeram o que ele pediu, e depois do Pequeno Polegar se despedir do pai, o levaram com eles. Seguiram viajando até que escureceu e o rapazinho pediu:

– Deixa-me descer. Estou cansado.

O homem então tirou o chapéu da cabeça e o colocou sobre um monte de terra em um campo arado junto à estrada. E o Pequeno Polegar brincou e saltitou por entre os sulcos na terra até que por fim enfiou-se em uma toca de rato abandonada.

– Boa noite, senhores – gritou. – Já me vou! E da próxima vez, não tirem os olhos de mim.

Os homens correram direto à toca onde viram o menino sumir-se, cutucaram o buraco com gravetos, mas em vão. O Pequeno Polegar engatinhava sempre mais e mais para o fundo até que o céu ficou tão escuro que os homens tiveram de ir-se sem o seu prêmio – muito mal-humorados, como bem podes imaginar.

Quando o Pequeno Polegar viu que os homens haviam ido, saiu do seu esconderijo. – “Que caminhada perigosa, esta, neste campo arado! Se escorregasse do alto de um desses morros, de certo quebraria o pescoço.” Mas afinal, por pura sorte, encontrou uma casca de caracol vazia. – “É muita sorte! Aqui poderei dormir em paz” – e para dentro da casca se foi. Logo que principiava a pegar no sono, ouviu que dois homens passavam e um perguntava ao outro:

– Como iremos roubar a prata e o ouro do rico vigário?

– Eu sei! – o Pequeno Polegar gritou.

– Que barulho foi esse? – assustou-se o ladrão. – Juro que ouvi alguém falar.

Ficaram parados, ouvidos atentos, e o Pequeno Polegar gritou:

– Se eu puder ir junto, ensinarei como roubar o dinheiro do vigário.

– Mas onde estás? – perguntaram.

– Aqui, no chão – respondeu –, de onde vem o som.

Por fim, os ladrões o encontraram e o tomaram nas mãos.

– Seu molecote! – disseram. – O que pensas poder fazer por nós?

– Ora, posso passar entre as grades das janelas da casa do vigário e apanhar tudo o que quiserem.

– Bem pensado! – admiraram-se. – Venha conosco e veremos o que consegues.

Ao chegarem à casa do vigário, o Pequeno Polegar passou por entre as grades para dentro da sala e, de lá, gritou o mais alto que podia:

– Pego tudo que está aqui?

Com isto os bandidos se assustaram e pediram:

– Calma, calma! Fala mais baixo ou vais acordar alguém.

Mas o Pequeno Polegar fingiu não compreender e gritou bem alto novamente:

– Pego tudo? Jogo tudo pela janela?

Ora, a cozinheira estava dormindo no quarto ao lado e, ouvindo todo aquele barulho, ergueu-se na cama para escutar melhor. Neste meio tempo, os ladrões, amedrontados, haviam se distanciado um pouco da casa, mas tomaram coragem pensando: – “O moleque só nos quer fazer de bobos”. Portanto, aproximaram-se da casa mais uma vez e sussurraram:

– Agora, para com tuas piadas e joga para nós o dinheiro.

Mas o Pequeno Polegar berrou o mais alto que pôde:

– Está certo. Mãos estendidas, lá vai!

A cozinheira tudo ouviu com clareza, pulou da cama e correu para abrir a porta. Os ladrões deram no pé como se perseguidos por lobos, e a empregada, tendo procurado e nada encontrado, foi buscar uma lanterna. Ao retornar, o Pequeno Polegar já escapulira para o estábulo e, depois de ter vasculhado por tudo que é canto e buraco e nada encontrar, a cozinheira foi dormir pensando ter sonhado acordada. O rapazinho perambulou pelo palheiro achando por fim um esplêndido lugarzinho no qual passar a noite. Deitou-se, então, tentando dormir até o raiar do dia para depois encontrar o caminho de volta para a casa dos pais. Mas, que pena! Que cruel desilusão a dele! Quantas cruces e mágoas carregamos neste mundo! A cozinheira levantou-se bem antes do nascer do dia para alimentar as vacas, foi direto ao palheiro e carregou um amontoado enorme de feno onde, bem ao centro, dormia a sono solto o homenzinho. E ele continuou dormindo, e

só acordou quando já estava na boca de uma vaca que o havia abocanhado junto com um monte de feno.

– Que triste dia! – lamentou-se. – Como vim cair dentro do moinho?

Mas logo descobriu onde de fato estava, e foi obrigado a usar de toda sua astúcia para evitar os dentes da vaca e não ser esmigalhado. Por fim, desceu para o estômago do animal. – “É um tanto escuro aqui” – falou. – “Esqueceram-se de abrir janelas para a entrada da luz do sol; não seria mal se eu tivesse uma vela.”

Apesar de tentar tirar o melhor proveito possível de sua má sorte, não estava gostando nem um pouco do seu alojamento, e o pior de tudo era que mais e mais feno descia para o estômago da vaca, e o espaço onde ele estava mais e mais diminuía. Por fim, bradou o mais alto que pôde:

– Não me tragas mais feno! Não me tragas mais feno!

A cozinheira, que por acaso estava ordenhando a vaca, escutando uma voz, não vendo ninguém e tendo absoluta certeza de que era a mesma voz que ouvira de noite, assustou-se tanto que caiu da banqueta, entornando o balde de leite. Correu para o vigário, seu amo, o mais rápido possível, dizendo:

– Senhor... senhor, a vaca está falando!

Mas o vigário disse:

– Mulher, ficaste louca!

Ainda assim, foi com ela até o estábulo para averiguar o que acontecia. Tão logo puseram os pés na entrada, o Pequeno Polegar gritou:

– Não me tragas mais feno!

Aí, até o vigário se assustou, e julgando que a vaca estivesse enfeitiçada, ordenou que fosse imediatamente morta. A vaca, portanto, foi morta, e o seu estômago, no qual estava o Pequeno Polegar, foi jogado em um monte de estrume.

A rapazinho logo apressou-se a buscar uma saída, o que não era tarefa fácil. Mas, assim que conseguiu abrir um buraco e enfiar a cabeça para fora, uma nova desgraça lhe ocorreu: um lobo faminto de um salto abocanhou e engoliu todo o estômago da vaca, com o Pequeno Polegar e tudo, de uma só vez, e depois fugiu para longe. Entretanto, o menininho não desanimou, e julgando que o lobo se agradaria de uma conversinha pelo caminho, gritou:

– Meu bom amigo, sei onde podes encontrar um regalo e tanto.

– Onde? – quis saber o lobo.

– Em tal e tal casa – respondeu o Pequeno Polegar, descrevendo a casa dos pais. – Poderás entrar na casa pelo cano da cozinha e lá encontrarás bolos, presunto, carne, e tudo mais que o seu coração desejar.

O lobo não esperou um segundo convite. Naquela mesma noite foi até a casa e enveredou-se pelo cano até a cozinha, lá bebendo e comendo o quanto quis. Quando estava satisfeito, resolveu se ir, mas havia comido tanto que não conseguia mais sair por onde entrara. Era justamente o que o Pequeno Polegar planejava, e ele então passou a fazer uma grande gritaria e todo o barulho que podia.

– Dá para te calares? – pediu o lobo. – Vais acordar a todos da casa.

– O que me importa? – respondeu o rapazinho. – Já tiveste tua festança. Agora quero eu me divertir um pouco!

E começou a cantar e gritar tão alto quanto possível.

O lenhador e sua mulher, acordando com o barulho, espiaram por uma fresta na porta, mas quando viram um lobo, podes bem imaginar que ficaram tremendamente assustados, e o lenhador, apressado, correu para pegar o seu machado e entregar uma foice à sua mulher.

– Fica atrás de mim – lhe disse. – E quando eu o tiver acertado na cabeça, abre a barriga dele com a foice.

O Pequeno Polegar, isto ouvindo, gritou:

– Pai, pai, estou aqui, o lobo me engoliu.

E o seu pai exclamou:

– Os céus sejam louvados! Reencontramos nosso filho querido – e disse à mulher para não usar a foice, temendo ferir o filho.

Então mirou bem e golpeou a cabeça do lobo, matando-o de uma tacada. E com o lobo morto, abriram-lhe a barriga, libertando o Pequeno Polegar.

– Ai, filho, como tememos por ti!

– Sim, pai – respondeu. – Viajei por todo mundo, de um modo ou de outro, desde que nos despedimos, e agora estou bastante feliz de respirar ar puro de novo.

– Por onde estiveste? – quis saber o pai.

– Estive em um buraco de rato, em uma casca de caracol, descí pela garganta de uma vaca e estive na barriga do lobo. Mas, ainda assim, aqui estou eu novamente, são e salvo.

– Bem – lhe disseram os pais –, jamais o venderemos de novo, nem por toda riqueza do mundo.

E abraçaram e beijaram o filhinho querido, deram-lhe bastante de comer e beber, e trouxeram-lhe roupas limpas, pois as suas estavam bem estragadas pela viagem.

Os Animais Agradecidos

Um certo homem, que perdera quase todo o seu dinheiro, resolveu partir com o pouco que lhe restava, viajando mundo afora. E o primeiro lugar em que chegou foi um vilarejo onde os jovens corriam de um lado ao outro com exclamações e gritos.

– O que houve? – quis saber.

– Vê só – responderam-lhe. – Apanhamos uma ratinha e a obrigamos a dançar para nós. Olha para ela, como é engraçada! Como salta de lá para cá!

Mas o homem apiedou-se da pobrezinha e ofereceu:

– Pagarei para deixarem-na ir.

Deu-lhes então algum dinheiro, pegou a ratinha e deixou que se fosse, e ela logo pulou para dentro de um buraco que encontrou nas cercanias, fugindo do alcance de todos.

E o homem continuou a sua viagem, chegando a um outro vilarejo. Neste, as crianças haviam pegado um burrico e o obrigavam a ficar de pé sobre as patas traseiras, o que ele não conseguia, sempre caindo, coisa que as fazia rir e gritar muito, não dando sossego ao animal. Então o bom homem ofereceu-lhes dinheiro para deixarem o pobre jumento em paz.

No próximo vilarejo em que chegou, os jovens haviam pegado um urso e ensinado a dançar, importunando sem piedade o pobrezinho. Então o homem ofereceu-lhes dinheiro para deixarem o animal se ir, e o urso se viu de novo sob suas quatro patas e pareceu bastante feliz.

Mas agora o homem havia dado todo o dinheiro que possuía e não tinha mais nem uma moeda no bolso. Então pensou consigo mesmo: – “O rei tem montanhas de ouro em seu tesouro que nunca usa. Não posso

morrer de fome. Espero ser perdoado por pegar um pouco emprestado, pois quando for de novo rico, pagarei pelo que peguei”.

Deu então um jeito de entrar no tesouro real, e pegou um pouquinho de dinheiro. Mas, ao sair, os guardas do rei o viram e o chamaram de ladrão e o levaram ao juiz que o condenou a ser jogado no mar dentro de uma caixa. A tampa da caixa era cheia de buracos para o ar entrar, e também lhe deram uma jarra de água e uma bisnaga de pão.

Enquanto boiava, soturno, dentro da caixa, ouviu o ruído de um mordiscar e roer no cadeado, que, de repente, quebrou-se deixando a tampa da caixa aberta, e ele pôde ver a sua amiga ratinha que lhe havia feito este favor. Então apareceram também o burro e o urso que puxaram a caixa para a margem. Todos o ajudaram porque ele tinha sido muito bom para com eles.

Mas agora não sabiam o que mais fazer e confabulavam, quando uma onda repentina jogou para a margem uma bela pedra branca que se parecia com um ovo. Então, o urso disse:

– Mas que sorte! Esta é uma pedra maravilhosa, e quem quer que a possua terá todos seus desejos realizados.

Sendo assim, o homem tomou a pedra e desejou um palácio, e um jardim, e cavalos, e o seu desejo se realizou imediatamente. E lá viveu ele, em seu palácio e jardim, com belas estrebarias e cavalos, e tudo era grandioso e belo e ele nunca se cansava de tudo admirar e apreciar.

Depois de um tempo, uns mercadores por lá passaram.

– Vejam só – disseram –, que palácio principesco! Da última vez em que aqui estivemos nada havia além de um deserto.

Ficaram muito intrigados querendo saber como tudo surgira. Dirigiram-se, portanto, ao palácio e perguntaram a seu dono como este fora erguido tão rápido.

– Nada fiz eu mesmo – explicou-lhes. – Foi a pedra maravilhosa que tudo fez.

– Que pedra interessante ela deve ser! – comentaram.

E o homem os convidou a entrar e mostrou-lhes a pedra. Eles indagaram se queria vendê-la e lhe ofereceram todas as suas mercadorias em troca, e estas eram tão belas e ricas que ele esqueceu-se por completo que a pedra lhe proporcionaria em um instante milhares de coisas mais ricas e belas, e concordou com a troca.

Tão logo a pedra não era mais sua, contudo, e suas riquezas desapareceram, e ele encontrou-se sentado em sua caixa dentro d'água, com a jarra de água e a bisnaga de pão. Os animais agradecidos, a ratinha, o jumento e o urso, logo surgiram para ajudá-lo, mas a ratinha viu que desta vez não conseguia roer o cadeado, pois este era muito mais duro do que o outro. Então, o urso disse:

– Temos de encontrar a pedra maravilhosa mais uma vez ou todos nossos esforços serão inúteis.

Entrementes, os mercadores passaram a habitar o palácio, e para lá, portanto, se foram os três amigos, e quando se aproximaram, o urso disse:

– Ratinha, entra e espia pela fechadura onde guardam a pedra. És pequenina. Ninguém a verá.

Ela o fez, mas logo retornou dizendo:

– Más notícias! Olhei e vi a pedra dependurada em um fio de seda vermelho debaixo do espelho com um gato enorme de olhos brilhantes a cada lado de vigia.

Então os outros confabularam e disseram:

– Volta lá e espera o dono do palácio deitar-se e dormir. Mordisca então o seu nariz e puxa o seu cabelo.

Lá se foi a ratinha, e fez o que lhe pediram. E o dono do palácio pulou da cama muito bravo e esfregou o nariz, dizendo:

– Esses gatos danados não prestam para nada, afinal. Permitem até que ratos comam o meu nariz e me puxem os cabelos!

Assim, escorraçou os gatos do quarto e a ratinha ganhou a parada.

Na noite seguinte, logo que o dono adormeceu, a ratinha voltou de mansinho e mordiscou a linha de seda vermelha na qual pendurava a pedra até esta cair, e foi rolando a pedra pelo chão em direção à porta, mas lá chegando, a pobrezinha estava bastante cansada e pediu ao jumento:

– Puxa a pedra com a tua pata.

E o jumento o fez e puxou a pedra para fora, e lá se foram os três em direção ao mar. E o jumento perguntou:

– Como alcançaremos a caixa?

Mas o urso disse:

– Facilmente; sei nadar muito bem, e tu, burrico, põe as patas em meus ombros, segura bem firme e leva a pedra na boca. Tu, ratinha, podes sentar-te na minha orelha.

Estava tudo assim resolvido, e nadaram para longe. Algum tempo depois, o urso começou a se vangloriar, contando vantagens:

– Somos camaradas valentes, não somos, jumento? O que pensas?

Mas o jumento mordeu a língua e não disse uma palavra.

– Por que não respondes? – quis saber o urso. – Deves ser bem mal-educado, já que não respondes quando te falam.

Ao ouvir isto, o jumento não conseguiu mais se segurar. Abriu a boca, deixando a pedra cair.

– Não podia falar – replicou. – Não sabias que tinha a pedra em minha boca? Agora a perdemos e tu és o culpado.

– Cala-te, fica quieto – ordenou o urso. – Temos de pensar no que faremos.

Então formaram um conselho e por fim reuniram todos os sapos, as esposas e famílias destes, seus parentes e amigos e disseram:

– Um poderoso inimigo está vindo para comê-los a todos, mas não há nada a temer; se tivermos bastante pedras, construiremos uma sólida muralha para protegê-los.

Com isto os sapos ficaram terrivelmente assustados e começaram a trabalhar trazendo todas as pedras que encontravam. Finalmente, uma grande e gorda rã chegou puxando a pedra maravilhosa pelo fio de seda; e quando o urso a viu, pulou de alegria, dizendo:

– Agora encontramos o que queríamos!

Libertou a rã de sua pesada carga e disse-lhe que contasse aos outros que podiam voltar aos seus negócios conforme tivessem vontade, pois o perigo passara.

Então os três amigos nadaram novamente em direção à caixa, e a tampa se abriu, e eles descobriram ter chegado bem a tempo, pois todo o pão fora comido e a jarra de água estava quase vazia. Logo que o bom homem pôs as mãos na pedra, desejou estar são e salvo em seu palácio mais uma vez; e em um instante lá estava ele, com o seu jardim e estrebarias e cavalos; e os seus três amigos fiéis moraram com ele, e todos passaram o tempo alegres e felizes enquanto viveram.

Jorinda e Jorindel

Era uma vez um antigo castelo situado bem ao centro de um espesso bosque, e neste castelo morava uma velha fada. Durante todo o dia ela voava aqui e ali transformada em coruja, ou esgueirava-se por toda a região como um felino; mas de noite sempre voltava a ser uma velhinha. Quando qualquer rapaz chegava a cem passos de seu castelo, ficava paralisado, e nem mais um passo conseguia dar até que ela viesse libertá-lo. Mas quando qualquer moça bonita chegava a esta distância, transformava-se em pássaro, e a fada a punha em uma gaiola que pendurava em uma sala do castelo. Havia setecentas destas gaiolas dependuradas no castelo, e todas continham lindos pássaros.

Bem, era uma vez uma moça chamada Jorinda. Era a mais bela de todas as belas moças jamais vistas, e um pastor chamado Jorindel gostava muito dela e os dois iam logo casar-se. Um dia, foram passear pelo bosque para poderem ficar um pouco a sós e Jorindel disse:

– Devemos cuidar para não nos aproximarmos do castelo.

Era uma linda tarde, os últimos raios do sol poente brilhavam por entre os longos galhos das árvores sobre a verde folhagem do chão e as rolinhas cantavam os seus lamentos de cima das altas árvores.

Jorinda sentou-se para admirar o pôr do sol. Jorindel acomodou-se a seu lado. E ambos sentiram-se entristecidos, não sabiam por quê. Mas era como se fossem separar-se para sempre. Já haviam caminhado um bom pedaço quando, olhando ao redor para procurar o caminho de volta para casa, perceberam que não sabiam qual trilha tomar.

O sol se punha rapidamente, e já uma boa metade de seu círculo desaparecera por trás do morro. Súbito, Jorindel olhou para trás e, ao vislumbrar por entre os arbustos que haviam, sem perceber, sentado junto

ao muro do castelo, encolheu-se de medo, ficou pálido e estremeceu. E Jorinda cantarolava:

Arrulha nos ramos do salgueiro o pombinho,
Ai de nós, amiguinho! Ai de nós, amiguinho!
Chora e lamenta a sorte
De sua bela consorte,
Ai de nós, amiguinho!

O canto interrompeu-se bruscamente. Jorindel virou-se para descobrir a causa e deparou-se com Jorinda transformada em rouxinol, o seu canto terminando em um melancólico ai, ai. Uma coruja de olhos de fogo voou três vezes em torno deles, e três vezes guinchou: U, u! U, u! U, u!. Jorindel não conseguia mover-se: estava petrificado como uma rocha, e também não conseguia chorar, nem falar, nem mexer pé ou mão. E então o sol desceu bastante; veio a noite sombria e a coruja voou para um arbusto; pouco depois veio a velha fada, descorada e descarnada, olhos arregalados e um nariz e uma boca que quase se encontravam.

Resmungou algo para si mesma, pegou o rouxinol e levou-o consigo nas mãos. O pobre Jorindel viu o rouxinol ir-se, mas o que podia fazer? Não conseguia mover-se de onde estava. Por fim, a fada retornou entoando em voz rouca:

Até a vítima aprisionada,
Sua sorte lançada,
Aí ficai! Ficai!
Depois de encantada,
Pelo feitiço tomada,
Então te vai! Te vai!

De repente, Jorindel sentiu-se livre. Caiu então de joelhos ante a fada e rogou-lhe que devolvesse sua querida Jorinda, mas ela lhe disse que jamais tornaria a vê-la e seguiu o seu caminho.

Ele rezou, chorou, lamentou, mas tudo em vão. – “Ai – queixava-se –, o que será de mim?”

Não podia voltar para casa, por isso seguiu até um vilarejo desconhecido e empregou-se como guardador de rebanhos. Muitas vezes deu voltas e voltas o mais próximo que ousava ao redor do castelo. Por fim, uma noite sonhou que havia achado uma linda flor roxa tendo em seu centro uma valiosa pérola. E sonhou que colhia esta flor e com ela se ia até o castelo, e que tudo no que com ela tocava, se desencantava, encontrando assim novamente a sua querida Jorinda.

De manhã, ao acordar, começou a procurar por todos os montes e vales por esta bela flor, e por oito longos dias a buscou em vão, mas no nono dia, cedo pela manhã, encontrou a linda flor roxa, e em seu centro havia uma grande gota de orvalho tão grande como uma valiosa pérola.

Então, colheu a flor e se foi, viajando noite e dia, até de novo chegar ao castelo. Aproximou-se mais de cem passos do castelo e ainda assim não ficou paralisado como antes, descobrindo que conseguia mesmo chegar até a porta.

Jorindel ficou muito feliz com isto. Tocou na porta com a flor, e esta se abriu de modo que ele pôde entrar e atravessar o pátio onde ouviu o canto de muitos pássaros. Por fim alcançou uma sala onde a fada estava sentada, com os setecentos pássaros cantando em suas setecentas gaiolas. E quando a fada avistou Jorindel, ficou muito braba e gritou de raiva; mas não conseguia aproximar-se dele, pois a flor que este trazia em suas mãos o protegia. Olhou em redor para os pássaros, mas, ai, havia muitos rouxinóis; como poderia encontrar Jorinda? Enquanto pensava no que fazer, reparou que a fada pegara uma das gaiolas e com ela fugia pela porta. Correu, ou melhor, voou, atrás dela. Encostou a flor na gaiola, e sua Jorinda lá estava, à sua frente. Ela jogou os braços em seu pescoço e estava linda como sempre, tão linda como quando caminharam juntos para dentro do bosque.

Então ele tocou em todos os outros pássaros com a flor para que recuperassem as suas formas. E levou sua querida Jorinda para casa, onde viveram felizes por muitos e muitos anos.

O Músico Admirável

Havia uma vez um fantástico músico que tocava maravilhosamente o violino e saiu a perambular pela floresta de bom humor. Então pensou com os seus botões: – “O tempo passa um tanto devagar, preciso encontrar companhia”. Sendo assim, pegou o seu violino e começou a tocar até a floresta ressoar com a sua música.

Logo veio o lobo. – “Nossa! Um lobo veio me ouvir” – admirou-se o músico. Mas o lobo chegou-se a ele e disse:

- Como tocas bem! Gostaria que me ensinasses.
- Isto é bem fácil – retrucou o músico –, se fizeres o que te digo.
- Claro – garantiu o lobo. – Serei um bom aluno.

Foram então juntos por um bom caminho, chegando por fim a um carvalho oco com uma larga fresta de abertura no meio do tronco.

– Olha só – falou o músico. – Se desejas aprender o violino, põe as patas da frente nesta fresta.

O lobo obedeceu, mas o músico tomou uma grande pedra e enfiou-a no restante da fresta, aprisionando deste modo o pobre.

- Agora fica bonzinho e espera até eu voltar.

Depois de um tempo, pensou com os seus botões: – “O tempo passa muito devagar, devo encontrar outra companhia”. Tomou então o violino e lá se foi tocando pela floresta mais uma vez. Logo, veio uma raposa que estava nas proximidades. – “Ah! Uma raposa” – admirou-se o músico. E a raposa dele se acercou e disse:

– Músico maravilhoso, como tocas bem! Devo e vou aprender a tocar como tu!

– Podes em breve fazê-lo – declarou o músico –, se apenas me obedeceres.

– Obedecerei – garantiu a raposa.

Sendo assim viajaram juntos por um tempo até alcançarem uma trilha estreita cercada por arbustos bem altos. O músico então dobrou um grosso e flexível galho de avelã de um lado da trilha até o chão e pôs o pé em cima para firmá-lo. Dobrou outro galho do outro lado da trilha e disse à raposa:

– Agora, raposinha bonita, se queres tocar o violino, me dá cá tua pata esquerda.

E a raposa estendeu-lhe a pata e ele a amarrou com firmeza em um dos galhos.

– Agora, me estenda a direita – pediu.

E a raposa o fez. Aí o músico amarrou esta ao outro galho e retirou o seu pé e, assim, lá se foram os galhos e também a raposa que ficou dependurada, estendida, balançando no ar.

– Agora fica boazinha e espera até que eu volte – disse o músico, e se foi, saltitando.

Mas logo pensou com os seus botões: – “O tempo começa a se arrastar. Preciso encontrar companhia”. Tomou seu violino e saiu tocando divinamente. Então surgiu uma lebre correndo pelo caminho. – “Ah! Uma lebre” – admirou-se o músico. E a lebre lhe disse:

– Exímio violinista, como tocas bem! Me ensinas?

– Sim – respondeu o músico –, logo o farei se obedeceres minhas ordens.

– Obedecerei – concordou a lebre. – Vou ser uma boa aluna.

Se foram juntos bem contentes por algum tempo até alcançarem uma clareira na floresta. Aí, o músico amarrou uma corda no pescoço da lebre e a outra ponta em uma árvore.

– Agora, belezinha de lebre, rápido, saltita e corre em torno da árvore vinte vezes.

E a tola da lebre obedeceu. E quando havia dado vinte voltas ao redor da árvore, amarrara a corda vinte vezes em torno da árvore e estava completamente presa. Podia puxar o quanto quisesse que apenas apertava mais e mais a corda no próprio pescoço.

– Agora espera aí até eu voltar – disse o músico.

Neste meio tempo, contudo, o lobo havia empurrado, e mordido, e arranhado tanto a pedra, que acabara por soltar suas patas e estava livre.

Declarou então de todo coração: – “Vou perseguir este músico malandro até encontrá-lo e despedaçá-lo”. Ao vê-lo passar correndo, a raposa pediu:

– Ah, irmão lobo, por favor me liberta, o músico me trapaceou.

Então o lobo tanto mordeu o galho de avelã que o partiu ao meio, e lá se foram os dois procurando o músico. E quando encontraram a lebre, ela igualmente gritou por socorro. E eles a libertaram, e juntos seguiram atrás do inimigo.

Entrementes, o músico estivera tocando e encontrara um outro companheiro, pois um pobre lenhador se agradara da sua música e não resistira a seguir-lhe com o seu machado debaixo do braço. O músico estava contente por ter um homem como companhia, e comportou-se bem cortesmente com ele, não fazendo nenhuma trapaça e parando e tocando as suas mais encantadoras melodias até o coração do lenhador se encher de alegria. Enquanto o lenhador escutava a música, viu o lobo, a raposa e a lebre se aproximando e percebeu, por suas expressões, que estavam enfurecidos e vinham para causar algum dano. Então, ficou de pé em frente ao músico com o seu enorme machado, como que dizendo: “Ninguém o machucará enquanto eu tiver este machado”. E quando os animais viram isto, ficaram tão assustados que correram de volta para a floresta. Então o músico tocou para o lenhador uma de suas mais belas melodias como recompensa e depois seguiu o seu caminho.

A Abelha Rainha

Dois filhos de um rei, certa vez, saíram pelo mundo buscando fortuna; mas logo caíram em um modo de vida tolo e esbanjador, não podendo mais retornar para casa. Então o irmão caçula deles, um anão insignificante, partiu à procura dos irmãos; mas quando os encontrou, estes apenas acharam graça por ele, tão jovem e simples, ter pensado conseguir sair pelo mundo quando eles dois, muitos mais espertos, não haviam sido bem-sucedidos. Ainda assim, os três partiram juntos e chegaram um dia a um formigueiro. Os dois irmãos mais velhos logo queriam destruí-lo só para verem as formigas correndo assustadas tentando salvar os seus ovos. Mas o anãozinho disse:

– Deixem as pobrezinhas em paz. Não permitirei que sejam importunadas.

Então seguiram, e chegaram a um lago sobre cujas águas muitos patos iam e vinham, de lá para cá. Os dois irmãos queriam logo pegar dois deles e assá-los. Mas o anão disse:

– Deixem os pobrezinhos em paz. Não permitirei que sejam comidos.

Em seguida viram uma colmeia em uma árvore oca e havia tanto mel que este escorria pelo tronco da árvore. Os dois irmãos queriam acender uma fogueira debaixo da árvore e matar as abelhas para tomar-lhes o mel. Mas o anão os impediu, dizendo:

– Deixem esses belos insetos em paz. Não permitirei que sejam queimados.

Até que um dia os três irmãos chegaram a um castelo, e ao passar pela estrebaria viram belos cavalos, mas todos de mármore, e nenhum homem em nenhuma parte. Percorreram todos os cômodos do castelo até acharem uma porta com três cadeados. No meio desta porta tinha uma portinhola

pela qual puderam espiar para dentro do cômodo. Lá, avistaram um velhinho por quem chamaram uma ou duas vezes, mas ele não os ouviu; chamaram-no uma terceira vez e então ele levantou-se e veio até eles.

Não disse palavra, mas guiou-os até uma bela mesa coberta com toda sorte de guloseimas, e depois de haverem comido e bebido, guiou cada um deles a um quarto de dormir.

Na manhã seguinte, foi até o mais velho e o levou a uma mesa de mármore, onde havia três tabuinhas contendo o relato de como o castelo poderia ser desencantado. A primeira tabuinha dizia: “Na floresta, por debaixo do musgo, estão as mil pérolas pertencentes à filha do rei. Devem todas ser encontradas. E se uma estiver faltando ao pôr do sol, aquele que as procura será transformado em mármore.

O irmão mais velho partiu e procurou pelas pérolas por todo o dia; mas entardeceu e não encontrara a primeira centena: foi então transformado em pedra, como a tabuinha anunciara.

No dia seguinte, o segundo irmão assumiu a tarefa; mas não teve melhor sucesso do que o primeiro, pois apenas encontrou a segunda centena de pérolas; portanto, ele também transformou-se em pedra.

Por fim, chegou a vez do anãozinho. Procurou sob o musgo, mas era tão difícil encontrar as pérolas, era uma tarefa tão cansativa, que sentou-se em uma pedra e chorou. E enquanto ali estava, o rei das formigas (cujas vidas salvara) veio ajudá-lo com cinco mil formigas. E não demorou muito para encontrarem todas as pérolas e fazerem um montinho com elas.

A segunda tabuinha dizia: “A chave do quarto da princesa deve ser pescada no lago”. E quando o anão chegou na margem do lago, avistou os dois patos cujas vidas salvara e eles mergulharam e logo trouxeram a chave que estava no fundo das águas.

A terceira tarefa era a mais difícil. Deveria escolher a melhor e mais jovem das filhas do rei. Ora, eram todas belas, todas exatamente iguais, mas foi lhe dito que a mais velha comeria um pedaço de açúcar, a segunda, um pouco de melado e a mais nova, uma colher de mel. A ele restava adivinhar qual delas comeria o mel.

Veio então a rainha das abelhas, que fora salva de morrer queimada pelo anãozinho, e experimentou os lábios das três, sentando-se por fim nos lábios da que comeria o mel. E assim o anão ficou sabendo qual era a princesa mais nova. E, desta forma, o encantamento foi quebrado, e todos

que haviam sido transformados em pedra acordaram, voltando às suas antigas formas. E o anão casou-se com a melhor e mais jovem das princesas e foi rei depois da morte do pai dela; e os seus dois irmãos casaram-se com as duas outras.

O Cão e o Pardal

Um cão pastor tinha um dono que dele pouco cuidava, com frequência deixando-o passar fome. Por fim, não pôde mais suportar e fugiu, correndo muito, sentindo-se muito triste e desesperançado. Na estrada deparou-se com uma pardoca, que lhe perguntou:

– Por que estás tão triste, amigo?

– Porque tenho muita fome e nada para comer – explicou o cão.

– Se isto é tudo – disse-lhe a pardoca –, vem comigo até a próxima cidade e logo lhe arranjurei bastante comida.

Saíram, então, juntos para a cidade, e ao passarem pelo açougue, a pardoca disse ao cão:

– Fica parado um pouco ali naquele canto e bicarei um pedaço de carne para ti.

A pardoca empoleirou-se na prateleira de carnes e, certificando-se de que ninguém a via, bicou e arranhou um belo bife que estava na beirada da prateleira até que este caiu. O cão prontamente o abocanhou, zarpando com ele para a esquina, onde logo o engoliu.

– Muito bem – disse a pardoca –, terás mais, se desejares. Vem comigo até a próxima loja e conseguirei mais um bife.

Depois do cão comer este também, a pardoca lhe perguntou:

– Então, amigo, estás satisfeito?

– Comi bastante carne – respondeu –, mas agora gostaria de um bom pedaço de pão.

– Vem comigo, então – disse a pardoca –, e logo o terás também.

Levou-o até uma padaria e bicou dois pãezinhos que estavam à janela até que estes caíram ao chão. E como o cão ainda quis mais, levou-o a uma

outra padaria e bicou mais uns pãezinhos para ele. Quando estes também foram comidos, a pardal perguntou ao cão se agora estava satisfeito.

– Sim – o cão respondeu. – Vamos agora dar um passeio fora da cidade.

Foram os dois até a estrada, mas como o tempo estava quente, não haviam ido muito longe quando o cão declarou:

– Estou muito cansado, gostaria de tirar um cochilo.

– Pois bem – disse a pardal. – Podes dormir. Enquanto isso, eu estarei naquele arbusto.

Assim o cão esticou-se na estrada, e logo adormeceu. Enquanto dormia, um carroceiro aproximou-se com sua carroça, puxada por três cavalos e carregada com dois barris de vinho. A pardoca, vendo que o carroceiro não desviava do caminho onde o cão dormia, e sim dirigia-se a ele para atropelá-lo, gritou:

– Para! Para!, senhor Carroceiro, ou levará a pior.

Mas o carroceiro murmurou para si mesmo: – “Levarei a pior! Essa é boa. O que podes me fazer?” – chicoteou ainda mais os cavalos e passou a carroça por cima do pobre cão, esmigalhando-o debaixo das rodas.

– Ah! Cruel vilão! Mataste meu amigo cão. Agora atenta bem ao que te digo. Esta tua ação te custará tudo o que tens.

– Faça o que quiseres, e sê bem-vinda – foi a resposta do brutamontes. – Que mal julgas poder fazer-me? – e seguiu o seu caminho rindo.

Mas a pardal voou até a carroça e bicou a rolha de um dos barris até ela ficar frouxa, e lá se foi todo o vinho sem que o carroceiro percebesse. Quando ele finalmente olhou para trás, notou que a carroça pingava e o barril estava totalmente vazio.

– Como sou infeliz! – lamentou-se.

– Ainda não o bastante! – emendou a pardal, pousando na cabeça de um dos cavalos e bicando-o até que ele empinasse e desse um coice.

Ao ver isto, o carroceiro pegou o seu machado e tentou acertar a pardal para matá-la, mas ela voou para longe, e o machado foi bater na cabeça do cavalo com tamanha força que este caiu duro no chão, mortinho da silva.

– Como sou infeliz! – lamentou-se o carroceiro.

– Ainda não o bastante! – emendou a pardal.

E quando o carroceiro seguiu com seus dois outros cavalos, novamente a pardal voou até a carroça e bicou a rolha do segundo barril, e todo o vinho se foi. Quando o carroceiro viu o que acontecia, lamentou-se de novo:

– Como sou infeliz!

Mas a pardal emendou:

– Ainda não o bastante! – e pousou na cabeça do segundo cavalo, bicando-o também. O carroceiro correu e tentou acertá-la novamente com o machado, mas lá se foi a pardal voando e o golpe caiu sobre o segundo cavalo, matando-o imediatamente.

– Como sou infeliz! – lamentou-se.

– Ainda não o bastante! – emendou a pardoca e, pousando sobre o terceiro cavalo, passou a bicá-lo também.

O carroceiro estava louco de raiva e sem olhar em volta ou mesmo se importar, tentou mais uma vez golpear a pardal, mas acabou matando o seu terceiro cavalo como fizera aos outros dois.

– Ai, como sou infeliz! – lamentou-se.

– Ainda não o bastante! – emendou a pardoca, voando para longe. – Agora vou importuná-lo e castigá-lo em tua casa.

O carroceiro se viu obrigado a abandonar a carroça e retornar para casa a pé, furioso e envergonhado.

– Ai, que má sorte tive! – contou à sua mulher. – Meu vinho entornado, meus cavalos, todos três, mortos.

– Ai de nós, marido. Um pássaro malvado veio à nossa casa trazendo consigo todos os pássaros do mundo. Atiraram-se ao nosso milho armazenado no sótão e de tudo darão cabo em mais uns instantes.

Lá se foi o marido, escada acima, apressado, e deparou-se com milhares de pássaros por todos os cantos comendo o seu milho e, no meio deles, a pardoca.

– Como sou infeliz! – lamentou-se o carroceiro, vendo que quase todo o seu milho se fora.

– Ainda não o bastante! – emendou a pardoca – Tua crueldade logo te custará a vida – e voou para longe.

O carroceiro, vendo que perdera tudo que possuía, desceu até a cozinha; mas ainda não se arrependia do que fizera, e sentou-se teimoso e

raivoso junto à lareira. Mas a pardal empoleirou-se do lado de fora da janela e gritou:

– Carroceiro, tua crueldade te custará a vida!

Com isto o carroceiro pulou de raiva, tomou o seu machado arremessando-o na direção da pardal, porém errou o alvo, apenas quebrando a janela. A pardoca em seguida voou para dentro, empoleirando-se no beiral da janela e repetindo:

– Carroceiro! Vai custar-te a vida!

Ele então ficou enlouquecido e cego de tanta raiva que acertou o beiral da janela com tamanha força que o partiu em dois. Enquanto a pardal voava de um ponto ao outro, o carroceiro e sua mulher, fulos de raiva, quebravam toda a mobília, os vidros, cadeiras, bancos, mesas e mesmo as paredes, sem conseguirem acertar o pássaro. Mas por fim conseguiram capturá-la e a mulher perguntou:

– Devo matá-la de uma vez?

– Não – disse o marido –, seria deixar barato demais. Deve ter uma morte bem cruel. Vou comê-la.

Mas a pardoca debateu-se e esticou o pescoço, gritando:

– Carroceiro!, isto vai custar-te a vida!

Com isto, ele não mais esperou. Deu o machado a sua mulher, dizendo:

– Mulher, acerta o pássaro matando-o em minhas mãos.

A mulher golpeou, mas errou o alvo, acertando bem em cima da cabeça do marido, que caiu ao chão morto. E a pardoca voou para casa tranquilamente.

Frederico e Catarina

Havia uma vez um homem chamado Frederico e ele tinha uma mulher chamada Catarina, mas não estavam casados há muito tempo. Um dia, Frederico falou:

– Catarina, estou saindo para trabalhar na plantação, quando voltar estarei com fome, então me espera com uma boa refeição e uma boa jarra de cerveja.

– Certo – ela disse. – Tudo estará pronto quando chegares.

Perto da hora do jantar, Catarina pegou um belo bife, que era toda a carne que tinham, e o colocou no fogo para fritar. O bife logo dourou e chiava na panela enquanto Catarina o virava com um garfo. Aí ela disse para si mesma: “O bife está quase pronto, posso aproveitar e descer ao porão para pegar a cerveja”. Ela então deixou a frigideira no fogo, pegou uma grande jarra, desceu ao porão, abriu a torneira do barril, e a cerveja começou a jorrar para dentro da jarra. De repente lembrou-se: – “Não tranquei o cachorro. Pode tentar roubar o bife. Ainda bem que pensei nisso”. Subiu apressada as escadas do porão e, de fato, o malandro do cachorro já estava com o bife na boca, se preparando para fugir.

Catarina foi atrás dele, e o cão saiu correndo pelos campos; mas era mais veloz que ela e não largava do bife. – “Tarde de mais – conclui Catarina. – E o que não tem remédio, remediado está”. Voltou para casa, mas como havia corrido um bom pedaço e estava cansada, andou lentamente, para descansar.

Durante todo este tempo, a cerveja tinha ficado correndo, pois Catarina não fechara a torneira. E quando a jarra transbordou a cerveja continuou correndo pelo chão até o barril esvaziar-se. Ao chegar perto da escada do porão, Catarina viu o que tinha acontecido. – “Minha nossa! –

exclamou. – O que farei para Frederico não ver o chão todo molhado?”. Pensou e pensou e acabou lembrando de uma saca de farinha comprada na última feira. Se salpicasse o chão com a farinha, esta absorveria toda a cerveja. – “Que sorte – pensou –, termos guardado essa farinha! Farei bom uso dela.” Foi buscar a saca, mas ao colocá-la na mesa para abri-la, esbarrou na jarra, entornando o resto de cerveja que tinham pelo chão. – “Ah! É sempre assim. Quando um vai, o outro vai atrás.” Espalhou então a farinha por todo o porão e ficou bem satisfeita com a sua esperteza, dizendo: – “Como tudo parece limpo e arrumado!”

Ao meio-dia, Frederico chegou em casa.

– Então, mulher, o que temos para comer?

– Ah, Frederico – ela respondeu –, estava fritando o teu bife, mas enquanto desci para pegar a cerveja o cão o roubou. E enquanto perseguia o cão, o barril se esvaziou. E quando fui secar a cerveja com a farinha da saca, entornei a jarra. Mas o porão está agora bem seco e parece tão limpo!

– Catarina, Catarina – ele disse –, como pudeste? Por que deixaste o bife fritando, e a cerveja jorrando, e desperdiçaste a farinha?

– Ora, Frederico – ela respondeu –, não sabia que não devia. Tu é que devias ter me dito antes para não o fazer.

O marido pensou consigo mesmo: – “Se é assim que a minha mulher cuida das coisas, devo ficar de olhos bem abertos”. Ora, ele tinha uma boa quantidade de ouro em casa, portanto disse à Catarina:

– Que belos botões amarelos! Vou guardá-los em uma caixa e enterrá-los no quintal. Mas jamais chegues perto ou mexas neles.

– Não, Frederico – ela garantiu. – Isso, eu jamais farei.

Logo que ele saiu, apareceram uns vendedores ambulantes com pratos e travessas de barro e perguntaram se ela desejava comprar algo.

– Puxa, adoraria – ela disse –, mas não tenho dinheiro. Se aceitassem botões amarelos, aí, sim, poderíamos negociar.

– Botões amarelos! – repetiram. – Queremos dar uma olhada.

– Estão no jardim. É só cavar onde eu disser, que serão encontrados, mas eu deles não posso me aproximar.

E os malandros foram e, quando descobriram o que eram os botões amarelos, levaram todos, deixando em troca muitos pratos e travessas. Ela os espalhou como enfeite por toda a casa, e quando Frederico retornou, perguntou:

– O que andou fazendo, Catarina?

– Olha só, comprei tudo isso com os seus botões amarelos. Mas nem cheguei perto deles. Foram os vendedores quem os cavaram.

– Mulher, mulher – gemeu Frederico –, que bela asneira fizeste! Aqueles botões amarelos eram todo dinheiro que tínhamos. Como pudeste fazer tal coisa?

– Ora – respondeu –, não sabia que não devia. Tu é que devias ter me dito antes para não o fazer.

Catarina matutou um pouco e por fim disse ao marido:

– Escuta, Frederico, logo teremos o ouro de volta. Vamos atrás dos bandidos.

– Bem, podemos tentar – disse o marido. – Mas traz um pouco de manteiga e queijo para termos o que comer no caminho.

– Está bem – ela disse.

E lá se foram os dois. E como Frederico andava mais rápido, sua mulher foi ficando para trás.

– Não faz mal – ela pensou. – Na hora de voltarmos, estarei mais perto de casa do que ele.

Logo, ela chegou ao topo de um morro em cuja descida havia uma estrada tão estreita que as rodas das carroças sempre raspavam-se nas árvores a cada lado da trilha. – “Ah, vejam só – compadeceu-se –, como estão feridas e machucadas as pobres árvores. Assim nunca irão melhorar”. E com pena das árvores, usou a manteiga para untá-las, para que as rodas das carroças escorregassem e não raspassem nelas com força. Enquanto fazia essa boa ação, um dos queijos caiu da cesta e rolou morro abaixo. Catarina olhou e olhou, mas não conseguiu ver onde o queijo fora parar, então disse: – “Ora, aposto que o outro rolará pelo mesmo caminho e irá encontrá-lo. Suas pernas são mais novas do que as minhas”. Deixou o outro queijo rolar morro abaixo, e lá se foi ele, ninguém sabe para onde, morro abaixo. Esperou, esperou, mas concluiu que os queijos deviam conhecer o caminho de volta para casa ou que saberiam segui-la. Ela é que não podia esperar por eles o dia todo!

Por fim alcançou Frederico, que lhe pediu algo de comer. Ela lhe deu um pão seco.

– Onde estão a manteiga e o queijo? – ele perguntou.

– Ah! Usei a manteiga para engraxar as pobres árvores que estavam tão machucadas. Aí um dos queijos fugiu, por isso mandei o outro ir encontrá-lo e trazê-lo de volta. Imagino que ambos estejam vindo pela estrada.

– Que boba és, fazendo tantas tolices! – recriminou-a o marido.

– Como podes falar assim? Tenho certeza de que nunca me disseses para não as fazer.

Comeram juntos o pão seco e Frederico disse:

– Catarina, espero que tenhas trancado a porta da casa ao sairmos.

– Não – ela respondeu. – Não me disseses que devia.

– Então volta para casa e o faz agora, antes de irmos mais longe – ele ordenou. – Aproveita para trazer alguma coisa para comermos.

Catarina fez o que ele pediu, e pensou consigo mesma, durante todo o percurso: – “Frederico deseja algo para comer, mas não creio que aprecie muito queijo e manteiga. Levarei um saco de nozes e também uma garrafa do vinagre, que é tão bom.

Quando chegou em casa, trancou a porta de trás, mas a porta da frente ela tirou das dobradiças, pensando: – “Frederico mandou-me trancar a porta, mas com certeza não pode estar mais segura do que estando conosco”. E lá se foi bem devagar. E quando alcançou o marido, gritou para ele:

– Pronto, Frederico, a porta é toda tua, podes agora cuidar dela o quanto desejares.

– Ai, ai – gemeu o marido –, que mulher esperta arrumei! Então mandei-te de volta a casa para arrancares a porta e assim facilitar a entrada e saída de quem quer que fosse? Pois bem, já que trouxeste a porta, vais ter de carregá-la tu mesma.

– Muito bem – ela respondeu. – Carrego a porta. Mas não carregarei as nozes e a garrafa de vinagre. Seria muito peso. Portanto, se não te importas, vou amarrá-los na porta.

Frederico, é claro, não objetou ao plano, e lá se foram pela floresta procurando os ladrões, mas não conseguiam encontrá-los. E quando escureceu, subiram em uma árvore para passar a noite. Assim que subiram, quem haveria de passar, se não os mesmos malandros a quem procuravam? Eram na verdade grandes safados, e pertenciam àquela classe de pessoas que encontram as coisas dos outros antes destas se perderem.

Estavam cansados, portanto sentaram-se e fizeram uma fogueira debaixo da árvore onde Frederico e Catarina estavam. Frederico desceu sorrateiramente pelo outro lado e apanhou algumas pedras. Depois subiu de novo e tentou acertar os bandidos na cabeça com elas, mas eles apenas disseram:

– Deve ser quase de manhã, pois o vento está derrubando as pinhas das árvores.

Catarina, que trazia a porta sobre os ombros, começou a cansar, mas achou que era por causa das nozes que o peso era tanto. Disse, então, baixinho:

– Frederico, preciso me livrar das nozes.

– Não – ele pediu. – Agora não, irão nos descobrir.

– Sinto muito, tem de ser.

– Apressa-te então, e joga-as logo, se não aguentas mais.

E lá se foram as nozes por entre os galhos da árvore e um dos ladrões gritou:

– Nossa! Uma chuva de granizo!

Um pouco depois, Catarina achou que a porta continuava bastante pesada e sussurrou para Frederico:

– Devo me livrar da garrafa de vinagre.

– Não, por favor – ele pediu. – Irão nos descobrir.

– Sinto muito, tem de ser.

Virou a garrafa, entornando todo o vinagre, e os ladrões comentaram:

– Que forte orvalho!

Por fim entrou na cabeça de Catarina que era a porta que todo este tempo pesava, então sussurrou para Frederico:

– Tenho de me livrar logo da porta.

Mas ele rogou e implorou que não o fizesse, pois tinha certeza de que seriam descobertos.

– Lá vai ela, mesmo assim – disse Catarina.

E lá se foi, de fato, a porta com tamanho estrondo para cima dos ladrões, que estes gritaram: – “Socorro” – e, por não saberem o que lhes caía em cima, correram o mais rápido que puderam, deixando para trás o ouro. Então, quando Frederico e Catarina desceram da árvore, encontraram todo o seu ouro são e salvo.

Os Três Filhos de Sorte

Uma certa vez, um pai chamou por seus três filhos e deu ao mais velho um galo, ao segundo, uma foice e ao terceiro, um gato.

– Já estou velho – lhes disse. – Meu fim se aproxima e, antes de morrer, queria deixar algo a cada um. Dinheiro, não tenho. Um galo, uma foice e um gato podem parecer de pouco valor, mas de tudo sempre se tira proveito, meus filhos. Numa terra onde não se conhecem galos, foices e gatos, a fortuna poderá vos sorrir.

Depois da morte do pai, o filho mais velho saiu mundo afora com o seu galo; mas onde quer que fosse, em todas cidades de que se aproximava, já de longe avistava um galo nas torres das igrejas girando com o vento. Nos vilarejos sempre ouvia muitos deles cantando; portanto, o seu galo em lugar nenhum era novidade e ele não via muita chance da sorte sorrir-lhe. Por fim aconteceu de chegar a uma ilha cujos habitantes nunca haviam visto um galo e nem mesmo sabiam como marcar as horas. Diferenciavam, é claro, o dia da noite, mas quando acordavam no meio da noite, não tinham como saber as horas.

– Atenção, todos! – alardeou o rapaz. – Que nobre animal! Como se assemelha a um guerreiro! Traz uma crista vermelha na cabeça, esporas nos calcanhares, canta três vezes todas as noites, em horas determinadas, e sempre no terceiro canto o sol está por se levantar. Mas isso não é tudo. Às vezes canta em pleno dia, e então devemos nos precaver, pois o tempo de certo irá se alterar.

Aquilo agradou enormemente aos nativos. Ficaram acordados toda uma noite e ouviram, com imensa alegria, como o galo anunciava as horas às duas, às quatro e às seis da manhã. Perguntaram, então, ao rapaz se vendia o galo e por quanto.

– Tanto ouro quanto um jumento possa carregar – ele respondeu.
– Um preço justo por tal animal – concordaram em coro; e lhe deram o que pediu.

Quando retornou à casa com sua riqueza, seus irmãos ficaram intrigados; e o segundo irmão se propôs:

– Vou agora igualmente tentar a sorte e ver o que consigo com a minha foice.

Não parecia, porém, muito provável que a encontrasse, posto que onde quer que fosse encontrava camponeses com foices aos ombros tão boas quanto a sua. Mas por fim, por pura sorte, chegou a uma ilha onde as pessoas jamais haviam visto uma foice. Lá, logo que o milho amadureceu, todos saíram aos campos e começaram a arrancá-lo com as mãos. Era um trabalho pesado, e muito do milho se perdia. O rapaz então pegou a sua foice e pôs-se ao trabalho, e derrubou toda a colheita em tão pouco tempo que as pessoas o cercaram boquiabertas de admiração. Estavam prontas a dar-lhe o que pedisse por tamanha maravilha, mas ele apenas pediu quanto ouro um cavalo pudesse carregar.

Ora, o terceiro filho ansiava por ver o que conseguiria com o gato. Por isso, lá se foi, e de início ocorreu com ele o que ocorrera com os irmãos; enquanto permaneceu no continente, não teve sucesso. Havia gatos e mais gatos onde quer que fosse. Com efeito, havia gatos demais, e até um bom número de filhotes logo que viam a luz do dia eram afogados. Mas por fim o rapaz chegou a uma ilha onde, por sorte sua, ninguém jamais vira um gato. E havia tanto rato na ilha, que as pestinhas dançavam sobre as mesas e cadeiras, estivesse ou não o dono da casa presente. As pessoas queixavam-se abertamente desses insultos e o próprio rei não sabia como livrar-se deles em seu palácio. Por todos os cantos e esquinas os ratos guinchavam e roíam tudo em que conseguiam pôr os dentes. Ali, sim, um belo lar para um bichano! – e o gato logo saiu à caça e já limpava duas salas num piscar de olhos quando o povo foi até o rei implorando-lhe comprar o maravilhoso animal, a qualquer preço, para o bem público. O rei de bom grado pagou o que lhe pediu o rapaz: uma mula carregada de ouro e joias. E, assim, o terceiro filho retornou a casa com mais riqueza ainda do que os irmãos.

Enquanto isso, o gato banqueteara no palácio real, devorando tantos ratos, que o número desses foi diminuindo. Enfim, bastante cansado de

tanto trabalho, teve sede, sentou-se, ergueu a cabeça e miou: – “Miau, miau!”. O rei estava reunido com todos os seus súditos, quando ouviram este grito estranho, e muitos deles correram palácio afora, gritando de medo. Mas o rei convocou um conselho no qual decidiram enviar uma mensagem ao gato para que deixasse o palácio de imediato ou teriam de usar de força para removê-lo: – “Preferimos ter de aturar os ratos (com os quais já estamos acostumados), a pormos em risco nossas vidas deste modo só para nos livrarmos deles”. Por conseguinte, um pajem se dirigiu ao gato perguntando se abandonava o palácio de boa vontade. Mas o bichano, cuja sede aumentava mais e mais a cada momento, apenas respondeu com um: – “Miau, miau!” – que o pajem interpretou como: – “Não, não!” – levando esta resposta ao rei.

– Bem – declararam os conselheiros –, vejamos o que conseguimos com a força.

E armaram os canhões e atiraram no palácio de todos os lados. Quando o fogo atingiu a sala onde estava o gato, este pulou pela janela e fugiu, mas os seus caçadores não o viram e continuaram atirando até que todo o palácio caiu pelo chão.

O Rei Velhote

Um grande rei tinha uma linda filha que era tão orgulhosa, altiva e pretensiosa, que nenhum príncipe que lhe pedia a mão em casamento era bom o bastante para ela, e de todos ela fazia troça.

Uma certa vez o rei deu uma grande festa e convidou todos os pretendentes da princesa. Eles sentaram-se em fileira de acordo com suas posições: reis e príncipes, duques e barões. Então a princesa entrou na sala e passou por todos eles, mas encontrou algo desagradável para dizer a cada um. O primeiro era gordo demais: – “Parece uma banheira” – comentou. O seguinte, alto demais: – “Parece um poste!” – gracejou. O outro, baixo demais: – “Que nanico!” – disse. O quarto era por demais pálido e ela o chamou de “cara pálida”. O quinto, era rosado demais, então ela o apelidou de “camarão”. O sexto não tinha a postura ereta o suficiente, portanto ela comparou-o a um graveto novo deixado para secar sobre um forno de padaria. E assim, de cada um ela fez graça, mas riu-se mais de um bom rei que lá estava. – “Sua barba parece uma vassoura velha; vou chamá-lo de Rei Velhote.” Então, o rei ganhou o apelido de Rei Velhote.

Mas o velho rei, pai da princesa, ficou bastante aborrecido ao presenciar o comportamento da filha e ver como ela maltratava a todos os seus convidados. Por isso, o rei jurou que, querendo ou não, a princesa se casaria com o primeiro mendigo a bater na porta do palácio.

Dois dias depois, um músico viajante, começou a tocar debaixo da janela do rei pedindo esmolas. E ao ouvi-lo o rei ordenou:

– Deixem-no entrar.

Trouxeram então um camarada de aspecto sujo, que, depois de haver cantado para o rei e a princesa, solicitou-lhes uma dádiva. O Rei lhe disse:

– Cantaste tão bem, que te darei minha filha por esposa.

A princesa implorou e rogou, mas o rei lhe anunciou:

– Jurei dar-te ao primeiro mendigo, e mantereí a minha palavra.

Palavras e lágrimas, portanto, de nada serviram. O vigário foi chamado e ela casou-se com o músico. Depois do casamento, o rei disse à filha:

– Agora te apronta para partir. Não podes aqui ficar. Deves ir com o teu marido.

E o mendigo partiu levando consigo a princesa, e os dois logo chegaram a uma floresta.

– Com licença – ela perguntou –, a quem pertence esta floresta?

– Pertence ao Rei Velhote – ele respondeu. – O tivesses escolhido e também a ti pertenceria.

– Ai, como sou infeliz – ela suspirou –, quem me dera ter casado com o Rei Velhote!

Em seguida chegaram a uma bela plantação.

– A quem pertencem estas verdes plantações? – a princesa perguntou.

– Pertencem ao Rei Velhote. O tivesses escolhido, também a ti pertenceriam.

– Ai, como sou infeliz! Quem me dera ter casado com o Rei Velhote!

Chegaram depois a uma grande cidade.

– A quem pertence esta nobre cidade? – perguntou a princesa.

– Pertence ao Rei Velhote. O tivesses escolhido, também a ti pertenceria.

– Ai, como sou infeliz – ela suspirou. – Por que não me casei com o Rei Velhote?

– Isto não é problema meu – respondeu o músico. – Por que desejarias outro marido? Não sou bom o bastante para ti?

Por fim chegaram a uma pequena choupana.

– Que lugar desprezível! – comentou a princesa. – A quem pertence este buraco imundo?

E o músico respondeu:

– Esta é a nossa casa; é onde iremos morar.

– Onde estão os criados? – ela quis saber.

– Por que haveríamos de querer criados? – ele perguntou-lhe. – Deves tu fazer o que tiver de ser feito. Agora, acende o fogo, coloca água para ferver e cozinha o meu jantar, pois estou muito cansado.

Mas a princesa nada sabia de acender fogo e cozinhar, e o mendigo foi obrigado a ajudá-la. Depois de uma parca refeição, foram dormir. Mas o mendigo acordou bem cedo pela manhã para limpar a casa. Assim viveram por dois dias, e quando já haviam comido tudo que havia na casa, o homem falou:

– Mulher, não podemos continuar assim, só gastando sem ganharmos. Deves aprender a fazer cestas.

Ele então saiu e cortou galhos de salgueiro e os trouxe para casa, e ela começou a entrelaçá-los, mas os seus dedinhos doíam muito.

– Vejo que este ofício não te serve – disse o músico. – Tenta fiar, talvez te saias melhor.

Ela sentou-se e tentou fiar, mas os fios cortavam os seus dedinhos delicados, fazendo o sangue jorrar.

– Veja só. Não prestas para nada. Não sabes nenhum ofício. Que belo negócio fiz! Só me resta tentar o comércio de pratos e panelas. Armaremos uma barraca no mercado e tu as venderá.

– Ai – ela suspirou –, quando lá estiver e todos os súditos de meu pai passarem, como rirão de mim!

Mas o mendigo não se importava, e disse-lhe que tinha de trabalhar se não quisesse morrer de fome e de sede. De início o comércio foi bem, posto que muitos vendo tão bela mulher iam dela comprar e deixavam o dinheiro, esquecendo-se de levar as mercadorias. Viveram disso enquanto durou. Mas então o marido comprou um novo lote de mercadorias e ela foi sentar-se numa esquina do mercado. Porém, logo um soldado bêbado passou com o seu cavalo por cima da barraca, quebrando tudo em pedacinhos. A princesa então começou a chorar e não sabia o que fazer. – “O que será de mim? – gemeu. – O que dirá o meu marido?” Correu para casa e contou-lhe tudo.

– Quem imaginaria que serias tola o bastante para armar a barraca em uma esquina por onde todos passam apressados! – ele comentou. – Mas chega de choro. Sabia que não prestavas para este ofício, portanto fui ao palácio do rei e indaguei se precisavam de uma ajudante de cozinha. Prometeram arrumar-te um lugar. Além do mais, lá terás bastante o que comer.

Deste modo a princesa tornou-se ajudante de cozinha, auxiliando a cozinheira nos trabalhos mais sujos. Permitiam-lhe levar para casa alguma

sobra de carne e assim foram vivendo, ela e o marido.

Não trabalhava no palácio há muito tempo, quando ouviu dizer que o filho mais velho do rei por lá passaria e que ia se casar, ela correu à janela para vê-lo. Tudo estava preparado para a chegada dele com toda a pompa e esplendor da corte. Ela então remoeu, com o coração apertado, a sua triste sorte e amargamente arrependeu-se de seu orgulho e tolice que lhe haviam levado a cair tão baixo. As criadas, com pena, deram-lhe um pouco das melhores carnes, que ela botou em sua cesta para levar para casa.

De repente, enquanto estava saindo, o filho do rei entrou em trajes de ouro e, vendo tão bela mulher na porta, tomou-a pela mão pedindo-lhe que dançasse com ele no baile. Mas ela estremeceu ao reconhecer o Rei Velhote que dela fazia troça. Porém, ele não largava-lhe a mão e a levou para dentro do palácio. Mas então a tampa de sua cesta se abriu e as carnes caíram espalhadas pelo chão. Aí todos riram-se e dela troçaram, deixando-a tão envergonhada que desejou estar a mil metros debaixo da terra. Precipitou-se em direção à porta para fugir, mas o Rei Velhote a alcançou e a trouxe de volta, dizendo:

– Não tenhas medo! Sou o músico que viveu contigo na choupana. Levei-a até lá porque te amava. Também sou o soldado que derrubou a tua barraca. Tudo fiz para curar-te o orgulho e punir-te pelo tratamento que me concedeste. Agora acabou-se. Aprendeste. Teus defeitos se foram e é chegada a hora de celebrarmos nosso casamento!

Então os criados vieram e lhe trouxeram as mais belas vestes. E seu pai e sua corte já estavam todos lá e parabenizaram-na por seu casamento. Todos estavam alegres. A festa foi ótima e todos se divertiram. E bem que eu desejava lá ter estado contigo.

As Aventuras do Galo Chantecler e da Galinha Partlet

1. *De como foram às montanhas para comerem nozes*

– As nozes estão bem maduras – declarou Chantecler à sua esposa, a Dama Partlet. – Quem sabe vamos até as montanhas e comemos quantas pudermos antes dos esquilos a todas levarem?

– De muito bom grado – concordou Partlet. – Vamos e façamos uma festa juntos.

Foram então até as montanhas e, como fazia um lindo dia, lá ficaram até a noite. Porém, fosse porque comeram nozes em demasia a ponto de mal conseguirem caminhar, ou fosse porque eram apenas preguiçosos (isso eu não sei dizer), enfiaram na cabeça que não cabia bem voltarem a pé para casa. Chantecler, portanto, começou a construir uma charrete das cascas das nozes, e quando esta estava pronta, Partlet pulou para dentro e sentou-se, pedindo a Chantecler que a ela se atrelasse e a puxasse até em casa.

– Boa piada! – disse Chantecler. – Isso nunca. Prefiro então ir a pé. Me sentarei contigo e guiarei, mas jamais puxarei.

Enquanto isso, uma pata surgiu fazendo muito barulho e disse:

– Seus ladrões vagabundos, o que fazem em meu território? Vou castigá-los por essa insolência!

E com isto, caiu sobre Chantecler com todo ardor. Mas Chantecler não era nenhum covarde e devolveu os golpes da pata com suas esporas pontiagudas tão ferozmente que esta logo pediu misericórdia, o que lhe foi concedido sob a condição de puxá-los na charrete até em casa. A pata concordou; Chantecler acomodou-se e guiou-a gritando:

– Agora, pata, move-te o mais rápido que puderes.

E lá se foram eles num ritmo bem apressado.

Depois de viajarem um pouco, encontraram uma agulha e um alfinete caminhando juntos pela estrada, e a agulha gritou:

– Para! Para! – e explicou que estava tão escuro que mal enxergavam a estrada e que, caminhando assim, jamais chegariam. Contou que ela e seu amigo alfinete tinham estado num bar a poucas milhas dali bebendo e conversando a ponto de esquecerem como estava tarde. Por isso pedia que os viajantes fossem gentis e lhes dessem uma carona na charrete.

Chantecler, observando que eram dois magricelas e não ocupariam muito lugar, lhes disse sim, mas os fez prometerem não sujar as rodas da charrete ao subirem, nem pisar nos dedos de Partlet.

Tarde da noite chegaram a uma estalagem e, como não era nada bom viajar no escuro e a pata parecia cansada e já balançava muito de um lado para outro, resolveram por lá ficar. Mas o dono da estalagem a princípio não queria, alegando estar a casa cheia, pois pensava que talvez não fossem companhia respeitável. Contudo, eles lhes falaram cortesmente e lhe deram o ovo que Partlet pusera durante o trajeto, e lhe prometeram a pata, que tinha o hábito de pôr um ovo a cada dia. Então, por fim, ele deixou-os entrar; e eles solicitaram uma lauta refeição e passaram a noite alegremente.

Cedo pela manhã, antes do dia clarear, e quando ninguém ainda mexia-se na estalagem, Chantecler acordou sua mulher. Pegando o ovo, nele bicaram um buraco e o comeram jogando as cascas na lareira. Foram então até a agulha e o alfinete, que dormiam a sono solto, e, pegando-os pela cabeça, enfiaram um na poltrona do dono da estalagem e o outro, no lenço dele. Isso tendo feito, esgueiraram-se para fora o mais silenciosamente possível. Contudo, a pata que dormira ao ar livre no quintal, ouviu-os se aproximando e pulando para dentro de um córrego que ali perto passava, sumiu-se para longe do alcance dos dois.

Uma ou duas horas depois, o dono da estalagem acordou e pegou o lenço para limpar o rosto, mas o alfinete nele enfiado o arranhou. Ele então foi até a cozinha para acender seu cachimbo no fogo da lareira, mas ao remexer as brasas as cascas do ovo voaram em seu rosto quase o cegando.

– Minha nossa! – exclamou. – Todo mundo quer a minha cabeça esta manhã – e isto dizendo, atirou-se sobre sua poltrona; mas (minha nossa!) a agulha o espetou, e desta vez a dor não foi em sua cabeça. Ele agora enfureceu-se e, suspeitando do grupo que chegara na noite anterior, foi procurá-los, mas todos haviam se ido. Jurou então nunca mais hospedar uma tropa de vagabundos como aquela, que faziam uma bela refeição, não pagavam e não deixavam nada em troca por todo o seu trabalho a não ser truques malvados.

2. De como Chantecler e Partlet foram visitar o Senhor Raposo

Num outro dia, Chantecler e Partlet tiveram vontade de passear juntos de novo, então Chantecler construiu uma bela charrete com quatro rodas vermelhas e atrelou seis ratinhos a ela. Depois ele e Partlet subiram na charrete e lá se foram. Logo em seguida um gato os encontrou e perguntou:

– Para onde vão?

E Chantecler respondeu:

Todos a caminho

Ao nosso vizinho,

Senhor Raposo, visita prestar.

Então o gato pediu:

– Posso ir também?

E Chantecler respondeu:

– De muito boa vontade. Sobe aí atrás e cuida para não cair.

Senta-te atrás,

Vê se cair não vais.

Pronto, Ratinhos!

Firmes, a caminho

Ao nosso vizinho,

Senhor Raposo, visita prestar.

Logo depois vieram uma pedra de moinho, um ovo, um pato e um alfinete; e Chantecler consentiu a todos que subissem na charrete e fossem com eles.

Quando chegaram na casa do Senhor Raposo, ele não estava. Então os ratos levaram a charrete para a garagem, Chantecler e Partlet voaram para

cima de uma trave, o gato sentou-se junto à lareira, o pato foi nadar na cisterna, o alfinete se enfiou no travesseiro, a pedra do moinho deitou-se em cima da porta, e o ovo acomodou-se em uma toalha.

Quando o Senhor Raposo chegou em casa, foi acender o fogo, mas o gato jogou toda a cinza da lareira em seus olhos. Correu até a cozinha para lavar-se, mas o pato assustou-se e bateu com as patas na água, molhando o seu rosto. Ao tentar enxugar-se com a toalha, o ovo quebrou-se em pedacinhos, fazendo arder os seus olhos. Então o Senhor Raposo ficou bastante irritado e foi dormir sem jantar. Mas ao deitar a cabeça no travesseiro, o alfinete arranhou-lhe as bochechas. Furioso, de um salto teria deixado a casa, mas ao passar pela porta, a pedra do moinho caiu sobre sua cabeça, matando-o ali mesmo.

3. De como Partlet morreu e foi enterrada, e de como Chantecler morre de tristeza

Num outro dia, Chantecler e Partlet combinaram de ir de novo às montanhas para comerem nozes. E ficou acertado que todas as nozes encontradas seriam divididas igualmente entre eles. Mas Partlet encontrou uma noz bastante grande e nada disse a Chantecler, guardando-a para si. A noz era tão grande que ela não conseguiu engoli-la e ficou com a noz grudada em sua garganta. Então, assustada de verdade, gritou chamando por Chantecler:

– Por favor, venha o mais rápido que puder e me traga um pouco d’água ou irei me engasgar.

Chantecler correu o mais que pôde até o rio, dizendo:

– Rio, me dá um pouco d’água pois Partlet está nas montanhas e irá se engasgar com uma tremenda noz.

E o rio respondeu:

– Corre primeiro até a noiva e pede-lhe uma corda de seda para puxar a água.

Chantecler correu até a noiva, dizendo:

– Noiva, tens de me dar uma corda de seda para que o rio me dê água, para que eu leve até Partlet, que está nas montanhas e irá se engasgar com uma tremenda noz.

Mas a noiva respondeu:

– Corre primeiro e pega minha guirlanda dependurada no salgueiro do jardim.

Então Chantecler correu até o jardim, pegou a guirlanda do galho onde estava pendurada e levou-a para a noiva, que lhe deu a corda de seda. Levou a corda de seda para o rio, que lhe deu a água. Levou a água até Partlet, mas, neste meio tempo ela havia se engasgado com a noz e estava bem morta e nunca mais se mexeu.

Então Chantecler sentiu muito e chorou amargamente. E todos os outros animais vieram e com ele choraram a pobre Partlet. E os seis ratinhos construíram um pequeno carro fúnebre para levá-la a seu túmulo. Quando o carro estava pronto, a ele se atrelaram e Chantecler, subindo ao carro, os guiou. No caminho, encontraram a raposa.

– Aonde vais, Chantecler? – ela perguntou.

– Enterrar minha Partlet – respondeu o outro.

– Posso ir também? – perguntou a raposa.

– Sim, mas debes subir aí atrás, ou os meus cavalos não conseguirão puxá-lo.

Então a raposa subiu atrás, e logo o lobo, o urso, o bode, e todos os animais da floresta vieram e subiram no carro fúnebre.

E lá se foram até chegarem a um córrego ligeiro.

– Como iremos atravessá-lo? – perguntou Chantecler.

E um caniço na margem das águas respondeu:

– Vou deitar-me atravessado sobre o córrego e o carro pode sobre mim passar.

Mas quando os ratinhos passavam, o caniço escorregou e caiu na água, e todos os seis ratinhos caíram e se afogaram.

O que fazer agora?

Uma grande tora de madeira veio e se ofereceu:

– Sou grande o bastante. Vou me atravessar por sobre o córrego e todos passarão por cima de mim.

Deitou-se, então, mas foi tão desajeitada, que caiu dentro d'água, sendo levada pela correnteza. Então uma pedra, que viu o acontecido, veio gentilmente se oferecer para ajudar ao pobre Chantecler, deitando-se por sobre o córrego. E, desta vez, Chantecler pôde atravessar a salvo o córrego com o carro fúnebre, conseguindo retirar Partlet de dentro dele. Mas a

raposa e o resto do cortejo, que estavam sentados atrás, eram pesados demais, e caíram na água e foram levados pela correnteza, se afogando.

Assim Chantecler se viu sozinho com sua falecida Partlet; e tendo cavado uma cova para ela, deitou-a no fundo, fazendo depois um pequeno montículo de terra sobre a cova. Então sentou-se junto ao túmulo e chorou e lamentou-se, até que ele também morreu. E assim, todos estavam mortos.

Branca de Neve

Foi no meio do inverno, quando grossos flocos de neve caíam por toda parte, que uma certa rainha bordando junto à janela cuja moldura era feita do mais belo ébano, ao contemplar a neve, distraiu-se, picou o dedo com a agulha, e três gotas de seu sangue pingaram sobre a neve acumulada no parapeito. A rainha fitou, pensativa, os três pingos vermelhos sobre a branca neve e desejou:

– Quem me dera minha filhinha fosse branca como a neve, corada como o sangue e negra como o ébano da moldura da janela!

E sua filhinha cresceu: a pele branca como a neve, faces coradas como o sangue e cabelos escuros como o ébano. E chamaram-na Branca de Neve.

Mas esta rainha veio a falecer, e o rei logo casou-se com outra mulher, que era muito bonita, mas tão orgulhosa, que sequer tolerava imaginar que uma outra pudesse ser mais bela. Tinha um espelho mágico no qual mirava-se, perguntando:

Diga-me espelho, sê verdadeiro!
Entre todas no reino, aqui e além,
Existe mais bela? Revela-me quem.

E o espelho respondia:
És, rainha, a mais bela em todo reino.

Mas a beleza de Branca de Neve aumentava a cada dia, e aos sete anos era radiante como o dia e mais bela do que a própria rainha. Foi assim que um dia o espelho respondeu à rainha que o consultara como de hábito:

És bela, rainha, encantadora por demais,
Mas Branca de Neve, muito, muito mais.

Isso ouvindo, a rainha empalideceu de raiva e inveja e chamou um de seus criados, ordenando:

– Livra-te de Branca de Neve na floresta para que eu nunca mais a tenha de ver.

E o criado conduziu a menina até a floresta, mas o seu coração apiedou-se dela quando esta lhe implorou que poupasse a sua vida. Ele então acalmou-a:

– Não te machucarei, bela menina.

Deixou-a, então, sozinha, e embora julgasse que os animais selvagens a fossem provavelmente esfaquear, sentiu como se um peso lhe saísse do coração quando decidiu poupar-lhe a vida deixando-a entregue à própria sorte.

Então Branca de Neve perambulou pela floresta sentindo muito medo, e os animais selvagens rugiam à sua volta, mas nenhum lhe fez mal. No final da tarde, a menina encontrou uma casinha na qual entrou para descansar, pois os seus pezinhos não aguentavam ir mais longe. Tudo na casinha era asseado e ordenado. Na mesa uma toalha branca e sete pratinhos com sete pãezinhos e sete copinhos com vinho, e facas e garfos alinhados em ordem. E junto à parede, sete caminhas. Como tinha muita fome, comeu um pedacinho de cada pãozinho e bebeu um golinho de vinho de cada copinho; e, depois, resolveu deitar para descansar. Experimentou cada uma das camas, e uma era comprida demais, e outra curta demais, até que acomodou-se sobre a sétima, nela adormecendo.

Pouco tempo depois, chegaram os donos da casa: sete anõezinhos que escavavam as montanhas à procura de ouro. Acenderam suas sete lamparinas, constatando de imediato que nem tudo estava bem. O primeiro disse:

– Quem andou sentando-se em minha banquetta?

E o segundo:

– Quem andou comendo no meu prato?

E o terceiro:

– Quem andou mordiscando o meu pão?

E o quarto:

– Quem andou mexendo na minha colher?

E o quinto:

– Quem andou usando o meu garfo?

E o sexto:

– Quem andou cortando com a minha faca?

E o sétimo:

– Quem andou bebendo o meu vinho?

Então o primeiro olhou em torno e perguntou:

– Quem andou deitando em minha cama?

E todos correram até ele, e todos exclamaram que alguém estivera em suas camas. Mas o sétimo encontrou Branca de Neve adormecida em sua cama e chamou os irmãos para vê-la. E todos soltaram gritinhos de admiração e espanto e aproximaram suas lamparinas para vê-la melhor, dizendo:

– Céus, que bela criança é!

E encantaram-se com ela e cuidaram para não acordá-la. E o sétimo anão dormiu uma hora na cama de cada um dos outros anões até a noite findar-se.

Pela manhã, Branca de Neve narrou-lhes toda a sua história e eles se apiedaram dela, declarando que, se mantivesse tudo em ordem, cozinhasse e lavasse, tricotasse e fiasse para eles, poderia ficar onde estava que cuidariam bem dela. Saíram então para trabalhar todo o dia buscando ouro e prata nas montanhas, e Branca de Neve permaneceu em casa. Mas eles alertaram-na, dizendo:

– A rainha logo descobrirá onde estás, portanto cuida e não deixa ninguém entrar.

Mas a rainha julgava Branca de Neve já morta e, de certo acreditando ser agora a mais bela no reino, perguntou a seu espelho:

Diga-me espelho, sê verdadeiro!

Entre todas no reino, aqui e além,

Existe mais bela? Revela-me quem.

Entretanto, o espelho respondeu:

És bela, rainha, encantadora por demais;

Porém, além das montanhas, à sombra da verde floresta,

Com os sete anões, em morada modesta,

Lá se esconde Branca de Neve, e esta
É mais bela que tu, rainha, muito mais!

Alarmada em extremo, a rainha, que sabia que o espelho só dizia a verdade, descobriu ter sido traída por seu criado. E como sequer tolerava imaginar viva uma outra que lhe fosse mais bela, disfarçou-se de velha vendedora e dirigiu-se para além das montanhas ao local onde residiam os anões. Bateu à porta, anunciando:

– Mercadorias finas à venda!

Branca de Neve surgiu na janela e indagou:

– Bom dia, boa senhora, o que tens para vender?

– Mercadorias finas, de qualidade – ela respondeu. – Fitas e fios de todas as cores.

Branca de Neve pensou: – “Vou deixar a velhinha entrar; parece ser uma boa pessoa” – e correu a destrancar a porta.

– Nossa – exclamou a velha –, como estão feias as fitas do teu corpete! Deixa-me prendê-lo com uma das minhas belas fitas novas.

Branca de Neve sequer suspeitou de uma maldade. Postou-se em frente à velha que apertou-lhe tanto o corpete que a menina ficou sem ar e desfaleceu como se estivesse morta.

– E este é o fim da tua beleza – riu-se a invejosa rainha, voltando para casa.

De tardinha, os sete anões retornaram e nem preciso descrever o desconsolo deles ao verem a fiel Branca de Neve estendida, imóvel, no chão, como se morta. Contudo, ao levantarem-na, descobriram a causa, rápido desfizeram as fitas do corpete e em pouco tempo ela começou a respirar, e logo reavivou. Então eles lhe disseram:

– A velha era a rainha. Cuida, da próxima vez, e não deixa ninguém entrar quando estivermos fora.

Ao chegar em casa a rainha foi direto ao espelho, e fez sua pergunta costumeira; mas, para espanto seu, o espelho repetiu:

És bela, rainha, encantadora por demais;

Porém, além das montanhas, à sombra da verde floresta,

Com os sete anões, em morada modesta,

Lá se esconde Branca de Neve, e esta

É mais bela do que tu, rainha, muito mais!

Aí seu sangue gelou nas veias de tanto despeito e malícia ao saber que Branca de Neve ainda vivia; e disfarçou-se novamente, mas bem diferente de antes, levando consigo uma travessa de cabelo envenenada. Ao chegar na casinha dos anões, bateu na porta, alardeando:

– Mercadorias finas à venda!

Mas Branca de Neve respondeu:

– Não ousou deixar ninguém entrar.

E a rainha retrucou:

– Olha, apenas, que lindas travessas – e estendeu-lhe a travessa envenenada.

Era uma linda travessa, e a menina a tomou, colocando-a nos cabelos para experimentar. Mas o veneno era tão poderoso que, no instante em que a travessa tocou sua cabeça, ela caiu sem sentidos.

– Podes aí ficar – disse a rainha, e foi-se embora.

Mas, por sorte, os anõezinhos voltaram cedo para casa naquele dia, e ao verem Branca de Neve caída ao chão, imaginaram o que tinha se passado, e logo encontraram a travessa envenenada no cabelo da menina. Ao retirarem a travessa, Branca de Neve recobrou-se e lhes contou tudo que acontecera e eles lhe aconselharam mais uma vez a não abrir a porta para ninguém.

Neste meio tempo, a rainha fora para sua casa e seu espelho, mas tremeu de raiva ao receber a mesma resposta de antes, jurando:

– Branca de Neve morrerá, nem que me custe a vida!

Entrou secretamente em um cômodo, onde preparou uma maçã envenenada: por fora rosada e tentadora, mas quem quer que a mordesse, de certo morreria. Vestiu-se então como uma camponesa e viajou para além das montanhas até a casinha dos anões. Bateu na porta, mas Branca de Neve apareceu na janela e disse:

– Não ousou deixar ninguém entrar, pois os anões me aconselharam.

– Faça como bem entenderes – disse-lhe a mulher. – Ainda assim, te darei esta bela maçã de presente.

– Não, não ousou pegá-la.

– Sua tolinha! – insistiu a mulher. – De que tens medo? Julgas estar envenenada? Vamos! Experimenta um pedacinho e eu experimentarei outro.

Ora, a maçã fora preparada de modo que um de seus lados era bom, e só o outro, envenenado. Então Branca de Neve ficou muito tentada a experimentar a maçã, pois esta parecia bem gostosa; e vendo a mulher comer, não resistiu. Mas mal pôs na boca a maçã, e caiu morta no chão.

– Desta vez nada te salvará – declarou a rainha; e voltou para casa e seu espelho, que por fim disse:

És, rainha, a mais bela entre todas as belas.

E assim o seu coração invejoso ficou satisfeito, e tão feliz quanto um coração pode ficar.

Quando a noite chegou, e os anõezinhos retornaram para casa, encontraram Branca de Neve estendida no chão. Nenhum sopro de vida em seus lábios, e recearam que estivesse morta de verdade. Levantaram-na, pentearam-na, lavaram seu rosto com água e vinho; tudo em vão, pois a menina parecia estar de fato morta. Deitaram-na, então, em um ataúde, velando-a e chorando-a, todos os sete, por três dias. Iam então enterrá-la, mas as suas faces permaneciam coradas e seu semblante belo como quando era viva. Resolveram, portanto:

– Jamais a enterraremos na fria terra.

E construíram um caixão de vidro para poderem continuar admirando-a. Escreveram nele em letras de ouro o seu nome e que era a filha de um rei. E o caixão foi posto ao topo de um monte e um dos anões sempre mantinha guarda ao lado dele. E os pássaros também vieram e choraram Branca de Neve. Primeiro veio uma coruja, depois um corvo, e por fim um pombo.

E assim Branca de Neve ficou por muito tempo, e ainda parecia estar apenas adormecida, pois continuava branca como a neve, corada como o sangue e preta como o ébano. Finalmente, um príncipe bateu na casa dos anões, e viu Branca de Neve e leu o que estava escrito em letras douradas. Então ofereceu dinheiro aos anõezinhos e rogou insistentemente que o deixassem levá-la consigo, mas eles respondiam:

– Não nos separaremos dela, nem por todo o ouro do mundo.

Por fim, apiedaram-se dele e deram-lhe o caixão, mas no momento que ele o levantou para levar com ele, o pedaço de maçã caiu dos lábios da menina, e Branca de Neve acordou, perguntando:

– Onde estou?

E o príncipe respondeu:

– Estás a salvo comigo – contou-lhe o que acontecera e disse –, amo-te mais do que tudo no mundo. Vem comigo para o palácio de meu pai e serás minha mulher.

E Branca de Neve consentiu e foi com o príncipe, e o casamento foi preparado com muita pompa e esplendor.

Para a festa foi convidada, entre outros, a velha inimiga de Branca de Neve, a rainha. E enquanto esta vestia-se para o casamento em trajes luxuosos e ricos, olhou-se no espelho e perguntou:

Diga-me espelho, sê verdadeiro!
Entre todas no reino, aqui e além,
Existe mais bela? Revela-me quem.

E o espelho respondeu:
Tu és a mais bela aqui, senhora, por demais
Mas a nova rainha, muito, muito mais!

Isto ouvindo, a rainha sobressaltou-se de raiva, mas sua inveja e curiosidade eram tamanhas que não resistiu ir ver a noiva. E ao chegar e ver que não passava de Branca de Neve, quem ela pensava há muito já estar morta, caiu doente e morreu. Mas Branca de Neve e o príncipe viveram e reinaram felizes por muitos e muitos anos.

Os Duendes e o Sapateiro

Havia uma vez um sapateiro que trabalhava duro e era muito honesto, mas ainda assim não conseguia ganhar o suficiente para viver, e chegou um dia em que tudo o que possuía no mundo era um pedaço de couro de tamanho suficiente para fazer apenas um par de sapatos. Ele aprontou o couro para confeccionar os sapatos no dia seguinte, com a intenção de acordar bem cedo pela manhã. Trazia a consciência limpa e o coração leve em meio a todos os seus problemas, portanto deitou-se em paz, entregando aos céus as suas preocupações, e logo adormeceu. Pela manhã, depois de dizer as preces, sentou-se para dar início ao trabalho quando viu, com grande espanto, os sapatos já acabados sobre a mesa. O bom homem não sabia o que dizer ou pensar, de tão estranho acontecimento. Examinou a execução do trabalho e não havia uma costura malfeita: tudo era benfeito e adequado, uma obra-prima.

Neste mesmo dia, um freguês entrou e agradou-se tanto dos sapatos que espontaneamente pagou por eles um preço bem mais alto do que o habitual. E o pobre sapateiro, com o dinheiro, comprou couro suficiente para dois outros pares.

De tardinha, cortou o couro, indo deitar-se mais cedo para acordar e começar o trabalho de costura logo ao nascer do dia seguinte. Mas foi poupado deste trabalho, pois ao acordar pela manhã os sapatos estavam prontos. Logo vieram os fregueses, que o compensaram regamente pelas mercadorias, de modo que comprou couro suficiente para quatro outros pares. Cortou novamente os sapatos de tardinha e os encontrou acabados pela manhã como antes; e assim ocorreu por algum tempo. O que quer que deixasse por fazer, de tardinha, era terminado antes do amanhecer, e a clientela do bom homem crescia e ele prosperava.

Uma tarde, por volta da época do Natal, quando ele e sua esposa sentavam-se junto à lareira conversando, ele disse a ela:

– Vou ficar acordado e vigiar durante toda esta noite, pois gostaria de saber quem vem e faz o trabalho para mim.

A mulher achou a ideia boa; sendo assim, deixaram uma vela acesa e se esconderam em um canto da sala por trás de uma cortina, aguardando para ver o que aconteceria.

Logo que bateu meia-noite, dois anõezinhos completamente nus entraram na casa e sentaram-se no banco do sapateiro. Logo tomaram todo o couro já cortado e começaram a moldá-lo com os seus dedinhos ágeis, costurando, batendo e martelando com tal rapidez que o sapateiro era toda admiração e não conseguia tirar os olhos de cima deles nem por um momento. E assim continuaram até todo o trabalho estar bem-terminado, e os sapatos prontos a serem usados, lado a lado sobre a mesa. Tudo isso se deu bem antes do amanhecer, e então eles se foram, rápidos como o relâmpago.

No dia seguinte a mulher disse ao sapateiro:

– Estas criaturinhas nos enriqueceram e devemos ser-lhes gratos e fazer-lhes algo de bom em troca. Sinto pena vendo-os correr de lá para cá como o fazem, sem roupa para aquecê-los. Vou te dizer uma coisa, farei para cada um uma camisa, um colete, um casaco e ainda um par de calças; e você, faça para cada um um par de sapatinhos.

A ideia agradou muito ao sapateiro e, uma tarde, quando tudo estava pronto, colocaram as roupinhas e os sapatinhos sobre a mesa, ao invés do couro cortado. Então foram esconder-se para observar o que os duendes fariam. Por volta de meia-noite, eles chegaram e já iam sentar-se para o trabalho, como de costume, mas ao verem as roupinhas que os esperavam, riram e ficaram muito contentes. Então vestiram-se num piscar de olhos, e dançaram e deram cambalhotas e saltitaram aqui e ali de pura alegria, até que saíram dançando pela porta para a floresta e o sapateiro nunca mais os viu. Mas tudo correu bem com o sapateiro e sua esposa daquele dia em diante enquanto viveram.

O Nabo

Havia dois irmãos, ambos soldados: um rico, o outro pobre. O irmão pobre, decidindo tentar melhorar sua situação, livrou-se da farda e tornou-se jardineiro; cultivou com cuidado sua terra e plantou nabos.

Quando as sementes brotaram, uma das plantas sobressaiu-se logo às outras e continuou crescendo e crescendo como se nunca fosse parar. E tanto cresceu que bem poderia ser chamado o príncipe dos nabos, pois jamais houve outro igual nem jamais irá haver. Por fim, estava tão grande que mal cabia em uma carroça que dois bois tinham dificuldade em puxar. O jardineiro não tinha ideia do que fazer com tal colheita, nem se representaria uma benção ou uma maldição para ele tão grande nabo. Um belo dia, perguntou-se: – “O que farei com ele? Se o vender, receberei o mesmo que receberia pelos outros, menores. Como alimento, os pequenos têm melhor sabor. Talvez o melhor seja presenteá-lo ao rei em demonstração de respeito”.

Assim, atrelou os seus bois à carroça e levou o nabo para a corte, oferecendo-o ao rei.

– Que maravilha! – este exclamou. – Já vi coisas bem estranhas, mas um tal monstro, nunca havia visto. Conseguiu uma semente especial ou foi pura sorte? Se foi isto, és sem dúvida um cara afortunado.

– Ah, não! – replicou o jardineiro. – Não sou nenhum cara de sorte. Sou um pobre soldado que nunca conseguiu o bastante para manter-se. Abandonei a farda e me dediquei ao trabalho do cultivo da terra. Tenho um irmão que é rico, e Vossa Majestade o conhece bem, e todo o mundo o conhece, mas porque eu sou pobre, todos me ignoram.

O rei apiedou-se dele e disse:

– Não mais serás pobre. Dar-te-ei tanto que serás ainda mais rico que o teu irmão.

Deu-lhe então ouro e terras e rebanhos e o fez tão rico que a fortuna de seu irmão não podia nem ser comparada à dele.

Quando o irmão soube disso, de como um simples nabo tornara o jardineiro tão rico, sentiu um ciúme terrível e conjecturou sobre o que fazer para obter para si também uma mesma boa sorte. Entretanto, determinou que arranjaria as coisas de maneira mais engenhosa do que o seu irmão o fizera. Escolheu um rico presente para o rei: ouro e cavalos soberbos. Com este pensava receber em troca um presente de muito maior valor. Seu irmão recebera tanto por um nabo; o que receberia ele, então, com tal presente?

O rei recebeu o presente com gratidão e declarou não conhecer nada de maior valor nem mais maravilhoso para lhe dar em troca do que o nabo. Assim, o soldado se viu obrigado a receber o nabo, pô-lo em uma carroça e arrastá-lo consigo para casa. Ao chegar em casa, não sabia em quem descarregar tanta raiva e despeito. Por fim, foi tomado por maus pensamentos e resolveu matar o irmão.

Contratou, portanto, uns vilões para assassiná-lo; e mostrando-lhes onde ficar de tocaia, foi até o irmão e disse:

– Querido irmão, encontrei um tesouro escondido. Vamos juntos desenterrá-lo e reparti-lo.

O irmão sequer suspeitou de uma trapaça. Partiram juntos e, enquanto viajavam, os assassinos pularam sobre ele, amarraram-no e o levaram para o enforcar em uma árvore.

Mas enquanto preparavam-se, ouviram ao longe o galopar de um cavalo e tanto se assustaram que apenas enfiaram a cabeça e os ombros do prisioneiro em um saco e o penduraram por uma corda na árvore. Depois fugiram, deixando-o lá, pendurado. Enquanto isso, o homem tanto forçou o saco que acabou por fazer nele um buraco grande o bastante para pôr de fora a cabeça.

Quando o cavaleiro cujo galope assustara os bandidos se aproximou, mostrou-se um sujeito alegre, um estudante, que viajava em sua égua cantarolando pelo caminho. Logo que o homem no saco o viu passar por baixo da árvore, gritou:

– Bom dia! Tenha um bom dia, meu amigo!

O estudante olhou em volta para todos os lados e, não vendo ninguém, e não sabendo de onde vinha a voz, indagou:

– Quem me chama?

O homem pendurado na árvore respondeu:

– Levanta os olhos, pois, e veja, cá estou eu em meu saco de sabedoria. Aqui aprendi em pouco tempo grandes e maravilhosas coisas. Em comparação, todo o aprendizado das escolas é vazio como o ar. Mais um pouco e saberei tudo que um homem pode saber, e daqui sairei mais sábio do que o mais sábio dos humanos. Daqui, distingo os sinais e movimentos dos céus e das estrelas; as leis que controlam os ventos; o números dos grãos de areia na beira das praias; a cura dos doentes; as virtudes dos simples, dos pássaros e das pedras preciosas. Estivesses ainda que um só momento onde estou, amigo, sentirias e possuirias o poder do conhecimento.

O estudante a tudo ouviu, admirado, e, por fim, disse:

– Abençoado seja o dia e a hora em que te encontrei. Não arranjas de eu ficar no saco por um tempo?

E o outro respondeu, como se pouco inclinado:

– Pouco tempo posso conceder para aqui ficares, se me recompensares bem e suplicares com bastante cortesia. Mas deves permanecer ainda uma hora no solo até que eu tenha conhecido uns assuntos ainda desconhecidos.

Com isto, o estudante sentou-se para aguardar um pouco; mas o tempo passava por demais devagar e ele implorou, insistente, que pudesse subir de imediato, pois sua sede de conhecimento era enorme. O outro então fingiu ceder e disse:

– Deves fazer descer o saco do conhecimento desamarrando aquela corda; então poderás entrar nele.

E o estudante o desceu até o chão, desamarrando a corda, abriu o saco e o libertou.

– Agora – pediu o estudante –, suba-me rápido – e começou a entrar no saco com os pés em primeiro lugar.

– Espera – disse o jardineiro. – Não é assim que se faz.

Empurrou o estudante para dentro pela cabeça, amarrou o saco, e logo dependurou o sedento de sabedoria na árvore.

– Como vão as coisas para ti, amigo? – perguntou. – Não sentes a sabedoria chegando? Descansa, aí, em paz, até seres um homem mais

sábio do que foste.

E, isso dizendo, galopou para longe na égua do estudante, deixando o pobre reunindo sabedoria até alguém passar e ajudá-lo a descer.

O Velho Sultão

Um pastor tinha um cão fiel chamado Sultão, que estava muito velho e perdera todos os dentes. Um dia, quando o pastor e sua mulher estavam juntos em frente à casa, o pastor disse:

– Vou dar cabo do velho Sultão amanhã de manhã, pois já não presta mais para nada.

Mas sua mulher implorou:

– Por favor, deixa a pobre criatura viver. Ele tem nos servido fielmente durante anos e devemos proporcionar-lhe sustento em seus últimos anos.

– Mas o que poderemos fazer por ele? – quis saber o pastor. – Não tem um dente e os ladrões não dão nem bola para ele. É verdade que serviu-nos fielmente, mas o fez para garantir o seu sustento. Amanhã será seu último dia, podes contar com isso.

O pobre Sultão, que estava deitado próximo dali, tudo ouviu da conversa entre o pastor e a mulher e ficou bastante assustado em pensar que amanhã seria o seu último dia. Assim, de tardinha foi até o lobo, seu amigo, que vivia na floresta, e contou-lhe suas tristezas e como o seu dono pretendia matá-lo pela manhã.

– Não te preocupa – disse o lobo. – Te darei um bom conselho. Teu dono, bem sabes, vai todo dia de manhãzinha com a mulher até a plantação. E eles levam com eles o filhinho, que colocam à sombra de um arbusto enquanto trabalham. Deita-te próximo da criança, e finge guardá-la. Eu virei da floresta e pegarei a criança, fugindo com ela. Corra atrás de mim o mais rápido que puderes e eu a largarei. Pega, então, a criança, e a leva de volta aos pais, que pensarão que a salvastes e ficarão tão agradecidos que cuidarão de ti enquanto viveres.

O cão agradou-se bastante do plano que, conforme o planejado, foi executado. O lobo correu com a criança por um trecho, o pastor e sua mulher gritaram, mas Sultão logo o alcançou e carregou a pobre criancinha de volta aos pais. Aí o pastor afagou a cabeça do cão, dizendo:

– O velho Sultão salvou nosso filhinho do lobo e portanto viverá e será bem-cuidado e bem-alimentado. Mulher, vai para casa e dá a ele um bom jantar e deixa-o deitar-se na minha velha almofada para descansar enquanto viver.

Assim, deste dia em diante, Sultão teve tudo que desejava.

Logo depois, o lobo veio e cumprimentou-o, dizendo:

– Agora, amigo, debes calar-te e virar a cabeça para o outro lado quando eu desejar experimentar um dos belos carneiros gordos do pastor.

– Não – negou-se o cão –, serei leal ao meu dono.

Entretanto, o lobo julgou que o cão gracejasse, e certa noite apareceu para saborear um bom bocado. Mas Sultão contara a seu dono o que o lobo pretendia, portanto o pastor já por ele aguardava atrás da porta do curral. Assim, quando o lobo estava bem ocupado escolhendo o carneiro mais gordinho, recebeu uma violenta paulada na cabeça que lhe organizou as ideias.

Aí o lobo ficou uma fera e disse que Sultão era um “velho malandro” e jurou se vingar. Na manhã seguinte, o lobo enviou pelo javali um desafio a Sultão de vir até a floresta para resolverem a questão. Ora, Sultão não tinha a quem pedir que fosse o seu padrinho no duelo, a não ser a gata de três pernas do pastor, por isso levou-a consigo; e como a pobre mancava pelo caminho com dificuldade, levantou bem alto o rabo para equilibrar-se melhor.

O lobo e o javali selvagem chegaram primeiro no local marcado e, quando avistaram os inimigos se aproximando, e viram o longo rabo da gata estendido acima, pensaram que esta trazia uma espada para Sultão lutar. E toda vez que a gata mancava, eles pensavam que estava se abaixando para juntar mais uma pedra para neles jogar. Chegaram à conclusão de que, na verdade, não gostavam lá muito deste tipo de combate, e o javali se deitou atrás de uma moita e o lobo subiu em uma árvore. Sultão e a gata logo chegaram e, olhando ao redor, admiraram-se dos outros dois lá não estarem. O javali, contudo, não se escondera muito bem, pois suas orelhas apareciam por trás da moita, e quando uma delas

mexeu-se um pouquinho, a gata, vendo o movimento e pensando ser um rato, saltou-lhe em cima, mordendo e arranhando, de modo que o javali pulou de pé e, grunhindo, fugiu à toda, gritando:

– Em cima, na árvore, lá está o culpado de tudo.

Sultão e a gata olharam, então, para cima da árvore e avistaram o lobo escondido entre os galhos. E o chamaram de covarde matreiro, e não permitiram que descesse até que, muito envergonhado, houvesse prometido ser novamente um bom amigo de Sultão.

A Dama e o Leão

Um mercador que tinha três filhas certo dia se aprontou para uma viagem de negócios. Antes de partir, porém, perguntou a cada filha qual o presente que gostaria de receber na volta. A mais velha pediu pérolas; a segunda, joias; mas a terceira disse:

– Pai querido, quero que me tragas uma rosa.

Ora, não era tarefa fácil encontrar uma rosa naquela época, pois estavam em pleno inverno; ainda assim, porque esta sua filha mais bela apreciava tanto as flores, o pai lhe disse que veria o que poderia fazer. Beijou todas as três, despedindo-se delas. Quando chegou a hora de retornar de sua viagem, havia comprado pérolas e joias para as duas filhas mais velhas, mas vasculhara em vão por todos os lugares buscando uma rosa. Sempre que ia a algum jardim e indagava por rosas, as pessoas dele se riam perguntando-lhe se achava que rosas cresciam na neve. Muito entristecido, pois sua terceira filha era a sua predileta, rumou de volta a casa matutando qual presente poderia levar-lhe. No caminho, passou por um belo castelo onde havia um jardim no qual em uma das metades era verão enquanto na outra, inverno. Na metade em que era verão floresciam as mais lindas rosas e, na outra, tudo tinha um ar de abandono e estava coberto pela neve.

– Que sorte a minha! – exclamou, e ordenou a um criado que fosse até um lindo canteiro de rosas do jardim e lhe trouxesse uma. Isto feito, cavalgavam em direção de casa bem satisfeitos, quando um leão feroz saltou no meio da estrada e rugiu:

– Quem se atreve a roubar minhas rosas é comido vivo!

E o homem suplicou:

– Não sabia que o jardim te pertencia. Não há nada que possa salvar minha vida?

– Não! – rosnou o leão. – A não ser que me prometas quem primeiro te saudar ao chegares em casa. Se concordares, te concederei a vida e também a rosa para a tua filha.

O homem não queria aceitar esta proposta, pensando: – “Pode ser minha caçula a primeira a me saudar, pois ela muito me ama e sempre corre a me receber quando chego em casa”. Mas o criado, apavorado, sugeriu:

– Pode também ser apenas um gato ou um cão...

E por fim o homem cedeu com o coração amargurado, e levou a rosa, prometendo ao leão quem primeiro o saudasse.

Ao se aproximar de casa, foi sua filha mais nova e mais querida quem veio ao seu encontro. Veio correndo e beijou-o e desejou-lhe boas-vindas. E quando viu que ele lhe trouxera a rosa, ficou ainda mais contente. Mas o seu pai, melancólico, chorando lhe revelou:

– Ai, minha filha preferida! Comprei esta flor por um preço muito alto: prometi te dar a um leão selvagem, e quando ele a tiver, vai de certo despedaçá-la e comê-la. – E contou à filha tudo que se passara, sugerindo que não cumprissem a promessa ao leão e esperassem para ver o que sucederia.

Mas a filha o confortou, declarando:

– Pai querido, o que prometeste deve ser cumprido. Irei até o leão e o acalmarei para que me deixe voltar para casa a salvo.

Na manhã seguinte, ela informou-se do caminho a ser tomado, despediu-se do pai e, valente, partiu para a floresta. Mas o leão era um príncipe encantado; de dia ele e a sua corte eram leões, e de noite tomavam suas formas verdadeiras novamente. Quando a dama chegou ao castelo, ele lhe deu boas-vindas com tal cortesia que ela consentiu em se casar com ele. A festa do casamento se realizou e os dois viveram felizes juntos por um longo tempo. O príncipe aparecia somente depois do entardecer, quando recebia sua corte; e toda manhã deixava sua noiva indo-se sozinha ela não sabia para onde, até a noite chegar outra vez.

Depois de um tempo, ele lhe disse:

– Amanhã haverá uma grande festa na casa de teu pai, pois a tua irmã mais velha irá casar-se. Se desejares ir visitá-los, meus leões podem levar-

te. Então ela ficou muito contente com a ideia de ver mais uma vez o pai e partiu com os leões. Todos ficaram felizes ao vê-la, já que a julgavam morta há muito tempo. Mas ela contou como era feliz e ficou até o final da festa, retornando depois à floresta.

Sua segunda irmã logo em seguida iria igualmente casar-se, e ao receber o convite para o casamento, a dama disse ao príncipe:

– Não irei só desta vez; deves ir comigo.

Mas ele recusava-se, alegando ser um grande risco, posto que se o menor facho de luz o tocasse, o seu encantamento tornar-se-ia pior, sendo transformado em pombo e obrigado a vagar pelo mundo durante sete longos anos. Ela porém não lhe deu sossego, garantindo cuidar para que luz alguma caísse sobre ele. Assim, por fim, partiram juntos para a festa, e levaram com eles a filhinha. A dama escolheu uma sala ampla com paredes bem grossas onde ele poderia ficar enquanto acendiam as tochas do casamento. Mas, por infelicidade, ninguém reparou haver uma rachadura na porta da sala. O casamento foi celebrado com muita pompa, mas quando o cortejo voltou da igreja e passou com as tochas pelo corredor, um minúsculo raio de luz iluminou o príncipe dentro da sala. Num instante ele desapareceu. Ao procurar por ele, a esposa encontrou apenas um pombo, que anunciou:

– Durante sete anos devo voar por todos os cantos do mundo. Todavia, aqui e ali, deixarei cair uma pena branca para indicar a direção em que sigo. Segue-a, e por fim me alcançarás e me libertarás.

Isto dito, voou, e a dama foi atrás. Vez por outra uma pena branca caía flutuando ao chão, mostrando-lhe em que direção seguir. Deste modo, ela perambulou durante sete anos por todo o mundo sem olhar para a direita ou para a esquerda, sem nem mesmo descansar. E animava-se pensando consigo mesma que o momento em que todos os seus problemas terminariam rápido se aproximava. Porém o seu momento de descanso ainda estava longe, pois um dia não encontrou a pena branca e, levantando os olhos, não viu mais o pombo. – “Agora – pensou – nenhum auxílio humano poderá me ser útil”. Dirigiu-se então ao sol, dizendo:

– Tu, que a tudo iluminas: o topo das montanhas, as profundezas dos vales, viste em algum lugar um pombinho branco?

– Não – respondeu o sol. – Não o vi, mas te darei um cofrinho. Abra-o quando tiveres necessidade.

Ela agradeceu ao sol e seguiu o seu caminho até o cair da noite; e quando a lua nasceu, lhe disse:

– Tu que brilhas por toda a noite, sobre os campos e arvoredos, viste em algum lugar um pombinho branco?

– Não – respondeu a lua. – Infelizmente não posso ajudá-la; mas te darei um ovo: quebra-o quando tiveres necessidade.

Ela agradeceu à lua e seguiu o seu caminho até o vento noturno soprar. Então erguendo a voz ao vento, perguntou:

– Sopras através dos galhos das árvores e debaixo de toda folha. Vistes em algum lugar um pombinho branco?

– Não – respondeu o vento noturno –, mas perguntarei aos outros três ventos, talvez eles o tenham visto.

E o vento Leste e o Oeste vieram ao serem chamados, mas declararam não ter visto o pombinho. Aí veio o vento Sul e disse:

– Vi o pombinho branco. Os sete anos se completaram e ele transformou-se novamente em leão, partindo para o Mar Vermelho, onde agora luta com um dragão que é uma princesa encantada tentando separá-lo de ti.

Então o vento noturno falou:

– Vou te dar um conselho. Vai ao Mar Vermelho. Na margem direita existem muitos caniços. Conta-os e, quando encontrares o décimo primeiro, quebra-o e açoita o dragão. Com isto o leão vencerá e ambos tomarão de novo as suas formas humanas. Parte então imediatamente com o teu amado príncipe e retorna por terras e mares.

Assim, nossa pobre viajante seguiu até o Mar Vermelho e lá encontrou tudo como o vento noturno previra. Colheu o décimo primeiro caniço e açoitou o dragão com ele. Imediatamente o leão transformou-se em príncipe e o dragão em princesa. Mas a dama esqueceu-se do conselho do vento noturno de que partisse de imediato, e a falsa princesa, aproveitando a chance, segurou o braço do príncipe e levou-o embora consigo.

Assim a infeliz viajante se viu novamente abandonada e desamparada, mas munuiu-se de coragem, afirmando: – “Enquanto o vento soprar e o corvo cantar, prosseguirei até que reencontre o meu príncipe”. Seguiu por um bom tempo e por fim alcançou o castelo para onde a princesa levava o príncipe e no qual se deparou com os preparativos de uma festa que soube ser o casamento dos dois. – “Os céus me ajudem!” – exclamou; e abriu o

cofrinho, presente do sol, no qual encontrou um vestido tão estonteantemente belo quanto o próprio sol. Vestiu-o e entrou no palácio, e as pessoas não tiravam os olhos dela, e o vestido tanto agradou à noiva que esta perguntou se estava à venda.

– Nem por ouro nem por prata – respondeu –, mas por carne e sangue.

A princesa indagou o que ela queria dizer com isto, e a dama explicou:

– Deixa-me falar com o teu noivo esta noite no quarto dele e o vestido será teu.

A princesa acabou aceitando, mas ordenou ao criado que desse ao príncipe um sonífero de modo que ele dormisse um sono profundo e não visse ou mesmo ouvisse a dama. Quando anoiteceu, e o príncipe já dormia, a dama foi levada até o quarto dele e, sentando-se a seu lado, lhe falou:

– Segui-te por sete anos. Fui ao sol, à lua, ao vento noturno te buscar. Por último ajudei-te a vencer o dragão. Irás ainda assim esquecer-me por completo?

Mas o príncipe dormia tão profundamente que a voz da dama ressoava pelo quarto, parecendo-lhe apenas o murmurar do vento entre as árvores.

Mais tarde, a dama foi conduzida para fora do quarto do príncipe e forçada a desfazer-se do vestido dourado. Sentindo-se desesperançada, caminhou até uma campina onde sentou-se sobre uma pedra e chorou. Mas então lembrou-se do ovo, presente da lua, e, ao quebrá-lo, de dentro dele correram uma galinha e seus doze pintinhos, todos de puro ouro. Os pintinhos ciscaram a seu redor, depois se aninharam sob as asas da galinha, formando o mais terno quadro do mundo. Então a dama ergueu-se e guiou-os de lá para cá até que a princesa os viu de sua janela, ficando tão enternecida que veio perguntar à dama se os venderia.

– Nem por ouro, nem por prata, mas por carne e sangue. Deixa-me novamente falar com o teu noivo no quarto dele hoje à noite.

E a princesa, pensando em traí-la como antes dando um sonífero ao príncipe, aceitou. Contudo, quando o príncipe recolheu-se a seu quarto, perguntou ao criado se também ouvira o vento na noite passada. E o criado tudo lhe revelou: como lhe haviam dado uma poção para dormir, e como uma pobre dama viera e lhe falara por toda a noite e, também, que ela naquela mesma noite retornaria. Então o príncipe fez questão de jogar fora a bebida enviada por sua noiva; e quando a dama de novo começou a

contar os dissabores por que passara, e quão fiel e leal fora para com ele, reconheceu por fim a voz de sua amada esposa e ergueu-se, dizendo:

– Acordastes-me de um sonho, pois uma estranha princesa me pôs um feitiço e eu de ti me esqueci. Mas os céus trouxeram-te de volta a mim em boa hora.

E os dois fugiram do palácio secretamente durante a noite (pois temiam muito a princesa), e viajaram de volta para casa, onde reencontraram a filhinha já crescida, elegante e bela, e juntos viveram felizes até o fim de seus dias.

O Rei da Montanha Dourada

Um certo comerciante tinha duas crianças: um filho e uma filha, ambos bastante jovens, mal capazes de andar sozinhos. Tinha, também, dois navios carregados de riquezas que na época atravessavam os mares, e nos quais havia empenhado todas as suas posses na esperança de obter um bom lucro. Mas então recebeu a notícia de que os navios haviam afundado. Assim, de rico passou a pobre, e nada lhe restava a não ser um pequeno lote de terra, no qual costumava, para aliviar a mente, passear de uma ponta a outra.

Um dia, assim caminhando, um anãozinho de aparência desagradável surgiu à sua frente e perguntou por que estava tão triste e o que tanto lhe amargurava o coração. Mas o comerciante retrucou:

– Se pudesses me auxiliar, te contaria.

– Quem sabe não posso? – sugeriu o homenzinho. – Diga-me o que há e talvez possa lhe ser útil.

Então o comerciante lhe contou como toda a sua riqueza fora parar no fundo do mar, e como nada lhe sobrara a não ser aquele pequeno lote de terra.

– Ora, não te preocupa com isto – aconselhou o anão. – Promete-me apenas trazer-me daqui a doze anos quem primeiro te saudar ao chegares em casa, e eu te darei tanto ouro quanto desejares.

O comerciante achou o pedido razoável, pois provavelmente seria recebido por seu cão ou algum outro animal, mas esqueceu-se por completo dos filhos e concordando com o negócio, assinou e selou o acordo com o anão.

Mas ao se aproximar de casa, seu menininho ficou tão contente em vê-lo que correu por trás dele abraçando as suas pernas. Então o pai

estremeceu de horror, e se deu conta do que havia se comprometido a fazer; mas como não encontrara ouro algum, consolou-se pensando que fora apenas uma peça que o anão lhe pregara.

Cerca de um mês depois, subiu as escadas de uma velha casinhola onde guardava lenha à procura de velhos utensílios de ferro que pudesse vender para fazer um dinheirinho; mas lá encontrou uma grande pilha de ouro no chão. Ao ver o ouro entusiasmou-se e retomou o seu ofício, tornando-se um comerciante ainda mais bem-sucedido do que antes.

Entrementes, o seu filho crescia. Quanto mais se aproximava o fim dos doze anos dados como prazo pelo anão, mais ansioso e pensativo ficava o comerciante, de modo que trazia no rosto só preocupação e tristeza. O filho um dia lhe perguntou o porquê daquilo, mas por algum tempo o pai se recusou a revelar-lhe. Um dia, por fim, contou que o havia, sem saber, vendido a um anãozinho de aparência feia por uma grande quantidade de ouro, e que os doze anos se findavam e ele deveria cumprir a sua parte do acordo. Então o filho declarou:

– Pai, não te aborreças tanto. Garanto que serei mais esperto do que o homenzinho.

Quando o dia chegou, foram os dois juntos até o local combinado e o filho desenhou um círculo no chão, se postando com o pai ao centro. O anãozinho logo chegou, e indagou do comerciante:

– Trouxeste o que me prometeste?

O velho homem continuou calado, mas o seu filho respondeu:

– O que desejas aqui?

O anão disse:

– Vim para falar com o teu pai, não contigo.

– Enganaste e traíste meu pai – acusou o filho. – Libera-o do compromisso.

– Não – respondeu o outro –, não abro mão dos meus direitos.

Depois disto uma longa disputa seguiu-se, e por fim ficou acertado que o filho seria colocado em um barco que ali perto se encontrava e que o seu próprio pai o empurraria para o mar, deixando-o a deriva. O rapaz despediu-se do pai e entrou no barco, que foi empurrado mar adentro. Mas com o balanço das águas, o barco virou. Pensando que o filho se afogara, o comerciante voltou para casa muito triste.

Mas o barco continuou boiando sem afundar com o rapaz, que estava bem agarrado ao fundo, até que foi bater na praia de uma terra desconhecida. Ao saltar do barco, ele avistou um belo castelo, vazio e triste, pois era um castelo encantado. Andou por todo castelo, encontrando uma serpente branca num de seus cômodos.

Ora, a serpente branca era uma princesa encantada, e ela animou-se bastante ao vê-lo, dizendo:

– Vieste, finalmente, me libertar? Doze longos anos por ti esperei, pois só tu podes salvar-me. Esta noite, surgirão doze homens acorrentados e com as faces negras. Perguntarão o que fazes aqui, mas fica em silêncio, não responde e deixa que façam o que bem desejarem contigo; baterão em ti e te atormentarão. Aguenta tudo, não emite palavra, e à meia-noite eles terão de partir. Na segunda noite, outros doze virão; e na terceira, vinte e quatro, que até mesmo a tua cabeça cortarão. Mas na décima segunda hora daquela noite o poder deles desaparecerá. Então estarei livre, e te trarei a água da vida com a qual te lavarei, restituindo a tua vida e saúde. E tudo ocorreu como a serpente dissera. O filho do comerciante não emitiu palavra, e na terceira noite a princesa surgiu e de joelhos o abraçou e beijou. E assim, tudo era alegria e contentamento no castelo, celebrou-se o casamento, e o rapaz foi coroado rei da Montanha Dourada.

Viveram muito felizes juntos, e a rainha teve um filho. Oito anos haviam passado quando o rei pensou em seu pai e, comovido, desejou revê-lo. Mas a rainha se opôs à sua partida, dizendo:

– Bem sei que esta visita será causa de infortúnios.

Contudo, ele não lhe deu descanso até que concordasse. Em sua partida, ela o presenteou com um anel que a todos os desejos realizava, aconselhando:

– Toma este anel e coloca-o no dedo. O que quer que desejes, ele te dará. Apenas promete não fazer uso dele para levar-me à terra de teu pai.

Ele prometeu o que ela exigia, pôs o anel no dedo e desejou-se próximo das terras do pai. Num instante, estava nos portões da cidade, mas os guardas não o deixaram entrar devido a seus trajes, tão diferentes dos daquele lugar. Ele foi então até uma montanha próxima dali, onde um pastor residia, e pegou emprestado algumas roupas, entrando depois na cidade sem chamar a atenção. Quando chegou à casa de seu pai, anunciou ser seu filho. Mas o comerciante não queria acreditar, dizendo que o seu

único filho muitos anos atrás se afogara. E como ele estivesse vestido como um pobre pastor, o comerciante lhe disse para ir-se que não lhe daria nada de comer. O rei, ainda insistindo ser o seu filho, perguntou:

– Não tenho nenhum sinal pelo qual me reconheceria?

– Sim – lembrou a mãe –, nosso filho tinha um sinal em forma de framboesa debaixo do braço direito.

Ele mostrou-lhes então o sinal, e eles acreditaram ser verdade o que dizia. Em seguida, contou-lhes que era o rei da Montanha Dourada, que havia se casado com um princesa, e que tinha um filho de sete anos. Mas o comerciante duvidou, gracejando:

– Isto não pode ser verdade. És um belo rei, mesmo nestes trajes de pastor!

O filho zangou-se bastante com o comentário do pai e, esquecendo-se de sua promessa, girou o anel e desejou a presença da mulher e do filho. Num instante eles estavam à sua frente, mas a rainha chorava por ele ter quebrado sua promessa e disse que de certo sofreriam algum infortúnio por isso. O rei tudo fez para acalmá-la, e ela por fim parecia mais tranquila, mas não o estava de fato, apenas meditava em como poderia vingar-se.

Um dia ele a levou para um passeio fora da cidade, e mostrou-lhe o local onde o barco fora empurrado para errar por sobre as águas. Então, sentou-se nele, dizendo:

– Estou muito cansado, senta a meu lado, vou deitar minha cabeça em teu colo e dormir um pouco.

Logo que adormeceu, porém, ela tirou o anel de seu dedo e foi-se pé ante pé para um pouco mais longe, onde desejou a si e ao filho estar de volta em seu reino. E quando o rei despertou, encontrou-se sozinho e sem o anel. – “Jamais poderei voltar à casa de meu pai – pensou. – Dirão que sou um feiticeiro. Viajarei pelo mundo até de novo encontrar o meu reino”.

Isto decidindo, partiu e viajou até chegar a uma montanha onde três gigantes dividiam uma herança. Vendo-o passar, os gigantes o chamaram, dizendo:

– Homenzinhos têm boas cabeças para cálculos! Este de certo saberá dividir a herança entre nós três.

Ora, a herança consistia de uma espada que cortava a cabeça do inimigo sempre que o seu portador dissesse: – “Fora com a cabeça!”; um

manto que tornava o seu portador invisível ou concedia-lhe a forma que desejasse; e um par de botas que transportava a pessoa que as calçasse para onde bem quisesse. O rei lhes disse que primeiro precisava experimentar estas coisas maravilhosas para poder melhor avaliá-las. Deram-lhe o manto e ele desejou ser uma mosca e, no mesmo instante, era uma mosca.

– O manto é muito bom – declarou. – Agora a espada!

– Não – responderam. – A não ser que prometas não dizer: – “Fora com a cabeça!”, pois se o fizeres, seremos gigantes mortos.

Entregaram-lhe a espada, com a condição de experimentá-la somente em uma árvore. Em seguida, ele pediu para experimentar as botas, e assim que estava de posse das três coisas, desejou estar na Montanha Dourada, e lá, no mesmo instante, estava. Deste modo, os gigantes livraram-se de dividir a herança ou de por causa dela discutirem.

Quando o rei se aproximou do seu castelo, ouviu o som de músicas alegres e as pessoas que passavam lhe disseram que a rainha celebrava o seu casamento com um outro príncipe. Vestiu o manto e atravessou o castelo, postando-se ao lado da rainha, sem que ninguém o visse. Sempre que a comida era posta no prato da rainha, ele a pegava e comia. E quando entregavam uma taça de vinho a ela, ele a tomava e bebia. E assim, apesar de continuarem servindo a rainha com carnes e bebidas, seu prato e taça continuavam vazios.

Então, o medo e o remorso tomaram conta da rainha e ela se dirigiu a seu quarto, chorando, e ele a seguiu. – “Ai! – lastimou-se a rainha. – Não fui desencantada? Por que então o feitiço ainda me cerca?”

– Traidora! – acusou o rei. – Foste de fato desencantada e o teu libertador está aqui a teu lado. Mereceu ele isto de ti?

E ele foi até o salão e despediu a todos, declarando ter sido o casamento cancelado, pois ele retornara para o seu reino. Mas os príncipes, e os nobres, e o conselho dele caçoaram. Como não queria com eles discutir, apenas continuava pedindo que se fossem em paz. Mas como tentassem prendê-lo, ele puxou a espada e, com poucas palavras, as cabeças dos traidores rolaram a seus pés. E assim, mais uma vez era o rei da Montanha Dourada.

O Ganso de Ouro

Havia um homem com três filhos. O mais novo se chamava Tolico e sempre era desprezado e maltratado por todos da família. Aconteceu do filho mais velho enfiar na cabeça um dia de ir à floresta cortar lenha. Sua mãe então preparou para ele um delicioso almoço e uma garrafa de bom vinho. Enquanto andava pela floresta, um velhinho deu-lhe bom dia e pediu:

– Dá-me um pedacinho de carne do teu prato e um gole de vinho da tua garrafa, tenho muita fome e sede.

Mas o rapaz, que se julgava muito esperto, retrucou:

– Dar-te minha carne e meu vinho! Não, obrigado! Não teria o bastante para comer e beber – e lá se foi o rapaz.

Logo dedicou-se a derrubar uma árvore, mas não havia trabalhado muito quando errou a machadada, feriu-se e foi obrigado a voltar para casa para fazer um curativo. Ora, fora o velhinho que lhe causara esta maldade.

Em seguida o filho do meio foi cortar lenha, e sua mãe preparou para ele, também, um delicioso almoço e uma garrafa de vinho. E o mesmo velhinho também lhe apareceu e pediu algo para comer e beber. Mas, como o irmão, julgando-se muito sabido, respondeu:

– Tudo que te desse seria perda minha. Vai-te embora!

O velhinho prestou bem atenção que este, também, recebesse a sua recompensa: na segunda machadada que deu no tronco da árvore, errou, acertando a própria perna, vendo-se forçado a voltar para casa.

Aí o Tolico se ofereceu:

– Pai, gostaria de ir também cortar lenha.

Mas o pai respondeu:

– Seus irmãos ambos se aleijaram. Tu, que nada entendes destes assuntos, deves ficar em casa.

Mas Tolico era bem insistente e por fim o seu pai consentiu:

– Vai, segue o teu caminho. Serás mais esperto depois de sofreres por tuas tolices.

E sua mãe lhe deu apenas pão seco e uma garrafa de cerveja amarga. Mas quando entrou pela floresta, encontrou o velhinho, que pediu:

– Dá-me um pouco de carne e bebida, pois tenho muita fome e sede.

E Tolico retrucou:

– Só tenho um pão seco e cerveja amarga, mas, se quiseres, sentaremos e comeremos juntos.

Sentaram-se e, quando o rapaz pegou o pão – minha nossa! –, este transformou-se em um delicioso empadão, e sua cerveja amarga em um vinho esplêndido. Comeram e beberam à vontade, e, quando terminaram, o velhinho disse:

– Como tens um bom coração e aceitaste compartilhar o teu almoço comigo, vou te conceder uma benção. Lá em frente está uma árvore velha; derruba-a e encontrarás algo entre as raízes – despediu-se e seguiu o seu caminho.

Tolico pôs-se a trabalhar e derrubou a árvore; e quando esta caiu, encontrou um ganso com penas de puro ouro em um buraco entre as raízes. Tomou-o nos braços e se dirigiu a uma hospedaria, onde pretendia passar a noite. O dono da hospedaria tinha três filhas, e quando elas viram o ganso, ficaram muito curiosas em examinar o maravilhoso pássaro, e muito desejaram arrancar uma das penas de seu rabo. Por fim, a mais velha decidiu-se:

– Tanto desejo que irei obter uma dessas penas.

Esperou, então, que o rapaz se virasse e puxou por uma pena da asa do ganso. Mas, qual não foi sua surpresa, quando se viu grudada no pássaro; nem sua mão, nem mesmo um dedo conseguindo mais soltar da asa do ganso. Logo, a segunda irmã apareceu resolvida a também roubar uma pena; mas, no momento em que tocou na irmã, ficou grudada. Por fim, veio a terceira irmã, e queria muito uma pena, mas as outras duas a avisaram:

– Fica longe! Por favor, fica longe!

Contudo, ela não percebeu o porquê do que diziam.

– Se estão segurando o ganso, também quero segurar – e aproximou-se delas; mas no instante em que tocou em suas irmãs, ficou grudada, presa como elas ao ganso. E assim, ficaram as irmãs em companhia do ganso por toda noite.

De manhã, Tolico levou o ganso debaixo do braço e nem reparou nas três moças, mas seguiu com elas grudadas atrás de si; e onde quer que ele fosse, elas eram obrigadas a ir, tão rápido quanto as suas pernas podiam levá-las, quisessem ou não.

No meio de uma planície, um padre avistou-os; e vendo aquele cortejo, comentou:

– Que vergonha! Que meninas atrevidas, correndo atrás deste rapaz por todos os lados! Isso lá é jeito de se comportar?

Pegou, então, a mais moça pela mão para levá-la dali, mas no instante em que a tocou, também ficou grudado, e teve de seguir com o cortejo. Logo veio o ajudante do padre e, quando viu o seu patrão correndo atrás de três mocinhas, admirou-se muito, exclamando:

– Ora, ora, vossa reverência! Aonde vais tão apressado? Temos um batizado hoje! – correu e puxou o padre pelo hábito, mas num instante ficou também grudado.

Enquanto os cinco assim marchavam, um atrás do outro, encontraram dois trabalhadores com suas ferramentas, voltando do trabalho. E o padre gritou, pedindo-lhes ajuda. Mas assim que o tocaram, eles também formaram fileira, agora sete, todos a correr atrás de Tolico e de seu ganso.

Finalmente chegaram a uma cidade onde reinava um rei que tinha uma única filha. A princesa era tão pensativa e séria que ninguém conseguia fazê-la rir; e o rei proclamara a todo o mundo que quem a fizesse rir a teria como esposa. Quando o jovem soube disso, foi até ela com o seu ganso e todo o seu cortejo. Assim que viu os sete, todos presos uns aos outros, correndo de cá para lá, tropeçando uns nos calcanhares dos outros, a princesa não conseguiu segurar uma longa e sonora gargalhada. Então Tolico a exigiu por esposa, o casamento foi celebrado, ele foi declarado herdeiro do trono e viveu por longos e felizes anos junto de sua mulher.

A Senhora Raposa

Havia uma vez um velho e astuto raposo com nove caudas, que tinha muita curiosidade em saber se a sua mulher lhe era fiel. Portanto, esticou-se debaixo de um banco e fingiu estar bem morto.

Então a Senhora Raposa subiu até o seu quarto e trancou a porta, mas a criada e a gata permaneceram na cozinha e, logo, logo, todo mundo sabia que o velho raposo estava morto. Aí alguém bateu na porta, dizendo:

Bichaninha, o que fazes para te ocupar?

Dormes, ou observas o tempo passar?

E a gata foi abrir a porta, e lá estava um jovem raposo, e ela lhe disse:

Não, Senhor Raposo, de dia não posso dormir

Preparo um bom vinho branco que iremos tomar.

Vossa Senhoria não quer ficar para o jantar?

– Não, muito obrigado – respondeu o raposo. – Mas como vai indo a pobre Senhora Raposa?

E a gata informou:

Está sozinha em um quarto só seu,

Chorando com lágrimas a sua desgraça,

Com os olhos inchados e já sem graça;

Pois, ai, ai, o Senhor Raposo morreu!

– Vá até ela dizer que um jovem raposo acaba de chegar e com ela gostaria de casar.

E a gata subiu as escadas, ploc, plo-ploc,

E bateu na porta, toc, to-toc,

– Boa Senhora Raposa, aí estás ainda?

– Ai, o que de mim desejas, gata linda?

– Um pretendente no portão aguarda a tua vinda.

E a Senhora Raposa quis saber:

Como é ele, querida? Alto e bonito de ver?

Tem nove belas caudas? Nove, tem de ter,

Ou jamais marido meu algum dia vai ser.

– Ai – suspirou a gata –, tem somente uma.

– Então não me casarei – respondeu a Senhora Raposa.

E a gata desceu as escadas e mandou o pretendente ir cuidar de seus negócios. Logo depois, um outro bateu na porta; era outro raposo, desta vez um com duas caudas; mas não foi melhor recebido do que o primeiro. Depois vieram muitos outros, até que por fim um veio que tinha nove caudas, igual ao velho raposo que morrera.

Quando isto a viúva ouviu, ergueu-se de um pulo, dizendo:

Agora, querida, abra janela e porta,

E para os amigos prepara uma torta.

E quanto ao teu velho e morto patrão,

Joga-o fora, para lá do portão.

Mas quando a festa de casamento estava pronta, súbito o velho patrão pula de pé e, tomando de um bastão, a todos expulsa, junto com a Senhora Raposa, porta a fora.

Depois de um tempo, entretanto, o velho raposo morreu de verdade; e logo depois um lobo veio prestar o seu respeito e bateu à porta:

Lobo: Bom dia, bichana, tão bem-arrumada,

Por que senta-te assim empertigada?

E esta ceia, para quem foi preparada?

Gata: Ah, é pão e leite, o meu jantarzinho.

Vossa Reverência deseja um pouquinho?

Posso buscar-te uma taça de vinho.

– Não, obrigado. A Senhora Raposa está em casa, suponho.

Gata: Sim, está sozinha em um quarto só seu,

Numa tristeza que a todos comoveu,

Pois, ai, ai, o Senhor Raposo morreu!

Lobo: Ai, bichana! Que perda! Fico também comovido;

Julgas que ela a mim aceitaria por marido?
Gata: De fato, Senhor Lobo, garantir não poderei,
Mas senta-te um instante que perguntarei.

Deu-lhe uma cadeira e, sacudindo o rabo erguido,
Subiu todas escadas, sem fazer nenhum ruído.

– Senhora Raposa, estás ainda aí, sozinha?

– Sim, estou, mas vem e me diz bichaninha:

De quem é a voz que escutei lá na cozinha?

– É um lobo que, por este local passando,

Acabou entrando e foi logo perguntando,

Com a morte do raposo comovido,

Se não o aceitarias por marido.

– Mas – quis saber a Senhora Raposa –, tem ele as patas vermelhas e um focinho pontudo?

– Não – disse a gata.

– Então não me serve!

Logo depois da gata aconselhar o lobo a ir cuidar de seus negócios, veio um cão, depois um bode, e depois um urso, e um leão, e todos os animais, um depois do outro. Mas a todos faltava algo que o Senhor Raposo tinha, e a gata recebia ordens de mandá-los ir cuidar de seus negócios. Finalmente veio um jovem raposo, e a Senhora Raposa perguntou:

– Ele tem quatro patas vermelhas e um focinho pontudo?

– Sim – disse a gata.

Então, bichana, ordena e limpa o salão,

E joga o velhote para fora do portão,

Um velhote estúpido! Que bom que morreu,

Tenho agora um novinho que vai ser só meu.

E o casamento foi festejado, e os sinos tocados,

E os amigos e parentes foram todos convidados,

E beberam e dançaram, todos, até ficarem cansados.

O Irmãozinho e a Irmãzinha

Joãozinho um dia tomou da mão de sua irmã, Maria, e disse:

– Desde a morte de nossa mãe não somos felizes, pois nossa madrasta nos bate e, quando nos aproximamos dela, nos empurra para longe. Nos dá apenas cascas de pão seco para comermos e até o cãozinho deitado junto da lareira vive melhor do que nós, já que às vezes jogam-lhe um pedaço de carne. Que os céus tenham piedade de nós! Ai, se nossa mãezinha soubesse como somos tratados! Venha, vamos embora daqui, viajar mundo afora.

Andaram por todo o dia atravessando os campos até que de noite se aproximaram de um enorme bosque. Estavam tão cansados e com tanta fome que sentaram-se dentro de uma árvore oca e dormiram.

Pela manhã, ao acordarem, o sol já estava alto e brilhava, aquecendo o interior da árvore. Então, Joãozinho falou:

– Irmã, tenho muita sede; se encontrasse um riacho, beberia um pouco d'água e traria um pouco para você também. Mas escuta só, não te parece o barulho de água?

Joãozinho levantou-se e, pegando a irmã pela mão, saíram os dois em busca de um riacho. Mas a madrasta deles era uma fada malvada, e os havia seguido até o bosque para fazer-lhes mal; assim, quando encontraram o riacho que corria brilhante por sobre as pedras, Joãozinho quis logo beber, mas Maria julgou ter ouvido o riacho dizer, enquanto corria:

– Quem beber de minhas águas será transformado em um tigre feroz. Ela então implorou:

– Ai, irmão, não bebas ou serás transformado em um animal feroz e irás me esfaquear.

E Joãozinho aquiesceu, embora estivesse louco de sede.

– Vou esperar – consentiu – até encontrarmos outro riacho.

Mas ao encontrarem outro riacho, Maria julgou ouvir:

– Quem beber de minhas águas será transformado em um lobo.

E pediu:

– Irmão, irmão, não bebas ou serás transformado em lobo e irás me devorar.

E ele não bebeu, dizendo:

– Vou esperar até encontrarmos outro riacho; mas, então, terei de beber, digas o que disseres, pois tenho muita sede.

Ao chegarem ao próximo riacho, Maria ouviu:

– Quem beber de minhas águas será transformado em cervo.

– Ai, irmão – pediu –, não bebas, ou te transformarás em cervo e irás fugir de mim.

Mas Joãozinho já estava de joelhos para beber e, no exato instante em que tocou os lábios na água, transformou-se em cervo.

Maria chorou amargamente, abraçando a criaturinha a seu lado, de cujos olhos também corriam lágrimas. Ela então lhe disse:

– Não te preocupa, querido cervo, nunca te abandonarei. – E, tirando o seu colar de ouro, colocou-o no pescoço do cervo e, colhendo algum junco, trançou-o em uma corda macia que amarrou no colar, saindo bosque adentro puxando o pobre animalzinho.

Após um longo caminho, chegaram por fim a uma pequena cabana e Maria, vendo que esta estava abandonada, pensou: – “Podemos aqui ficar e viver” – e juntou folhas e musgos para fazer uma cama macia para o cervo. E todas as manhãs ela saía e colhia nozes, raízes e frutinhas para si e arbustos doces e grama macia para o seu companheiro que os comia de sua mão, depois, contente, brincava e saltitava a seu redor. De noite, quando Maria estava bem cansada e já havia dito suas preces, deitava a cabeça no dorso do cervo e dormia. E se o pobre Joãozinho retornasse um dia à sua antiga forma, os dois achavam que poderiam ter uma vida bastante feliz naquela cabana.

Viveram deste modo um bom tempo no bosque sozinhos, até que aconteceu do rei daquela região vir até ali para uma grande caçada. E quando o cervo ouviu as trombetas ecoando, e os cães latindo e os gritos entusiasmados dos caçadores, desejou ardentemente ir ver o que acontecia.

– Ai, irmã – pediu –, deixa-me ir um pouco, não posso mais ficar assim trancado – e tanto pediu e implorou que por fim ela concordou.

– Mas volta de noitinha. Vou fechar a porta por causa dos caçadores, e se bateres e disseres: – “Irmã, me deixa entrar”, saberei que és tu. Mas se nada disseres, mantereí a porta fechada.

Assim, lá se foi o cervo saltitando, brincando e sentindo-se livre. O rei e seus caçadores avistaram a bela criatura e o seguiram, mas não conseguiram alcançá-lo; pois sempre que julgavam tê-lo encurralado, ele saltava para o meio dos arbustos e sumia-se de vista num instante.

Ao escurecer, voltou correndo para casa e bateu, dizendo:

– Irmã, irmã, me deixa entrar.

E ela abriu a porta e para dentro ele saltou e dormiu profundamente toda a noite em sua cama macia.

Na manhã seguinte, a caçada recomeçou e, ao ouvir as trombetas dos caçadores, ele disse:

– Irmã, abre a porta para mim. Devo sair mais uma vez.

E ela o deixou ir, dizendo:

– Volta e lembra-te do que deves dizer.

Quando o rei e os caçadores avistaram o cervo com a coleira de ouro, outra vez o perseguiram; mas ele era rápido demais. A perseguição durou todo o dia, mas por fim os caçadores quase o cercaram e um deles o feriu em uma das patas, de forma que muito machucado mal conseguiu mancar de volta à cabana. O homem que o ferira seguiu-o de perto e se escondeu, ouvindo o pequeno cervo dizer:

– Irmã, irmã, me deixa entrar – e a porta se abriu e de novo logo se fechou.

O caçador tudo observou e foi até o rei e contou-lhe o que vira e ouvira; então o rei disse:

– Amanhã faremos outra caçada.

Maria assustou-se muito ao ver o seu pobre cervo ferido, mas limpou-lhe todo o sangue e pôs-lhe um emplastro com ervas curativas, dizendo:

– Agora deita-te, querido cervo, e logo estarás curado.

O ferimento era tão pequeno que de manhã nada dele restava; e quando as trombetas soaram, a pequena criatura disse:

– Não posso ficar, devo ir espiar. Tomarei cuidado para que ninguém me apanhe.

Mas Maria disse:

– Estou certa de que desta vez irão matá-lo. Não deixarei que vás.

– Morrerei de tédio, se me mantiveres aprisionado; quando ouço as trombetas, sinto-me como se pudesse voar!

Então Maria se viu forçada a deixá-lo ir. Abriu a porta com o coração pesado, e ele saltitou alegre pelo bosque.

Quando o rei o viu, disse a seus caçadores:

– Vamos persegui-lo por todo o dia até o apanharmos. Mas ninguém o machuque.

Contudo, o sol se pôs sem que conseguissem apanhá-lo, e o rei chamou os caçadores e disse ao que antes seguira o cervo:

– Agora, vem e me mostra a cabana.

Foram até a porta e bateram, dizendo:

– Irmã, irmã, me deixa entrar.

E a porta se abriu e o rei entrou, e lá encontrou a moça mais bela que jamais vira. Maria assustou-se ao ver que não era o seu cervo e sim um rei com uma coroa de ouro que viera à cabana. Entretanto, ele falou-lhe com ternura e tomou sua mão, dizendo:

– Não queres vir ao meu castelo comigo e ser minha mulher?

– Sim – respondeu. – Mas o meu cervo tem de ir junto, não posso dele me separar.

– Muito bem – prometeu o rei. – Ele virá e viverá contigo por toda a vida, e nada lhe faltará.

Neste exato momento, o pequeno cervo saltou para dentro da cabana e a irmã amarrou a corda em seu pescoço e juntos deixaram a cabana no bosque.

Então o rei conduziu Maria até o seu palácio, e o casamento foi celebrado em grande estilo. Depois, ela relatou ao rei toda sua história e ele ordenou que encontrassem a fada e a castigassem. Assim, Joãozinho recuperou a sua forma e ele e a irmã continuaram se querendo bem e viveram juntos e felizes pelo resto de suas vidas.

O Gigante com Três Fios de Cabelo Dourados

Havia uma vez um homem pobre que tinha um único filho. O filho nascera com muita sorte, e foi previsto que aos catorze anos se casaria com a filha do rei. Aconteceu do rei passar pelo vilarejo, disfarçado, logo após o nascimento do menino, e perguntar quais eram as novas.

– Um menino nasceu – lhe contaram –, que dizem ter sorte. Aos catorze anos, irá desposar a filha do rei.

Isto não agradou nada ao rei. Foi até os pais da criança e perguntou se venderiam o menino.

– Não – responderam.

Mas o estranho muito insistiu e ofereceu bastante dinheiro, e como mal tinham o que comer, por fim consentiram, pensando que, sendo uma criança de sorte, nada de mal lhe aconteceria.

O rei levou a criança, o colocou em uma caixa e galopou para longe. Mas ao chegar a um rio profundo, jogou a caixa na correnteza, dizendo para si mesmo: – “Este aí jamais se casará com minha filha”.

No entanto, a caixa boiou correnteza abaixo, enquanto algum bom espírito velava para que nela não entrasse água e, por fim, a cerca de duas milhas da capital do reino, a caixa foi dar na represa de um moinho. O moleiro logo a viu e, tomando de uma comprida vara, puxou-a até si; achando-a pesada, imaginou que continha ouro, mas ao abri-la, achou um bonito menininho que sorriu-lhe contente. Ora, o moleiro e sua esposa não tinham filhos, portanto alegraram-se e disseram: – “Foram os céus que nos presentearam com ele” – e o trataram com muito carinho, e o educaram com muito cuidado, de modo que todos o admiravam e amavam.

Uns treze anos se passaram até que, por acaso, o rei veio ao moinho e perguntou ao moleiro se o menino era seu filho.

– Não – ele respondeu. – Encontrei-o ainda bebê em uma caixa na represa do moinho.

– Quanto tempo atrás? – quis saber o rei.

– Faz uns treze anos – respondeu o moleiro.

– É um belo rapaz – comentou o rei. – Permites que leve uma carta à rainha? Ela ficará muito feliz e eu darei a ele duas moedas de ouro pelo favor.

– Como quiseres – disse o moleiro.

Ora, o rei logo adivinhara ser esta a mesma criança que tentara afogar. Escreveu uma carta à rainha dizendo que logo que o portador da carta chegasse deveria ser morto e enterrado, para que tudo estivesse terminado quando ele, o rei, por fim voltasse ao palácio.

O jovem lá se foi com a carta, mas errou o caminho e de noitinha chegou a um bosque escuro. Através da escuridão percebeu uma luz ao longe, para a qual se dirigiu, descobrindo vir esta de uma pequena cabana. Nela, só havia uma velha mulher que muito se espantou ao vê-lo, perguntando:

– Por que vens aqui e para onde vais?

– Ia até a rainha, a quem devo entregar uma carta, mas perdi-me e agradeceria se pudesse aqui passar a noite.

– Não tens muita sorte – disse-lhe a velha –, pois esta é a cabana de um bando de ladrões, e se retornam enquanto ainda estás aqui, as coisas só irão piorar para ti.

– Estou tão cansado – o rapaz declarou –, que vou arriscar, pois não consigo ir mais longe. – Colocou então a carta na mesa, esticou-se sobre um banco e dormiu.

Quando os ladrões chegaram em casa e o viram, perguntaram à velha quem era o jovem desconhecido.

– Concedi-lhe abrigo por caridade – ela explicou. – Levava uma carta para a rainha, mas se perdeu.

Os ladrões pegaram a carta, abriram-na e leram as instruções de que se assassinasse o seu portador. Então o líder dos bandidos rasgou a carta e escreveu outra, instruindo à rainha de casá-lo imediatamente com a filha do rei. Enquanto isso, deixaram-no dormir até o amanhecer, depois lhe

mostraram a direção certa para o palácio da rainha, onde esta, assim que leu a carta, ordenou todos os preparativos para o casamento; e como o jovem era muito bonito, a princesa o aceitou de bom grado por esposo.

Depois de um tempo o rei retornou. E quando viu a previsão cumprida e que o jovem de sorte estava, apesar de todo o seu engenho, casado com sua filha, quis saber como isto acontecera.

– Querido marido – explicou a rainha –, aqui está a tua carta; podes a ler, tu mesmo.

O rei leu a carta e, vendo que fora trocada, perguntou ao seu genro o que havia feito da carta que lhe dera.

– Nada disso sei – foi a resposta do rapaz. – Deve ter sido trocada enquanto eu dormia.

Aí o rei, bastante indignado, declarou:

– Homem algum terá minha filha se não descer pela caverna maravilhosa e me trazer três fios dourados do cabelo do rei gigante que nela habita. Se o fizeres, dou-te meu consentimento.

– Logo o farei – prometeu o rapaz. Com isto, despediu-se de sua esposa e partiu.

Na primeira cidade em que chegou, o guarda o deteve ao portão, perguntando-lhe qual o seu ofício e o que sabia.

– Tudo sei – afirmou.

– Se assim é – disse o guarda –, és o homem a quem procuramos. Explica por que a fonte na praça do mercado secou e não dá mais água. Descobre a causa e te daremos dois jumentos carregados de ouro.

– O farei, de boa vontade, quando retornar.

E seguiu em sua viagem, e chegou a uma outra cidade onde o guarda igualmente perguntou qual o seu ofício e o que compreendia.

– Tudo compreendo – afirmou.

– Neste caso, precisamos de um favor: explica por que uma árvore que nos dava maçãs de ouro, nem mesmo folhas dá mais.

– De bom grado – respondeu –, quando retornar.

Por fim, o seu caminho levou-o às margens de um grande lago que devia cruzar. O barqueiro logo perguntou, como os outros, qual o seu ofício e o que sabia.

– Tudo – respondeu.

– Então, por favor, me informa por que eu estou fadado para sempre a cruzar estas águas e jamais fui capaz de me libertar. Te recompensarei regiamente.

– Te direi, quando retornar.

Depois de atravessar o lago, o rapaz chegou a uma caverna maravilhosa, bastante escura e sinistra. Mas o rei feiticeiro não estava em casa, e a avó dele sentava-se na entrada em sua cadeira de balanço.

– O que buscas? – perguntou.

– Três fios dourados do cabelo do gigante.

– Corres imenso perigo quando ele chegar. Ainda assim, verei o que posso fazer para ajudá-lo.

Transformou-o, então, numa formiga e lhe disse para esconder-se nas dobras do vestido dela.

– Muito bem – ele falou. – Mas também gostaria de saber por que a fonte da cidade secou, por que a árvore que dava maçãs de ouro agora nem folhas tem, e o que prende o barqueiro a seu ofício.

– São três perguntas intrigantes – comentou a velha –, te aquieta e escuta o que diz o gigante quando eu arrancar os seus fios de cabelo dourados.

Logo anoiteceu e o velho gigante chegou. Ao entrar, começou a cheirar o ar e gritou:

– Nem tudo vai bem! Sinto o cheiro de carne humana.

Mas buscou aqui e ali em vão e a velhota ralhou:

– Por que tens de tudo desarrumar? Tinha acabado de pôr em ordem as coisas!

Com isto, ele deitou a cabeça no colo da velha e adormeceu. Logo que começou a roncar, ela arrancou-lhe um fio de cabelo.

– Nossa! – ele gritou, levantando a cabeça. – O que estás fazendo?

– Tive um sonho que me perturbou – ela explicou –, e na confusão puxei-te o cabelo. Sonhei que uma fonte no mercado da cidade tinha secado e não dava mais água. Qual pode ser a causa?

– Ah! Se ele descobrissem, ficariam felizes – riu-se o gigante. – Debaixo de uma pedra na fonte está uma rã. Se a matarem, a água de novo jorrará.

Dizendo isto, de novo adormeceu, e a velhota arrancou-lhe outro fio de cabelo.

– Mas o que é isto, agora? – gritou, enraivecido.

– Não fica assim – ela pediu. – Eu estava sonhando. Sonhei que um grande reino tinha uma linda árvore que dava maçãs de ouro, mas que agora nem mesmo folhas dá. Qual será o motivo?

– Ah! – riu-se o gigante. – Eles bem gostariam de saber. Um rato rói a raiz da árvore. Se o matarem, a árvore dará maçãs de ouro novamente. Se não, logo morrerá. Agora, deixa-me dormir em paz. Se me acordares de novo, irás te arrepender.

E pegou no sono outra vez, e ao ouvi-lo roncar, ela arrancou o terceiro fio de cabelo, e o gigante de um pulo ameaçou-a, enfurecido. Mas ela o acalmou, dizendo:

– Tive um sonho estranho. Parece que vi um barqueiro fadado a atravessar um lago de um lado a outro para sempre, jamais conseguindo a liberdade. Que feitiço o prende?

– Um belo tolo! – riu-se o gigante. – Se pusesse o remo na mão de um passageiro, teria a liberdade, e o outro se veria obrigado a ficar no lugar dele. Agora, deixa-me dormir.

Pela manhã o gigante ergueu-se e saiu. A velhota, então, deu ao jovem os três fios de cabelo dourados, o lembrou das respostas de suas perguntas e o mandou partir.

Ele logo chegou ao barqueiro, que o reconheceu, e cobrou-lhe a resposta prometida.

– Primeiro leva-me ao outro lado, então te direi.

Quando o barco chegou na outra margem, o rapaz lhe disse que entregando o remo a qualquer um de seus passageiros estaria livre para ir aonde bem desejasse. O lugar seguinte a que chegou foi a cidade onde a árvore morria.

– Matem o rato roendo a raiz e terão maçãs de ouro novamente.

Deram-lhe um rico presente, e ele seguiu até a cidade onde a fonte secara, e o guarda exigiu a resposta. Ele então ensinou-lhes a resolver o problema e eles, em agradecimento, lhe deram dois jumentos carregados de ouro.

E assim, por fim, este jovem de sorte retornou ao palácio, e sua mulher ficou bem contente em revê-lo e ouvir como tudo corra bem. Em seguida, o rapaz entregou os três fios de cabelo ao rei, que não mais pôde objetar ao casamento. Então, vendo o tesouro, o rei exclamou:

– Querido filho, onde encontraste todo este ouro?

– Nas margens do lago – respondeu o rapaz –, onde há ainda bem mais para se pegar.

– Por favor me ensina o caminho para eu também pegar um pouco.

– De boa vontade – retrucou. – Lá verás um barqueiro; deixa que o leve até a outra margem, onde encontrarás tanto ouro quanto os grãos de areia das praias.

E lá se foi o rei ganancioso; e ao chegar ao lago, chamou o barqueiro. Assim que pisou no barco, o barqueiro entregou-lhe os remos e pulou para a terra, deixando o velho rei a atravessar passageiros no lago, de lá para cá, como recompensa pelos seus pecados.

– E Sua Majestade, ainda percorre o mesmo trecho? – queres saber.

– Podes ter certeza, pois ninguém se dará o trabalho de tomar-lhe o remo das mãos.

A Raposa e o Cavalo

Um fazendeiro tinha um cavalo que fora seu fiel servidor. Entretanto, o pobre animal agora estava velho demais para trabalhar, então o fazendeiro já não lhe dava mais nada para comer, e um dia anunciou:

– Não cuidarei mais de ti, vai-te do meu estábulo. Não o aceitarei de volta enquanto não fores mais forte que um leão.

Abriu a porta e despachou o cavalo. O pobre, muito melancólico, vagou aqui e ali pela floresta, buscando abrigar-se do vento frio e da chuva. Por fim, encontrou uma raposa:

– O que há, amigo? – indagou a raposa. – Por que essa cabeça tão baixa, esse ar de solitário, essa expressão desconsolada?

– Ai – suspirou o cavalo –, a justiça e a avareza nunca habitam a mesma moradia. Meu dono se esqueceu de tudo que fiz por ele durante muitos anos, e porque não posso mais trabalhar, me mandou embora jurando que só cuidará de mim de novo quando eu for mais forte do que um leão. Que chance tenho eu de me tornar assim tão forte? Nenhuma, é claro; e ele bem o sabe, ou isso não diria.

No entanto, a raposa aconselhou o cavalo a animar-se, prometendo:

– Vou te ajudar; deita-te lá naquele canto, te estica bem duro e te finge de morto.

O cavalo assim fez, e a raposa foi direto ao leão, que vivia em uma caverna nas proximidades, para informar:

– Não longe daqui, encontrei um cavalo morto. Venha comigo e te mostro onde; poderás fazer uma bela festança com a carcaça.

O leão ficou bem contente e de imediato partiu com a raposa. Ao chegarem onde estava o cavalo, a raposa comentou:

– Aqui não poderás comê-lo confortavelmente. Tenho uma ideia: te amarro no rabo dele e tu o puxas até a tua toca, onde poderás comê-lo quando e como bem quiseres.

Esta sugestão agradou ao leão, que deitou-se bem quieto para a raposa amarrá-lo no cavalo. Contudo, a esperta raposa arranjou um jeito de amarrar-lhe também as patas; e tão bem-amarradas elas ficaram, e tão apertadas, que o leão não conseguiu mais soltar-se. Isso feito, a raposa bateu no lombo do cavalo, gritando:

– Eia, eia! Vai-te!

E o cavalo saltou de pé e lá se foi, arrastando o leão atrás dele. A fera rugiu e urrou e esbravejou até os pássaros da floresta voarem para longe amedrontados. Mas o cavalo deixou que o leão continuasse a sua canção à vontade, e percorreu o caminho de volta através dos campos para a casa de seu dono.

– Pronto, aqui está, patrão – foi dizendo ao chegar. – Venci-o.

E quando o fazendeiro viu o seu velho cavalo, seu coração se arrependeu e ele lhe disse:

– Ficarás em meu estábulo e serás bem tratado.

E assim o pobre cavalo teve o bastante para comer, e viveu – até morrer.

Rumpelstiltskin

Vivia uma vez num certo reino um pobre moleiro com sua filha que era muito bela e, ainda por cima, extremamente sensata e esperta. O moleiro dela tanto se orgulhava que um dia, falando com o rei daquela terra, gabou-se da filha poder fiar palha transformando-a em ouro. Ora, este rei apreciava muito o ouro, e a bazófia do moleiro despertou sua cobiça, por isso ordenou que trouxessem a moça até ele. Conduziu-a a uma sala onde havia uma grande quantidade de palha, providenciou uma roca para a moça fiar e lhe disse:

– Se tens amor à vida, fia toda esta palha e a transforma em ouro antes do amanhecer.

Em vão a pobre afirmou não saber executar tal milagre, a sala foi trancada e a moça, deixada sozinha.

Então ela sentou-se num canto e começou a chorar e lamentar o seu triste destino. Porém, súbito a porta se abriu e por ela entrou mancando um homenzinho engraçado que à moça se dirigiu:

– Muito bom dia, minha cara senhorita! Por que choras assim?

– Ai! – ela explicou. – Tenho de fiar toda esta palha transformando-a em ouro, e não sei como fazer.

– O que me darias se eu executasse esta tua tarefa? – indagou o homenzinho.

– O meu colar – ela ofereceu.

O anãozinho confiou na promessa da moça e pôs mãos à obra. E a roda girou, girou, apressada; e logo o trabalho estava feito e toda a palha transformada em ouro.

Quando o rei retornou e viu todo aquele ouro, ficou muito admirado e satisfeito, mas a sua cobiça aumentou ainda mais e ele de novo trancou a

filha do moleiro numa outra sala para fiar mais palha em ouro. A moça, não sabendo o que fazer, sentou-se novamente num canto para chorar. Mas logo o homenzinho abriu a porta querendo saber:

– O que me darias para que eu executasse tua tarefa?

– O anel que trago no dedo – ela prometeu.

Assim, o seu amiguinho aceitou o anel e começou a girar a roda até que pela manhã todo o trabalho estava terminado.

O rei ficou muitíssimo contente ao avistar aquele reluzente tesouro; ainda assim, não se considerou satisfeito e conduziu a filha do moleiro até uma sala ainda maior, dizendo:

– Toda esta palha deve ser fiada durante esta noite. Se o conseguires, te farei minha rainha.

Logo que a moça se viu sozinha, o anãozinho surgiu, perguntando:

– O que me darias se eu fiasse a palha em ouro para ti ainda uma terceira vez?

– Nada me restou para te dar em troca – a moça confessou.

– Promete, então, me dar teu primeiro filho quando fores rainha.

“Isso nunca”, pensou a moça. Mas como não tinha outro modo de executar aquela tarefa, prometeu ao anãozinho o que ele pedia, e mais uma vez ele fiou a palha num grande monte de ouro. O rei retornou pela manhã, encontrou a tarefa executada, e casou-se com a moça. E assim a filha do moleiro tornou-se rainha.

Com o nascimento do seu primeiro filho, a rainha muito se alegrou, esquecendo-se por completo do homenzinho e da promessa a ele feita. Porém, um dia, eis que ele entra no salão real lhe cobrando o prometido. Então a rainha muito se afligiu e muito chorou esta sua desgraça. Ofereceu em vão todos os tesouros do reino em troca do filho, até que finalmente suas lágrimas conseguiram amolecer o coração do anão que concordou:

– Muito bem. Te concederei três dias. E se durante este tempo adivinhares o meu nome, deixarei que fiques com o teu filho.

A rainha permaneceu acordada durante toda a noite, pensando em todos os tipos de nomes estranhos que jamais ouvira; e enviou mensageiros a todas as terras para informarem-se de nomes desconhecidos. No dia seguinte, o homenzinho voltou a procurá-la, e ela começou perguntando:

– Será Timóteo? Benjamim? Jeremias? – e foi dizendo todos os nomes dos quais se lembrava, mas a todos o anão dizia:

– Não é este o meu nome.

No terceiro dia, um dos enviados da rainha retornou, relatando-lhe:

– Não descobri nenhum outro nome nas terras por onde andei, mas ontem, ao subir um monte íngreme entre as árvores da floresta onde a raposa e a lebre se dizem boa noite, avistei uma pequena cabana, e na frente da cabana ardia uma fogueira em torno da qual um homenzinho engraçado saltitava numa só perna cantarolando:

Alegre, organizarei a festança:

A cerveja, o assado, a comilança;

Alegre, dançarei e cantarei

Pois, amanhã, um convidado trarei.

Minha senhora nem em sonho desconfiaria

E de Rumpelstiltskin me chamaria!

Isso ouvindo, a rainha pulou de alegria. Logo depois seu pequeno visitante chegou, perguntando:

– E, então, minha senhora, qual é o meu nome?

– Será João?

– Não!

– Será Tomás?

– Não!

– Será então Rumpelstiltskin?

– Alguma bruxa te contou! Alguma bruxa te contou! – esbravejou o homenzinho, e bateu tão forte com o pé no chão, e com tamanha raiva, que abriu um buraco no assoalho, ficando preso pelo pé. E assim a rainha foi obrigada a puxar o pé do anãozinho com as duas mãos para soltá-lo. E ele teve de se recompor e seguir o seu caminho, enquanto todos dele troçavam por tanto trabalhar e nada receber em troca.

A Guardadora de Gansos

Uma velha rainha, cujo marido já há muitos anos falecera, tinha uma linda filha. Quando a menina cresceu, foi prometida a um príncipe que vivia muito distante dali, e o dia do casamento se aproximando, a moça começou os preparativos para a viagem ao país do noivo. Então a rainha, sua mãe, presenteou-a com um grande número de riquezas: joias e ouro e prata; enfeites, vestimentas finas; enfim, tudo o que cabe a uma noiva real possuir, pois a rainha amava enormemente esta sua filha. Providenciou também uma criada para acompanhar a princesa na estrada, e entregou a filha à sorte. Cada uma das moças recebeu a sua própria montaria para o percurso, e o cavalo da princesa chamava-se Falante, posto que sabia falar.

Ao chegar a hora da partida, a velha rainha subiu até o seu aposento e lá, com uma pequena faca, cortou uma mecha de seu cabelo, que entregou à filha, dizendo:

– Cuida bem desta madeixa, querida minha, pois é um talismã e poderá te ser útil na estrada.

Então despediram-se tristemente uma da outra. Depois a princesa escondeu o cacho de cabelo da mãe junto ao seio, montou em seu cavalo e partiu com destino ao reino de seu noivo. Um dia, ao passarem pelas margens de um riacho, sentindo muita sede, a princesa pediu à sua criada:

– Desce do teu cavalo, por favor. Tenho sede e desejo beber um pouco da água deste riacho em meu copo de ouro.

– Não – recusou-se a criada. – Se tens sede, desce tu do teu cavalo, deita-te na beira do riacho e bebe. Não serei tua criada.

E a sede da princesa era tanta, que ela desceu do cavalo e, assustada, não teve nem coragem de ir pegar o seu copo de ouro; ajoelhou-se na

borda do pequeno riacho e bebeu. Depois chorou, lamentando-se: – “Ai, o que será de mim?” – e a mecha de cabelo lhe respondeu, dizendo:

Ai! Ai! Se tua mãe disso viesse a saber,
Quão amargamente seu coração iria sofrer!

Mas a princesa era muito humilde e dócil, portanto, sem nada comentar sobre o mal comportamento da criada, montou de novo em seu cavalo. As duas seguiram adiante pela estrada até o dia ficar tão abafado e o sol tão cáustico que a noiva mais uma vez sentiu sede. Quando por fim se aproximaram de um rio, já esquecida da resposta indelicada da criada, a princesa pediu-lhe:

– Desce do teu cavalo, por favor. Desejo que me tragas um pouco de água em meu copo de ouro para eu beber.

Mas a criada respondeu com mais arrogância ainda do que antes:

– Bebe, se assim desejas, mas não serei eu quem irá te buscar água.

E a princesa tinha tamanha sede, que desceu do seu cavalo, deitou-se ao chão e debruçou-se sobre o rio, chorando e lamentando-se: – “O que será de mim?”. E o cacho de cabelo respondeu-lhe novamente:

Ai! Ai! Se tua mãe disso viesse a saber,
Quão amargamente seu coração iria sofrer!

Mas quando a moça debruçou-se para beber, a mecha de cabelo caiu dentro do rio e foi levada pela correnteza sem que a princesa se desse conta, tão amedrontada estava. A criada, contudo, não só o percebeu como bastante se alegrou, pois conhecia o poder do talismã e sabia que agora, uma vez perdida a madeixa, a pobre noiva ficara indefesa. Assim, quando a moça acabou de beber e estava pronta a montar de novo em Falante, a criada anunciou:

– Eu montarei em Falante e tu seguirás em meu cavalo.

E a princesa foi obrigada a ceder o seu cavalo e logo depois a despir-se de suas vestimentas reais e vestir as vestes usadas da criada.

Finalmente, ao se aproximarem do destino, a criada traidora ameaçou matar sua senhora caso ela um dia contasse a alguém o que se passara. Mas Falante a tudo presenciou, e a tudo guardou na memória. Aí as duas

seguiram a viagem até alcançarem a corte: a criada montada em Falante e a verdadeira noiva no outro cavalo. Todos se alegraram com a chegada da noiva e o príncipe correu a recebê-las, ajudando a criada a desmontar, julgando ser esta a princesa com quem iria se casar. Assim, a falsa noiva foi conduzida escadaria acima para o aposento real, mas a verdadeira princesa ordenaram que ficasse aguardando embaixo no pátio.

Entretanto, aconteceu do velho rei estar à janela e, avistando aquela moça no pátio, por demais bonita e delicada para servir como criada, foi até os aposentos reais e indagou da noiva quem era aquela que ela trouxera consigo e que fora deixada aguardando de pé no pátio.

– É uma criada que trouxe como acompanhante na estrada – a falsa noiva explicou. – Por favor dê-lhe algum trabalho, para que ela não fique desocupada.

Por algum tempo, o rei não conseguia pensar em nenhum trabalho que um moça assim tão delicada pudesse executar, mas, por fim, disse:

– Tem um rapaz que cuida dos meus gansos; ela poderá ser sua ajudante.

O nome desse rapaz a quem a verdadeira noiva deveria auxiliar no cuidado dos gansos era Pedro.

Pouco tempo depois, a falsa noiva perguntou ao príncipe:

– Querido esposo, me concederias um favor?

– De certo que sim.

– Ordena que a cabeça do cavalo no qual eu viajei seja cortada, pois foi muito desobediente e muito me atormentou durante toda a viagem.

Na verdade a criada temia que Falante viesse a relatar tudo que ela fizera com a princesa. Mas conseguiu o seu propósito, pois o jovem rei ordenou que cortassem a cabeça de Falante. Contudo, quando a verdadeira princesa soube da ordem, foi chorando implorar ao homem que iria matar o seu cavalo que, depois de cortada a cabeça, esta fosse dependurada em um gancho no escuro portão de entrada da cidade, por onde ela tinha de passar todos os dias pela manhã e de novo de tarde. Deste modo, ela poderia continuar vendo Falante todos os dias. O homem consentiu em satisfazer este pedido da moça; cortou a cabeça do cavalo e a dependurou no sombrio portão.

Cedo na manhã seguinte, quando ela e Pedro cruzavam o portão, a princesa suspirou tristemente:

Ai, cabeça do Falante, aí estás dependurada!

E a cabeça respondeu:

Noiva, pobre noiva, aí estás amargurada!

Ai! Ai! Se tua mãe disso viesse a saber,

Quão amargamente, seu coração iria sofrer!

Conduzindo os gansos, a moça e o rapaz saíram da cidade e chegaram na campina. Lá, a moça sentou-se numa pequena elevação do gramado, onde soltou os seus longos cabelos ondulados, de pura prata, para penteá-los. Pedro, vendo-os brilhando ao sol, tentou arrancar um dos fios prateados, mas a moça de imediato ordenou:

Soprando, brisas, soprando!

O chapéu de Pedro levando!

Soprando, brisas, soprando!

Atrás do chapéu Pedro voando!

Por todo monte, vale e relvado,

Seja o chapéu sempre levado,

Até que os meus cachos prateados

Estejam penteados e bem-amarrados.

E bateu um vento forte que levou para longe o chapéu de Pedro. E lá se foi o chapéu, por sobre os montes, e Pedro atrás dele. E quando Pedro por fim conseguiu retornar com o seu chapéu nas mãos, a moça já terminara de pentear e prender novamente os cabelos. Então, bastante zangado e emburrado, o rapaz não quis mais conversa com ela naquele dia. Os dois cuidaram dos gansos até escurecer e depois os guiaram de volta para casa.

Na manhã seguinte, ao cruzarem o escuro portão, a pobre moça olhou para a cabeça de Falante e suspirou:

Ai, cabeça do Falante, aí estás dependurada!

E a cabeça respondeu:

Noiva, pobre noiva, aí estás amargurada!
Ai! Ai! Se tua mãe disso viesse a saber,
Quão amargamente seu coração iria sofrer!

Conduziram, em seguida, os gansos até a campina e a moça de novo sentou-se na relva onde começou a pentear os cabelos como da outra vez; e Pedro correu até ela, querendo tocá-los, mas ela rapidamente ordenou:

Soprando, brisas, soprando!
O chapéu de Pedro levando!
Soprando, brisas, soprando!
Atrás do chapéu Pedro voando!
Por todo monte, vale e relvado,
Seja o chapéu sempre levado,
Até que os meus cachos prateados
Estejam penteados e bem-amarrados.

E veio um forte vento que soprou para longe o chapéu. E lá se foi o chapéu voando um bom caminho por sobre os vales mais distantes, de modo que Pedro teve de ir atrás dele. E quando o rapaz finalmente retornou com o chapéu nas mãos, a moça já arrumara os cabelos, não havendo mais perigo dele poder tocá-los. Cuidaram então dos gansos até escurecer.

De noite, ao chegarem em casa, Pedro foi até o rei, reclamando:

– Não quero mais aquela moça estranha me ajudando a cuidar dos gansos.

– Por quê? – indagou o rei.

– Porque ela se diverte às minhas custas todos os dias.

E o rei quis saber de tudo o que acontecia. E Pedro assim lhe contou:

– Pela manhã, ao deixarmos a cidade com os nossos gansos, ela chora e fala com a cabeça do cavalo dependurada no portão, suspirando:

Ai, cabeça do Falante, aí estás dependurada!

E a cabeça responde para ela:

Noiva, pobre noiva, aí estás amargurada!
Ai! Ai! Se tua mãe disso viesse a saber,
Quão amargamente, seu coração iria sofrer!

E Pedro continuou descrevendo para o rei tudo o que se passava a seguir, na campina, para onde levavam os gansos. Contou como ela ordenava que o seu chapéu fosse levado pelo vento, e como ele se via obrigado a ir correndo atrás do chapéu para recuperá-lo, deixando os gansos com a moça. Quando Pedro terminou o relato, o rei lhe disse para sair com os gansos e a moça no dia seguinte, como de hábito. Logo que amanheceu, o rei postou-se detrás do portão e ouviu a moça suspirar e falar com Falante, ouvindo, também, a resposta do cavalo. Depois o rei seguiu Pedro e a moça até a campina, e se escondeu por trás de uma moita, de onde logo pôde ver com os seus próprios olhos como os dois conduziam os gansos e como, depois de um tempo, a moça soltava os cabelos que reluziam ao sol. Então, ouviu-a ordenar:

Soprando, brisas, soprando!
O chapéu de Pedro levando!
Soprando, brisas, soprando!
Atrás do chapéu Pedro voando!
Por todo monte, vale e relvado,
Seja o chapéu sempre levado,
Até que os meus cachos prateados
Estejam penteados e bem-amarrados.

E logo uma forte pancada de vento carregou o chapéu de Pedro, enquanto a moça ficava a pentear, despreocupada, os seus belos cabelos. Tudo isso o rei assistiu. Voltou depois para casa sem ser visto, e quando a pequena guardadora de gansos retornou de noitinha, ele a chamou e perguntou por que fazia aquilo, mas ela caiu em prantos, dizendo:

– Isso a ninguém posso revelar ou poria em risco minha vida.

Mas o rei de tal modo implorou e não a deixou mais em paz que ela acabou por tudo lhe confiar, palavra por palavra. E foi sorte sua o ter feito, pois o rei ordenou que lhe trouxessem vestimentas reais e a contemplou, embevecido, tamanha era a sua beleza. Depois chamou o filho e revelou-

lhe que vivia com uma falsa noiva, uma mera criada, e que a verdadeira ali estava. E o jovem rei muito alegrou-se ao ver a beleza da moça e ao reconhecer o quão dócil e paciente ela havia sido. E assim, sem mais nada dizer, ordenou que uma festança fosse preparada para receber toda a corte. O jovem rei sentou-se à mesa com a falsa princesa de um lado e a verdadeira do outro; mas ninguém a reconheceu, pois a todos estonteava com sua beleza, e também porque em nada se parecia agora com a pequena guardadora de gansos, vestida naquele luxuoso vestido.

Quando todos haviam se fartado de comer e beber, e já estavam bem alegres, o velho rei narrou toda a história da princesa como se fosse um relato antigo que ouvira em outros tempos. Aí perguntou à criada qual o castigo ela acreditava deveria ser dado a alguém que desta forma se comportasse.

– No mínimo, no mínimo, deveria ser colocada em um barril cheio de pregos pontudos que fosse atrelado a dois cavalos para ser arrastado de rua em rua até a pessoa morrer – foi a sua resposta.

– Tu és a malvada da minha história! – bradou o rei. – E como julgaste a ti mesma, será este o teu castigo.

E o jovem rei casou-se com sua verdadeira esposa, e os dois reinaram felizes e em paz por toda a vida.

Texto de acordo com a nova ortografia

Tradução: Zaida Maldonado

Capa: Marco Cena

Preparação de original: Jó Saldanha

Revisão: Luciana Balbuena e Fernanda Cavagnoli

G864b

Grimm, Jacob, 1785-1863

A bela adormecida e outras histórias / Jacob Grimm/e/ Wilhelm Grimm;

tradução de Zaida Maldonado. – Porto Alegre: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET ; v. 254)

ISBN 978.85.254.2138-8

1. Ficção infantil. 2. Grimm, Wilhelm, 1786-1859. I. Título. II. Série.

CDD 028.5

CDU 087.5

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© da tradução, L&PM Editores, 2002

Todos os direitos desta edição reservados a Newtec Editores

Rua Comendador Coruja 326 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br



